

HIGOR BENÍZIO

MAIDITO PADRE!



HIGOR BENÍZIO

**MALDITO
PADRE!**

HIGOR BENÍZIO

MALDITO PADRE!









Copyright© 2026, Higor Benício. Copyright© 2026 Basílio Kaliei Baran.
Copyright© 2026 Wendell Araújo. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser reproduzida por quaisquer meios, salvo em breves
citações e com a indicação da fonte.

Revisão, diagramação e capa

Thatyane Furtado

Artes

Eclipse total do coração, de Wendell Araújo
A Crowd of Lapwings, de Robinson, Charles

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

B467m

Benício, Higor

Maldito padre! / Higor Benício. 1ª ed. Santana, AP: Editora
Minna, 2026.

166 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-979554-0-4

1. Ficção e contos brasileiros. I. Benício, Higor. II. Título.

CDD B869.3

CDU 82-31(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção e contos brasileiros: B869.3



MINNA

Editora Minna

www.minnaeditora.com.br

contato@minnaeditora.com.br



SUMÁRIO

MALDITO PADRE!.....	9
O QUE ME MANTÉM VIVO.....	11
NEM VAI DOER.....	19
BATE-BOLA.....	27
NA LAMA DO DIA SEGUINTE.....	33
LIMÃO E SANGUE.....	39
SENDA DE ROSAS.....	45
PARALELAS.....	53
BALADA PARA JÚLIA.....	61
É FODA.....	65
POTE DE MANTEIGA.....	71
O ESTRANHO SEM NOME.....	77
FERNANDO ERA PESSOA.....	93
TUM! TUM!.....	97
BÍTER.....	107
BODAS DE OURO.....	115
FOGO.....	125
A COISA E O ÍMPETO.....	129
O NATAL DOS PERDEDORES.....	133
O PADRE NO XADREZ.....	135
CONTEÚDO EXTRA	
VERTICALIZAÇÃO, DE BASÍLIO KALIEL BARAN.....	153

Tatear no escuro é um sinal de que você ainda não desistiu.



“Os loucos, Mino pensava, eram os
sentinelas da noite do mundo”.
Andante com Morte, Mario Pontes

O QUE ME MANTÉM VIVO

Quando acordo, a primeira coisa que noto é que estou de camisa trocada.

Depois, a cama. Pelo menos a cama é minha.

Levanto e vejo a mulher no sofá. Ela encara meus olhos arregalados e vai logo se defendendo:

— Não fizemos nada, padre. Nada. Nem bêbado você dá uma chance.

Vou até o espelho conferir o estrago e fico ali parado um bom tempo.

— Ei, tá fazendo o que aí? — me pergunta.

— Refletindo.

— Não tem graça.

Ela diz que o Leonardo já vem buscá-la e que comeu alguma coisa na cozinha. Leonardo. Leonardo é um nome ruim. Demônio dos sabás negros, um burocrata do inferno.

— O que eu fiz? — pergunto.

— Encheu a cara lá no bar, ficou doidão.

Mexo na camisa.

— Foi a melhor que achei — ela justifica.

— Do que tá falando?

— Do banho, Raul.

— Banho?

— Você tava todo vomitado, tive que te dar um banho.

— Puta que pariu.

— Relaxa, você se comportou.

— É, me comportei... dá pra ver.

Lá fora a vida segue. Fico pensando em quantas daquelas pessoas possuem imagens do meu vexame dentro da cabeça. Poucas. Estimo o dano a partir daí. Pego o celular, vasculho cada aplicativo potencialmente perigoso. Conversei com pessoas que não queria, se é que posso chamar de conversa o monte de dores mal-escritas, de carências. Começo a arrumar as coisas na mente, busco justificativas, mas não lembro, e isso é péssimo.

— Qual é o seu nome?

— Eu tô acostumada com isso. — Ela fecha a camisa, segura a bolsa e joga o resto de café na pia. — Não ligo mais. Você não me bateu, então, já tô no lucro. E foi bom dormir aqui.

Ela me estende um papelzinho com um número e um nome.

— Jéssica. — Ela lança uma piscadela e começa a ir embora. — Me liga qualquer dia e me leva pra comer num lugar legal. Aí a gente fica quite.

•

Estou sentado no balcão da padaria, o café evaporando perto do meu rosto.

Gêmeas, que não devem ter mais do que seis anos, dividem um pedaço de torta. A cada colherada, os movimentos espelhados se repetem junto com o sorriso de satisfação. O pai está digitando no celular enquanto beberica uma xícara. Tudo parece perfeito e adequado ao meio da manhã. Luana para no intervalo entre as mesas que atende e observa também. Uma, duas, três vezes. Seu rosto diz que quer ter um filho e que poderiam ser gêmeos também, bem assim, perfeitinhos. A cena tem calor próprio e é dessas que faz a gente ter fé nas pessoas. Fica assim por

bons minutos, até acontecer o imprevisto. Sem mais nem menos, a menina mete a colher no meio da cara da irmã, que começa o berreiro e, não satisfeita, revida jogando o prato em cima da agressora.

O homem esquece a tela, pede pano ou qualquer coisa. Luana corre para ajudar. Tudo indica o sussurro, a tentação repentina e sem explicação sobre pobres crianças inocentes. Outros falam em criação, em repetição. Não acredito em nada disso. Os demônios, os papais e as mães já estão com os ombros cheios demais, por favor. Essa, pelo menos essa, tem de cair na conta das coisas como são.

— Sua benção, padre. — Luana tem uma bandeja na altura dos seios.

— Deus te abençoe. — Encaro as coisas um pouquinho. — Começou bem hoje, né?

Ela suspira.

— Você viu? Do nada criança faz arte, vai entender.

Quando diz *arte*, Luana me enche a cabeça de picuinha sem desconfiar de nada. Arte é muitas vezes a merda que alguém faz, é verdade. Reviro os olhos só de imaginar quantas linhas inúteis além dessas eu poderia preencher com o assunto. Vou poupar nós dois. Amém.

Gustavo puxa a cadeira na minha frente e pede um café.

É um homem desses que inspiraram o estoicismo. Tem sido um bom amigo e um bom homem para Dalila, que é uma boa amiga também. Gustavo me fornece alguns brinquedos e ajuda num pandemônio ou outro.

Sou atormentado por projeções de redenção, começo. Estamos aqui para isso. Nosso segundo tempo depois do bar. Gustavo enfia os dedos entre os poucos cabelos que tem, pronto para ouvir.

As formas variam. Às vezes é um momento catártico num palco, com a banda que se desfez na adolescência — como tudo nesse período pateta —, berrando tudo aquilo que foi imaginado

tantas vezes, e continua sendo. Às vezes é um reencontro, com a primeira dor antiga de ser considerado por uma mulher como uma possibilidade de futuro. Às vezes, é o potencial desperdiçado: poderia ter sido isso ou aquilo. Culpa do violão, do desenho, das letras e, como todo mundo: da bola. Às vezes, um sucessor. Mas ninguém cabe no meu sonho. Daí, depois de mais alguma repetição insistente, o mundo me chama de volta. Sou um padre. Tem uma menina possuída em algum lugar. Lobisomens, sacis, diabretes, cucas, matintas, cocas, sacrifícios, demônios, aparições, lârnias, mula sem cabeça e todo o tipo de merda que você pode imaginar — e outras que felizmente não pode. Estou aqui para isso. Vou lá e meto um murro na cara de um bruxo em Jacarepaguá. Assassino um monstro que em algum lugar foi chamado de Marat. Salvo uma criança de um altar de sacrifício e seus pais me amaldiçoam. Desfaço mais uma maldição. E outros infernos que tenho preguiça de listar. O foda é que nada disso, nada disso me alivia o fardo. Nada disso me livra de me encontrar comigo em cada esquina do travesseiro. Porra nenhuma me tira deste lugar patético entre as orelhas.

— Foda-se — Gustavo xinga depois do meu discurso. — Foda-se — ele repete. — Foda-se, foda-se e foda-se.

Levo um tapa no ombro, no que Gustavo finalmente completa:

— Sabe do que você precisa, Raul? — Pausa dramática, sobancelhas erguidas. — De um *hobby*, ou qualquer merda dessas!

•

Um hobby, é disso que eu preciso.

A noite está fria, muito fria, mas nada que justifique a camada de gelo na janela. A mãe fica alegre ao ouvir que sou eu na porta. Manda entrar e me oferece café. Eduardo, *Dudu*, está com febre baixa, encarando um sono inquieto. Explica que é mãe solteira,

que foi promovida no emprego e que eles podem se mudar dali se *a coisa* estiver impregnada na casa — ela faz o sinal da Santa Cruz e toma um gole do café. Agarra um terço deixado em cima da mesa e fica remexendo o objeto entre as mãos suadas. É supersticiosa, e superstição nunca é bom, desvia o espírito em favor do corpo, coloca a mente no caminho do objeto. O terço não adianta; adianta a fé.

Dudu se revira na cama e geme. Termino meu café, peço que a mulher me deixe sozinho com o garoto, ela estranha, mas concorda. Sai de fininho e se instala com as costas na parede. A porta está aberta e vou deixar assim.

O quarto é pequeno. A única luz vem da mesa de cabeceira, onde repousa um volume amassado de quadrinho japonês. Os móveis são baratos, mas cumprem sua função. Todos limpos, revelam que a mulher não esqueceu a criança. Roupas dobradas, no lugar. Cheiro de ipê, leve e fresco. Um computador. Alguns brinquedos. O lugar apenas não reflete a fé exposta na cozinha. Não vejo nenhum sinal dela, por menor que seja, mas isso também não importa muito. Entre o final do guarda-roupa e o umbral da porta habita uma escuridão que anseia por engolir tudo, por onde a luz parece entrar e sumir no mesmo instante. Tudo se ausenta ali, e logo descubro a razão do frio: dois pontos brancos, como estrelas solitárias, me observam de dentro do breu.

É um encosto, criaturas que seguem os trilhos da inveja, de sentimentos espúrios lançados por pobres almas sobre pobres almas. Com um mínimo de vontade, são inofensivos; não vão muito longe quando atentam alguém que pelo menos agradece pela comida ou não suja os pés nas misérias oferecidas em cada esquina. Em geral, sobra para as crianças. Inofensivas diante das influências, são como esponjas novas sobre a pia. Febre, pesadelos, falta de apetite, ataques de choro repentinos, medo excessivo, pirraça e outras coisas podem acontecer. Caso o pequeno tenha alguma sensibilidade, aí complica. O irmãozinho aparece no

espaço entre o fósforo e o ciúme, e temos uma dessas tragédias inexplicáveis que deixam os especialistas gaguejando no jornal das oito, enquanto tentam dar forma àquilo que é justamente a ausência total dela.

Minha presença aqui deve ser mais do que o suficiente para espantar o babaca.

Encara, encaro de volta.

Dudu puxa o cobertor para cima, apesar de estar suando. Perto da cama, encostado na parede, bem no fundo, está um violão esquecido entre a mochila e o patinete. Pego o instrumento e me sento na cama aos pés do garoto. Afino as cordas velhas devagar, demoro um pouco. Corda seis. Corda cinco. Corda quatro. Corda três. Corda dois. Corda um. Corda um. Corda um. Ameaço um acorde. Um livro cai no chão, a lâmpada pisca. Ameaço outro. A geladeira estala na cozinha. Decido tocar aquela que, como disse Renato Russo, é a *última música, do último lado, do último disco de Cazuza*. Um sinal ignorado, como quem se esconde no meio da rua.

Canto baixo e acerto as cordas sem força.

Tem gente que recebe de Deus quando canta.

A luta começa.

Tem gente que canta procurando Deus.

É mais forte do que eu pensava. A garganta seca, a cabeça dói. Eduardo faz cara de choro.

Quando eu estiver cantando.

Não se aproxime.

A mãe, estranha na moldura da porta, parece entender e recua.

O meu canto redime o meu lado mau.

Sinto vontade de quebrar o violão na cabeça do garoto. Resisto. Minhas mãos começam a ficar dormentes. Agora vejo a minha respiração e os resquícios da minha boca. Esfria, esfria e esfria. Não vou perder. Levanto. A porta fecha e o vejo de pé, no meio do caminho. *Não se aproxime.* Avanço. Avanço. Uma pontada de fome perfura o meu estômago, tanto que penso em morder a própria língua.

*Porque o meu canto é o que me mantém vivo.
É o que me mantém vivo!*

O encosto foge pela janela, e tenho certeza de que não vai voltar. Dudu respira fundo, encontra o sono. Vai acordar bem amanhã.

Cansado, digito o número da Jéssica no celular. Ela atende. Pergunto se quer sair para comer alguma coisa.

— *Agora?*

— É, agora.

NEM VAI DOER

Se pudesse dizer uma única frase neste momento, ela não valeria a pena.

Mandaria alguém ir se foder.

Mandaria o mundo ir se foder.

Quando você pensa que já viu de tudo, um filho da puta faz sua bagunça numa garagem no cu do mundo. Ele acha que tem um sol no umbigo, iluminando toda a porcaria que gosta de fazer. Ilumina as mulheres penduradas em anzóis, com a pele das costas quase rasgando. Mascara os cantos com pilhas selecionadas, pilhas de mãos, pilhas de pés, pilhas de dorsos, pilhas de restos impossíveis de identificar. Meu lenço não é suficiente. Estou sujo. O pulmão, acostumado ao cigarro, chia e arranha quando a sujeira entra. Entra e se instala. Minha alma perde pedaços, enquanto perco os restos de comida no estômago. Melo os sapatos velhos, sem conseguir conter o impulso. A calça já não tem salvação: é lixo. Pelo menos a calça eu posso jogar fora; a imagem, não. Nem o cheiro ou o gosto que me invade quando desvio a respiração indignada do nariz para a boca, para a língua, dentes e bochechas. Há também o vômito, e ele é forte, mas não o suficiente.

Um dia, se prenderem todos os filhos da puta deste mundo, quem vai trancar a porta da cadeia?

Não vai ser o Miranda.

Viro o que sobrou da sua cabeça com a ponta do pé.
Nem sempre as coisas que eu faço funcionam.

•

Olhei minhas mãos sobre a mesa de metal pintado de preto.

— Você sabe o porquê de estar aqui, Raul.

As mãos do Miranda eram grossas, mas não por causa de trabalho pesado. Seus calos vinham da covardia.

— Porque eu fiz o seu trabalho.

Ele riu e tirou uma caneta do bolso na camisa.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, enquanto você achata a sua bunda numa cadeira, eu faço o seu trabalho. Posso desenhar se quiser.

— Não precisa.

No queixo duplo e grotesco, ele exibia uma cicatriz desarranjada e rechonchuda como uma minhoca gorda. Coçou aquela merda durante todo o interrogatório.

— Você acha que é muito esperto, Raul. Acha que esse colarinho vai te livrar das merdas que faz, é sempre assim. Mas tenho uma novidade para contar: hoje a coisa ficou bem feia pro seu lado. Muito feia.

Um velho lustre com luz amarelada rangia sobre nossas cabeças; seu mau contato parecia dar razão ao brutamonte.

— Já acabou? — perguntei, sentindo a pressão entre os dentes ficar perigosa. — Se não encurtar essa conversa fiada, eu vou cagar pra essa porcaria de interrogatório e resolver mais alguns dos seus problemas, investigador.

— Não vai não. Vou trancar você naquele mosteiro, junto com seus loucos.

— Existem lugares muito piores que o Santa Dimpna.

— Quem matou aquela mulher, Raul?

— Eu já...

— Não quero ouvir essa *besteira de padre* — interrompeu, desistindo no último instante do soco que daria sobre a mesa. — Demônios são de carne e osso, e todos eles têm CPF.

— Nem todos.

Bufou duas vezes antes de iniciar aquele que já era o meu terceiro depoimento, um relato exatamente igual aos outros dois.

— Quero que me conte mais uma vez como tudo aconteceu — ele fez uma pausa e rabiscou alguma coisa dentro da pasta com a caneta. — Em detalhes desta vez, por favor.

— Gostei disso. — Disso o quê?

— Ver você pedindo *por favor*, achei uma graça. Isso está na lei também?

— O quê?

— Pedir *por favor*, seu idiota.

A mesa escapou de novo de levar um murro, tanto que afastei os ombros e ergui as sobrancelhas.

— Estou perdendo a paciência, Raul. Perdendo a porra da paciência.

Seus sapatos de solado sólido saltaram em círculos pela sala, como um cão que avista o rabo. Para onde ele iria? — Eu sei, e gosto disso também.

— Ah, é? Você vai gostar *disso também...*

Seu crachá foi parar nas costas quando ele chutou a cadeira e me pegou pelo colarinho. Fechei os olhos quando vi que uma aliança grande iria piorar a situação do meu rosto.

— *Miranda! Para com essa merda, seu filho de uma puta!* — disse a voz que vinha de algum microfone. Miranda me soltou com um empurrão e foi pegar a cadeira caída, calculando cada passo e cada movimento, como numa aula de ioga, para se acalmar.

— *Ok* — disse, voltando a se sentar. — Não vou entrar mais no seu joguinho.

Depois de enfiar uma das mãos no bolso da calça apertada, com movimentos custosos e alvoroçados, ele abriu um chiclete longo e começou a mascar com a boca aberta.

— Não vou mesmo. Não desta vez. *Putá que pariu: não desta vez.*

Mas eu poderia entrar no joguinho dele. “Helena foi morta por um demônio”, eu diria, “um oportunista; mais um. Do tipo ninfomaniaco, que fez a pobre coitada literalmente *dar até morrer*. Matou-a por exaustão física. Quando cheguei ao lugar, metade do seu corpo pendia nu sobre a mesa, com as pontas dos pés no chão. Demônios deixam rastros, detetive”, eu explicaria, outra vez. “A menina fedia a podre, mesmo com o cadáver ainda fresco. Os cabelos tinham as pontas brancas como algodão, e de seus olhos dilatados e negros escorria sangue”.

“Mas nada disso é sobrenatural”, ele constataria com satisfação renovada.

“Eu entendo”, responderia, seguindo o *script*. Depois, detalharia todo o procedimento para lidar com um demônio nessa situação. Porém, dessa vez havia um fato novo, lance que custou duas semanas do meu tempo.

— Vê se pode — Miranda coçou a cabeça e riu. — Como era mesmo a história? Um *demônio ninfomaniaco*? Quando você pensa que já ouviu de tudo...

— Pois é. Duvidei que *ele* conseguiria alguma coisa com você.

Miranda estreitou os olhos grandes e não explodiu como costumava fazer. Recostou-se na cadeira e passou os dedos pelo cabo da pistola, liberando o botão que a prendia ao coldre. De repente, apertou alguma coisa debaixo da mesa, e alguém abriu a porta.

— Miranda — disse um homem de óculos, com cabelos ralos. — Quinze minutos, é tudo que te dou. Quinze minutos.

A porta se fechou, e Miranda não moveu um músculo.

— Esse é o momento em que você diz: *Não sei do que está falando, Raul.*

Ele manteve o silêncio. Podia sentir o cheiro do esforço que fazia para pensar e controlar as coisas dentro de si.

— Como uma mulher morta me revelaria isso, investigador?

— Não foi uma mulher morta — ele respondeu devagar, enfiando o indicador no gatilho.

— Não, não foi. Almas não ficam por aqui, investigador.

Olhei a mesa e não pude deixar de pensar em Dalila. Suas cartas sobre a mesa depois do embaralhar natural. A Justiça. O Mundo. A Torre. O Diabo. Dalila me daria razão. Existem mulheres mortas que revelam coisas.

•

Existem mulheres que simplesmente vencem. Exalam uma áurea diferente, que cobre os espaços por onde passam. Não enchem o seu saco por causa de uma cueca no chão do banheiro, muito menos ficam a semana toda de cara emburrada se a foda foi ruim. Elas simplesmente resolvem. Simplesmente vencem. Tem sorte quem consegue acessar os porões de uma mulher assim, porque acaba ficando lá o resto da vida. Não vai adiantar nada quando a garota de unhas enormes vier falar que viu você bebendo. Não vai adiantar quando o vizinho achar que pode comer quem ele quiser. Não vai adiantar pegar o aspirador de pó emprestado e não devolver. Não dei essa sorte; pode ser que eu não mereça.

Ela tinha uma cicatriz que ia da orelha até o queixo, mas não deixava de ser bonita. Essa é outra das manifestações desse tipo de mulher: elas são sempre bonitas. E essa me deve *uma*. Eu mesmo peguei o responsável pela marca, peguei com as duas mãos. Linda como sempre, Dalila.

— Sua benção, padre.

— Deus te abençoe.

- Quer café?
- Quero, claro.
- Ótimo.
- Como vai o Gustavo?
- Ótimo.
- Ótimo.

A maioria dos incensos é ruim, apesar das milhões de promessas estampadas nas caixinhas vagabundas e dos desenhos exotéricos. Os de Dalila prestam, e a razão é muito simples: ela não os compra para disfarçar o cheiro da casa.

Sobre a mesa forrada com o pano verde, suas cartas, um cachimbo e cristais. Por favor, não confunda as coisas. Precisa ganhar dinheiro, e a verdade desmascarada raramente faz isso por nós. Ela não mente, mas quem acreditaria em conversas com querubins? Quem acreditaria no seu talento quando tudo que reconhecem é sujeira e mentira? Quem acreditaria se eu dissesse que a maior parte do que ela faz é de graça?

Uma vez acompanhei as coisas enquanto ela atendia uma senhora gorda e descabelada. Queria se comunicar com o filho, morto em uma briga de bar havia dois anos. Dalila dividiu o baralho em três e pediu que a velha retirasse uma carta de cada pilha. Encenação. Bobagem. Todo o teatro custou setenta reais.

— Por que mandou me chamar, Dalila? — bebi um gole de café.

— Uma mulher veio aqui na semana passada, queria falar com a filha morta, o de sempre.

Poderia ficar o dia todo encarando aqueles olhos. Aquela essência de uma árvore que se ergue no meio do cimento e vai destruindo a calçada em volta dela. Gustavo que me perdoe.

— Certo.

— Aquelas mulheres em São Pedro, Raul. Acho que é *ele* outra vez.

— Não, deve ser outro. Tenho um contrato, *ele* não pode mais fazer possessões.

— Não, não pode. Mas pode atentar, pode se hospedar. Pode emprestar sua força, seus desejos, entre outras coisas.

— Duvido, o filho da mãe não se atreveria.

Dalila então tirou de algum lugar o papel dobrado e o esticou sobre a mesa. Nele, o rosto desenhado de um homem medíocre de olhos grandes e um queixo duplo rasgado por uma cicatriz em forma de minhoca rechonchuda.

— Miranda? Debaixo do meu nariz? Tem certeza disso? O cara é um imbecil, mas não acho que tenha dado brecha pra *ele*...

— Dalila não desviou o olhar. — Deu?

Dalila não respondeu.

Merda.

•

— Dalila? — A voz de Miranda ficava cada vez mais arrastada, mais lenta. — É claro que foi aquela vagabunda.

— Uma vidente tem suas utilidades, e o preço costuma ser acessível.

— Essa é a única prova que tem? O relato de uma vidente?

— Não me interessa o que acontece ou deixa de acontecer com alguém como você.

— Não vai tirá-lo de mim, padre. — As pupilas de Miranda dilataram e ganharam um tom de piche. Ouvi as partes da pistola caírem no chão, esmagadas.

— Ah, eu vou, e se ficar quietinho, prometo que nem vai doer.

BATE-BOLA

Fazendas nunca são só fazendas.

Todo canto de terra guarda um segredo, sem exceção.

Chove muito, é madrugada. Relâmpagos pintam o horizonte de branco e a água quase bate nos joelhos. Da estrada de chão que passa pela fazenda, só consigo discernir a figura do bate-bola¹. A pessoa fantasiada caminha com dificuldade, colorida, enfrentando a correnteza como uma árvore de raízes profundas. Um palhaço. Vai me matar se eu não der um jeito. Já escolheu o machado. O cabo encharcado e escurecido está onde eu posso ver, apoiado no ombro, substituindo a bexiga usual. Um alerta.

— Não tem para onde correr, padre. — O grito é amenizado pela chuva, mas posso ouvir, e ele sabe disso. — Vou te colocar no toco e cortar como se fosse lenha.



Em razão de uma coceira ao acordar, resolvo limpar os ouvidos.

A quantidade de sujeira nos cotonetes me surpreende. As hastes de plástico, com algodão nas pontas, parecem não ter feito incursões por ali há muito tempo. Os túneis, cansados da constatação de

¹ Clóvis, Pierrô, Clown são nomes de fantasias carnavalescas características do subúrbio do Rio de Janeiro. A tradição foi trazida pelos colonizadores portugueses, tendo sido também influenciada pela folia de reis (Fonte: Wikipédia).

que é *melhor ouvir isso do que ser surdo*, foram totalmente esquecidos. *Onde estive?* É a pergunta da vez. Atormenta. Meu pau está limpo. As unhas, cortadas. Verifico a caspa no cabelo, e os pelos debaixo do braço. Tenho que cortar as unhas dos pés e tirar com um palito o pedaço de pão entre o siso irremovível e a carne rosa da minha boca. *Deus me proteja de mim e da maldade de gente boa*. Chico César tem razão; os que não falham são os homens maus.

De repente, a fila anda e eu ando.

Rostos irrepetíveis se revezam na dança automática: espaço, anda, espaço, anda. Atrás do boneco de papelão gigante, que anuncia as maravilhas de um inseticida, a expressão do senhor me atrai. Cansado, com as bochechas perdendo a batalha contra a gravidade, olhos azuis e calmos como um lago. Chegam e saem os ônibus do terminal. Algum sujeito grita. Passam os sisudos armados em direção aos caixas eletrônicos. Gordura velha nas caldeiras de lanchonetes amontoadas. Lixo. Mijo. E o senhor ali, manso e sereno. Olhá-lo é como entrar numa igreja onde a cidade fez questão de crescer em volta. Fora, o barulho e a loucura dos *desomens*. Dentro, silêncio e gente. Está quase indo embora, não duvido, e já pode vislumbrar aquilo que o espera, pelo menos um pouco. Viveu bastante, e deve ter vivido direito, ou nada disso, mas sabe que viveu, sabe o que fez e o que deixou de fazer. É o que lhe interessa.

No outro lado, sentado num dos degraus da pequena escadaria, reconheço a sinceridade do homem parado ali, de mãos unidas sobre os olhos fechados. Não mexeu um músculo desde que comecei a vê-lo. Anda, espaço, anda. O homem mantém o gesto. Anda, espaço, anda.

Escuto algum *não posso resolver, porque sim*, bem depois de *uma xerox autenticada, porque sim*, outra xerox, *porque sim*, e mais um *porque sim, pagar multa, porque sim, pagar taxa, porque sim, não foi nossa culpa, porque sim* e *não posso fazer nada, porque sim*.

Por mais impressionantes que sejam, o velho, o homem e a moça do *porque sim* são exemplares de uma mesma coisa: aqui, genuína; acolá, quase apagada.

Ao redor, consigo contar seis pequenas cavernas. Suas entradas decoradas com o ofício: Impressão – Xerox – Foto 3x4. De cada uma brota outra fila. A lotação suja, aquele sugar de miséria, me lembra a Câmara dos Deputados.

Entro numa das cavernas.

Lá dentro estão quatro pessoas mortas, pulando e gritando no fogo do inferno, penando porque o tempo ainda existe, a bunda ainda dói, o sexo ainda coça e a barriga ainda ronca. O céu é uma ilusão. O velho não existe. O homem não existe. A mulher do *porque sim* é um aguardado amanhã que povoa a memória e os sonhos obsessivos. Um dos quatro me cobra dois reais, mas não tem troco. Passa no cartão, o dinheiro vai para algum lugar dentro da maquininha, uma fantasia, e dali para outra, e outra, e outra.

Putá que pariu.

•

Lembro da minha avó, de duvidar quando dizia que, no interior, lá para as bandas onde morava, só se fazia festa em noite de lua cheia, por causa do escuro das outras noites.

Não vejo muito além do pisca-pisca na mascarada do bate-bola desgraçado. Rosa, verde, rosa, verde. O adorno acende parte da peruca colorida ao redor, um grande girassol de plástico, coberto com lâmpadas de *neon*. Ele se apressa, eu corro. Há quatro instintos: ou abrigo, ou arma, ou fuga, ou foda-se. Decido-me pela casa velha, que devia pertencer ao caseiro. Lá dentro, procuro uma arma. A cozinha não tem nada além de um fogão velho, potes com grãos e restos esquecidos e uma pia. Mudo de cômodo, e nada outra vez. O banheiro, até onde consigo ver, é outro

buraco inerte. A privada abriga água escura dentro de si e me encara do abismo, sugerindo o óbvio: a tampa da caixa de descarga. Retiro a coisa e o meu barulho se confunde com o do bate-bola arrombando a porta. Seus passos são pesados, a respiração me alcança em razão de algum mecanismo humano agora aceso. Abaixo-me no canto entre o umbral e a pia, preparando o bote.

— Padre, padre, padre. — Uma machadada cai sobre a parede e toda a estrutura precária treme. — Quem diria! Você aqui no inferno, junto comigo!

Sala, cozinha, um quarto, outro quatro. Faz silêncio quando decide finalmente pelo banheiro, é claro, já que a janela é pequena demais, não dá para sair por ali. Vem me pegar, despretenso, enfia a cara por entre o batente e eu acerto em cheio o nariz do qual só vejo o sangue jorrar. A louça é dura, antiga, *coisa boa*, diria mais uma vez a minha vó. Não estilhaça, mas racha um pouco. Bato outra vez e ela quebra. O bate-bola grita, tira a máscara para não se afogar. Tento passar por ele e correr até a sala, mas não consigo. Ele me segura e caímos os dois no chão. Agarra o meu pé direito e acerto sua ferida com o esquerdo. Mais sangue, mais gritaria. Penso em roubar o machado, esquecido pela dor, mas desisto, deixo tudo para trás e vou outra vez em direção à chuva.

•

Fotocópias em punho, hora de encarar a moça do *porque sim* outra vez.

Certas circunstâncias nos desafiam no limite entre a loucura e a mera percepção da realidade exposta no meio da fuça. Posso dizer, sem a menor dúvida, que sonhei com esse sujeito, careca, com óculos de praia, bermuda vermelha e mochila surrada. Fuma um cigarro, sentado no chão, no meio do fluxo de pessoas desesperadas por um lugar para se sentar nos ônibus lotados há

anos sem qualquer justificativa que não o desleixo e o lucro. Culpa-se a gasolina. Há fofoca e estresse nas agências de *sei-lá-o-quê*. Guardas fingem comandar o trânsito. E o sujeito ali, parado. Não é uma afronta, muito menos loucura, é apenas o fato: podemos nos sentar no meio da rua e fumar um cigarro. Esse simples gesto parece extraordinário e é *extraordinário*. Perco um sorriso, e não estou sozinho nisso. Aqui perto, no zoológico do Rio de Janeiro, São Cristóvão acolhe um leão que esqueceu como rugir. Na ala ao lado, os macacos gritam alucinados. Orangotangos sorriem em deboche, com as bundas calejadas de tanto se sentar. O urso bate a testa na porta, se afasta e bate outra vez. A placa diz que o comportamento é resultado de maus tratos em um circo. Circo, hora digno, inquestionável, como uma tradição honrada e nobre; hora cruel, violento e imbecil. Apenas os palhaços são sempre os mesmos.

— O senhor esqueceu de *xerocar* o comprovante de pagamento. — A moça do *porque sim* faz cara de cu.

— Tem certeza de que me pediu essa também? Porque acabei de...

— Senhor — ela interrompe, seca como uma noite de dores de cabeça. — Vou anotar para o senhor desta vez, pode ser?

— ...

— Fechamos às cinco. — Ela me entrega a lista e esboça um sorrisinho. — Pode voltar hoje ainda.

•

Deus me perdoe por pensamentos, palavras e obras.

Pessoas morrem por isso: *pensar demais*. Por um momento achei que o filho da puta tinha desmaiado.

Porra nenhuma, lá vem ele.

Não tenho saída além de pular no rio. O som de água batendo preenche todo o meu corpo. Fome me aperta o estômago,

como se todas as minhas reservas já tivessem sido convertidas em calor. Quando o bate-bola surge por entre a porta dos fundos, recebo uma onda de medo e, surpreendentemente, de paz. Lembro as circunstâncias desse dia que começou cedo. Lembro os milagres e os demônios. É inevitável se perguntar sobre as razões disso tudo. Lembro Jesus dormindo tranquilo enquanto o barco marcha à deriva no meio da tempestade que desespera os apóstolos. *Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*

Respiro fundo e apareço com a intenção de ser visto.

— *O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em pastos verdejantes, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma, guia-me nas veredas da justiça por amor do Teu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos; unges com óleo a minha cabeça, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor por longos dias...*

O bate-bola ergue o machado, um raio atinge a lâmina e somos lançados como imãs de polos contrários. Sinto cheiro de enxofre no ar e sangue. Apalpo meu corpo dos pés à cabeça: estou inteiro.

NA LAMA DO DIA SEGUINTE

Não sinto os pingos sobre a pele molhada. Tudo que escuto é o som da chuva lavando a terra e eu junto. Sete palmos de buraco enchendo de água barrenta, já sem qualquer corpo. Roupas flutuam emergindo do caixão arrombado lá dentro.

Ela poderia estar parada ali há muito mais tempo, não sei dizer quanto. Com duas cobras pretas no lugar dos pés, é silenciosa, rasteja como quem nada pelas poças. Seu manto vermelho é suficiente para nós dois. A presença me aquece.

— Raul — ela diz pelas minhas costas; deve estar sorrindo, suponho. — Você vê muito bem quando está escuro, mas não enxerga nada quando há luz por todo lado.



A cidade é pequena: uma igreja, uma praça, um hospital, uma delegacia, uma rodoviária e um cemitério. Nenhuma novidade para os quilômetros interiores do estado do Rio.

João cuida dos túmulos há trinta anos. Tem alguns poucos fios brancos despontando do couro cabeludo manchado, que dividem o lugar escasso com pintas murchas e verrugas. Anda devagar. Suas mãos são grandes e grossas, com pontas dos dedos arredondadas e desproporcionais. Ele traz os jornais locais e vai jogando sobre a mesa enquanto dita os nomes e as causas.

— Bernardo, batida de carro. Miguel, choque elétrico. Júlio, caiu da laje enquanto empinava uma pipa. Raul, afogou no rio. Gustavo, atropelado. — Faz uma pausa entre as notícias; o velho respira fundo antes de falar do neto. — Igor..., a merda de um celular.

Acender a luz apaga as estrelas, me disse Luana uma vez, quando pediu que eu a acompanhasse até o metrô depois do expediente na padaria. As ruas estavam escuras, desertas como se fosse domingo.

Estou prestes a jogar luz sobre assuntos que já tiveram seu tempo. Nenhum dos garotos tinha mais do que sete anos. Não quero visitar memórias cheio de perguntas óbvias, nem aturar as potências que um padre pode realizar nessas situações. Mães, pais, tias, avôs e avós, eu os deixaria em paz, pelo menos por enquanto, mas não posso poupar João.

— Você disse que eles simplesmente somem depois de serem enterrados, certo? — Tenho que perguntar, foda-se.

— Sempre os meninos. — João congela por um tempo, depois volta. — Morreram meninas também, padre. Deus tenha misericórdia. Mas são os meninos que somem, só os meninos.

Levanta, esfrega o rosto. Pergunta se eu quero café, e eu digo que quero. João conta que *até limpou a garrucha*. Arrumou mais um cachorro, mas morreu também. Todos acabam morrendo. Pereba, berne, bicheira ou sumiço. Alguma coisa vinha acontecendo entre períodos de calma, que sempre acabavam quando um menino morria.

— Os animais ficam assustados — ele me diz. — Fica mais frio à noite, tanto que sai fumaça da boca. Fica ruim de enxergar as tumbas, todas cobertas de serração. A “coisa” não aparece pra mim, padre. Sabe que eu não tenho medo.

Relata ainda que a polícia investigou, mas que nunca achou nada e não ligou os casos. Ninguém na cidade acha que ele tem

razão, ninguém concorda que os sumiços dos corpos dos seis meninos estão relacionados.

Pergunto pelo tempo.

— Seis anos — responde.

— Um por ano — digo mais para mim do que para ele. — Entendo. E agora o seu neto.

— Igor Geraldo de Araújo — diz e repete. — Meu neto. Meu neto. — Bate no peito. — Uma benção de sete aninhos.

Vejo lágrimas, mas João não está chorando.

— João. — Termino meu café. — A cidade é pequena, como o senhor sabe. Não aconteceu nada de diferente nesses seis anos? Nada que o senhor lembre, nenhuma mudança?

As mãos grossas coçam uma o braço da outra. O velho reluta, abre a boca duas vezes, mas não diz nada. Sussurra, argumenta que cidade pequena não muda muito. *Não muda muito.*

— Olha aqui. — Foda-se. — Eu não vim da puta que pariu à toa.

— Me respeita, garoto. — João se apruma.

— Estou esperando.

Ele fica quieto e dá um soco na mesa.

— Nos últimos seis anos, não. — Finalmente. — Isso pode não ser nada...

Olho nos olhos dele.

— O padre da cidade... *merda*. — Ele ri, para, pigarra. Balança a cabeça grande numa negativa. — Vai fazer oito anos que padre Ferreirinha morreu e o padre Fabiano entrou no lugar dele. Nosso santo não bate. Essas coisas do demônio... ele tinha que resolver.

— Falou com ele? — Uma merda de pergunta, eu sei.

João não responde de imediato, mas depois cede.

— Ele não faz nada por ninguém.

A lâmia tinha razão, ela era uma parte do problema.

Deslizou pelas costas, ao som de água escorrendo. Gravaria suas garras nas minhas costelas se eu fosse um pouco mais lento. Apalpo a roupa molhada em busca da medalha enquanto fujo por entre as poças. Corro tanto que os sapatos batem na bunda. Atrás de mim, o sibilar das cobras toma caminhos distintos do meu, tentando me encurralar por entre os túmulos.

Finalmente sinto o metal entre os dedos. Paro e encaro a criatura de frente. Tem os olhos negros, cabelos brancos cobertos pelo manto ainda mais vermelho por causa da chuva. Uma mulher jovem, bonita.

— Não vai mais se alimentar aqui.

Nossas vontades se afrontam, sinto o estômago descer até os joelhos. Agora a vejo magra, faminta. Não é puro estímulo, é sofisticada, opera por sinais. É fácil se enganar com entidades assim.

— Roubei a carne, confesso — silva, como quem fala tudo com S —, mas não condenei os meninos ao inferno, Raul. Eu não. Não matei ninguém.

Ignoro. Os objetos em si não têm nenhum poder, são canalizadores — são *meios*. O resto é graça.

— *Crux Sacra Sit Mihi Lux!* — Que a Santa Cruz seja minha luz!

Ela grita:

— Não! — Avança na minha direção com desespero. — Não começa com esse seu latim de merda! É fome o que sinto! Fome...

O tiro de João é certeiro. A lâmia cai, tremendo. Ela tenta se levantar, não consegue. Dos engasgos afora o fluído negro, outra imitação dentre tantas; não é sangue.

— Maldito! — Ela vira, arranha os seios brancos. — Me dá um minuto... um minuto, é tudo que preciso...

João ameaça atirar outra vez, mas eu não deixo. O rombo aberto pela garrucha começa a dar lugar ao tecido recomposto. Tenho pouco tempo. Encosto a medalha na testa dela e imediatamente estou queimando meus dedos. O velho faz o sinal da Santa Cruz e começa a chorar. A lâmia grita, arranha os meus braços. Faço mais força e acerto o ventre dela duas vezes com os joelhos. O buraco volta a se abrir, volta a vazar. As cobras parecem discutir se vale a pena cravar os dentes sobre a minha pele; uma desiste, a outra não. A batalha dura mais alguns minutos. Ela erra ao tentar se aproveitar do meu sangue. Seu rosto se contorce, anseia como quem se livra por pouco de um afogamento. Os movimentos cessam, e eu caio de lado, exausto. João se aproxima, diz ter visto uma carroça vermelha subir aos céus e depois sumir. Pede desculpas por não ter conseguido acertar a coisa, depois agradece e me abraça.

•

Qualquer pessoa pode batizar uma criança, desde que a matéria, a forma e a intenção estejam bem-intencionadas.

A forma é o que é dito. A matéria: o gesto, o ato em si. A intenção é a vontade genuína de salvar a criança. Fabiano não tinha nada além da soberba daqueles que se acham santos.

Arrasto o cadáver para dentro da igreja, que está vazia, exceto por Fabiano futucando a prataria em cima do altar. O peso morto faz barulho e ele me olha.

— O que é isso? — pergunta.

— Padre Fabiano?

— O que é isso?

— Vem aqui que eu te mostro.

— Mas o que é isso?

Avanço até a figura pomposa, que ganha um soco no meio da cara.

— Mas o que é isso?

Seguro sua batina e arremesso o monte de merda. O padre cai. Arrasto o cidadão pelos pés até onde larguei o cadáver. Ele olha a lâmia, dá um gritinho. Tenta se afastar, mas eu não deixo. Agarro seus poucos cabelos e o obrigo a olhar a coisa.

— O que é isso?

Lâmias são criaturas escrotas, nojentas e filhas da puta, mas não podem profanar o corpo de uma criança devidamente batizada, isso não.

— *Seu merda!* — Enfio a cara dele na defunta. Giro, aperto, giro outra vez.

Nada é mais perigoso do que aquilo que sentimos quando achamos que merecemos algo.

— Eu sou um padre. — Ele cospe a gosma preta e coagulada. — Me respeite...

Lambuzo ainda mais a cara rechonchuda dele, que começa a chorar.

— O que é isso? O que é isso? — Ele vomita e dá sinais de que vai desmaiar.

Dou dois tapas na cara dele, preciso que me escute. Preciso que batize as crianças direito daqui para frente.

— Mas o que é isso? O que é isso?

— *Isso, seu merda, é o inferno.* — Emparelho os olhos dele com os meus. — É melhor ir se acostumando com ele, filho da puta.

LIMÃO E SANGUE

O volante tem gosto de limão e sangue.

A noite é muito longa. O rádio segue funcionando. Paula Toller vê lágrimas de chuva molharem o vidro da janela, e eu também vejo. Somos invisíveis, nós dois.

Desgrudo os dentes devagar, esperando que todos venham comigo, mas dois magoados ficam para trás; nunca mais vou falar com eles. Tudo cheira à fumaça e gasolina. Vejo o brilho do fogo apagar e correr para debaixo do capô. Três pedras de gelo escorregam da minha virilha e vão parar perto dos pedais, depois o copo. Estimo o preço do martelinho de ouro; não deve existir algum capaz de consertar uma merda desse tamanho.

Sinto a estaca nas costelas. Duas devem ter ido para o saco. Meu carro não tem saco. Um Opala 72 com o pulmão pior que o meu e sem *airbags*.

Puta que pariu.

Recosto no banco e logo me arrependo de respirar fundo, e me arrependo outra vez. Burro. Solto o ar devagar, fugindo da dor. Minhas pernas não estão presas e delas não vem nenhum sinal de que tudo pode piorar. O sinal, ou a ausência dele, está, ou não está, no banco do carona. A menina sumiu. Encaro as portas, todas fechadas. Encaro os cintos, todos no lugar. Encaro a árvore e ela me encara de volta, num silêncio de mãe; quer saber quando vou recolher os brinquedos espalhados pela sala.

Paula conta as horas e ouve passos. Não escuto nenhum. O que é um pontinho azul no meio do pasto deserto na beira da estrada? Resposta: o Opala amassado do padre. Ela não sabe o fim da história, e eu também não sei, ninguém sabe.

Desligo o rádio. A porta abre sem muito esforço. Projeto minha estrutura precária para fora da gaiola e quase me arrependo outra vez. Apesar da chuva, é uma noite clara. A lua cheia faz seu trabalho por entre as nuvens, e eu agradeço.

— Elena! — grito, e dessa vez não foi quase. — Elenaaaa!
— Foda-se.

Vejo o curral, vejo luzes, a casa acesa, com três olhos grandes e amarelos. Tem alguém caminhando entre os animais... carrega alguma coisa; vai e depois volta.

A cerca enxerga minhas costas. O Chevrolet deixou um espaço vazio entre as estacas de madeira. Penso na pintura, nos traços abstratos de arame farpado. Arte moderna. Acho graça. Não acho mais.

Caminho pela trilha batida, mantendo os pés no traçado irregular como uma criança que não quer quebrar a espinha da mãe. Cogito gritar outra vez, mas desisto. A boca amarga, então deixo a água entrar. Estendo a língua para fora. Meus dentes doem e fazem pressão para baixo. Ótimo, gosto de esterco. Algum corno muge como se debochasse. Não faz mal, a hora dele vai chegar. Esfolar um animal é como abrir um presente horrível, foi o que me disse um açougueiro depois da terceira dose.

Chego mais perto. É uma mulher, veste um blusão com a cara de bolacha de um candidato ao senado estampada, cujos dentes e a cor do cabelo já sumiram sobre o pano encardido. Calças *jeans* surradas e botas de borracha até a altura dos joelhos. Logo avista minha figura patética, solta os baldes de alumínio, tira as luvas de vaqueta e as passa sobre a testa suada.

— Oi, boa noite — cumprimento e espero o susto.

O susto não vem, só um aceno manso com a cabeça e metade de um sorriso.

— Noite, padre.

— Nos conhecemos?

— Eu conheço você. — Ela vira, pega os baldes e começa a andar. — Anda, sai dessa chuva.

A luz oleosa e amarelada cobre tudo com tons de fritura. Ela avança mexendo os quadris largos devagar, descontraída, como se eu fosse mais um dos animais ruminando e não tivesse o beijo inchado e sangue coagulando no rosto. É bonita, grande, de traços leves, jovens e charmosos. O cabelo preso às pressas, frouxo. Aponta com o queixo redondo um banquinho de madeira velho, ao lado de outro um pouco maior. Sento devagar, fazendo testes com a barriga, que não para de me avisar sobre coisas fora do lugar.

— Servido? — Ela inclina uma das canecas cheias na minha direção e se senta ao meu lado. — Ainda tá quentinho, acabei de tirar.

Ouçó máquinas, pingos na terra, animais nos estábulos e grilos perdidos. Do asfalto não chega nada. O rosto da mulher não mostra nenhuma dúvida de que vou aceitar o leite. Aceito, obrigado. Um rosto onde o passado permanece entalhado, heliografado; um rosto de quem conhece muito bem o trabalho.

Bebo, equilibrando a cabeça, fazendo o leite fluir longe das duas valas ainda inchadas que os magoados deixaram para trás. A atuação é desnecessária, ridícula. Meu corpo relaxa de um jeito que clama pela terceira dose. O ritmo diminui, a dor some. Soluções fazem fila, mas nenhuma consegue entrar no salão. Nada discernível.

— Elena... — O nome parece estranho na minha boca. É tudo que consigo dizer.

— A garotinha. — Ela bebe e derrama um pouco entre os seios. — Coitada.

— Eu...

— Tirou ela do fogo. — A mulher encurrala a gota fujona na ponta da unha, refazendo as linhas; depois chupa o dedão. — Eu sei.

Imagino uma vaca maluca com garrafas de *whisky* emborçadas no lugar das tetas. Quatro garrafas como balas de caramelo. Imagino um cavalo branco. Vou beber o cavalo, vou tomar das tetas, com sinos nos pescoços, sinos que fazem *bells, bells* e mais *bells*. “Eu só fumo quando bebo”, era o que dizia quando marcava meu nome nas árvores e nas pedras. Agora, uma carteira é pouco. Às vezes, é pouco antes do almoço.

Exploro a batina. Sei que existe um bolso, um que não é secreto, porque só interessa ao padre. Ao padre Raul. Pego um cigarro amassado e não fico surpreso. A mulher acende, acende com o olhar. Eu puxo e meu peito não dói..., mas se abre. Trago. Trago seu amor de volta em uma semana. Penso em Dalila. Dalila joga os búzios. Ela não é Dalila, é outra. É mágica também, mas é outra.

— Qual o seu nome? — pergunto, escrevendo em fumaça. Escrever é melhor do que falar. As palavras ali, onde posso ver.

— Helena — ela responde, com seu hálito perto do meu nariz. Nata e algo de fundo, do fundo dela.

— Mentira. Elena é a garotinha, precisa de um hospital. Vai morrer. Tem queimaduras pelo corpo inteiro.

Helena me ignora e bebe mais leite. Derrama mais leite. Pergunta se eu não vou beber o resto na caneca. Digo que não, não me fez bem, estou bêbado.

— Então deixa comigo. — Ela esvazia a minha caneca e explica, sorrindo; uma professora numa manhã de segunda-feira de bom humor: — O que interessa é a lágrima. A coisinha precisa chorar. Chorar olhando para sua cara, entendeu? Precisa doer. Quanto mais ela olhar, melhor. Fogo é a melhor solução. Tem que ser menina. Paimon fica com o rosto da coisinha. Bebal e

Abalam entregam os frascos. Neles, você coloca as lágrimas. Um frasco para o passado, um frasco para o futuro. Ontem e amanhã de quem ficou gravado nas lágrimas são revelados.

Vejo uma fogueira, os estalos da lenha, as faíscas saltando da brasa. A utilidade da libação me escapa em desleixo. Preguiça diante das justificativas dos imbecis.

— E daí? — Sou o aluno chato de dedinho para o alto na primeira fileira.

— E daí? — Helena lambe os lábios. — Caso não goste do que viu, pode negociar com Paimon.

O aluno da primeira fileira só levanta a mão quando sabe a resposta.

— Sabe muito bem do que estou falando, padre. É melhor correr. O fogo já chegou no segundo andar.

A porta cai com um chute. Cai um quadro. Vidros estouram em lugares que não consigo ver. É um inferno em miniatura. O fogo cerca as passagens. O fogo indica o caminho. Arrisco a escada, os dedos no corrimão são inconscientes. Queimo todos eles, queimo o braço. A fumaça nos pulmões age, agora no curto prazo. Tenho pena das coisas terríveis que o tabaco escuta todos os dias.

Outra porta cai com um chute. Castiçais derretem junto com as velas. Os sinais no chão estão todos deformados; os círculos já não são círculos, as letras já não dizem nada. Perdoe meu latim. Sujo as botas com sonhos e esperanças, desfaço o embrulho delicado no meio do quarto. A menina respira fundo, de olhos abertos. O meu espanto e o dela. Minhas lágrimas e as dela. Digo que vou tirá-la dali.

Tem um carro lá fora. Acomodo Elena no banco da frente. Erro a ignição e culpo o que sobrou dos meus dedos. O ronco é surdo. Quebro o portão antes de jogar a terceira. Terceira. Quarta. Quinta. O asfalto é um cone molhado na minha frente. Cem.

Cento e dez. Cento e dezoito. A carroça não anda mais. Se eu insistir, a coisa toda desmonta.

— Vou te levar pro hospital. Ouviu? Hospital. Ei, não. Não dorme. Qual é o seu nome, hein? Seu nome. Não dorme. Ei, não dorme! Qual é o seu nome?! Seu nome!

— Elena.

— É um nome muito bonito, Elena! Muito bonito mesmo. Você vai viver, Elena. Vai viver. Gosta de música? Ei, não dorme. Gosta de música?

Ligo o rádio. Dó Maior com Nona.

Eu perco o sono e choro.

O para-brisa buzina alto e acende como uma página em branco.

O volante tem gosto de limão e sangue.

SENDA DE ROSAS

Falta luz outra vez, fico louco da vida.

Merda.

Os *seres sutis* — conhecidos pelos primeiros romanos como *carmentas*, pelos gregos como *daimones*, pelos cabalistas como *silfides*, pelos muçulmanos como *jinns*, pelos alemães como *damas brancas*, pelos celtas como *fadas* e pelos cristãos como *anjos caídos* — habitam o espaço entre o mundo físico e o plano etéreo. Shakespeare nos revelou três deles. Essas criaturas podem se manifestar em situações em que as *ausências* permitirem, e quanto mais *ausência*, melhor.

Meus pés saem do chão e sou lançado escada abaixo. Sinto o braço esquerdo gelar do cotovelo para baixo. A dor vem depois, com a certeza de que quebrou.

Luz tem massa. Sem luz, tudo fica ainda pior. O mal não tem substância em si mesmo. Tudo é, em essência, bom. Uma pedra no meio da rua pode não ser útil para determinados usos; pode não servir na hora de acertar um pombo na calçada, por exemplo, ou quando se quer escorar uma porta, mas *má* ela não pode ser, isso nunca. Toda a criação é necessariamente boa.

Vou subindo os poucos degraus com a mão viva, a mente trabalhando, primitiva, sem saber a razão de subir, apenas subindo. Aqueles que habitam o mundo sutil não podem se materializar por muito tempo.

Meu queixo é erguido com violência e logo estou voando outra vez. Há um céu movendo minhas velas contra o vento, e reluz o farol sobre o mar de escuridão. Foda-se, não quero morrer. As costas dobram contra alguma quina. Coisas caem no chão e parecem quebrar.

Nada passa da potência ao ato a não ser por algo que já esteja em ato. Isso é Aristóteles, não eu. Vamos à padaria comprar pão pelo simples fato de que outros de nós comprovaram a mesma experiência: a de entrar numa padaria e encontrar pão lá dentro. Os primeiros romanos, os gregos, os cabalistas, os muçulmanos, os alemães, os celtas e nós, cristãos, entramos todos na mesma padaria, apenas demos nomes diferentes ao *pão francês*.

— *Exsúrgat Deus et dissipéntur inimíci ejus: et fúgiant qui odérunt eum a fácie ejus!*¹

A luz pisca. Vejo a geladeira velha piscar junto. Cabelos negros e ondulados cobrem parte da mesa. Estou na cozinha, perto de uma saída, e há uma mulher desmaiada na cadeira.

— *Sicut déficit fumus deficiant, sicut fluit cera a fácie ignis, sic péreant peccatóres a fácie Dei.*²

O som não é nada agradável: uma interferência de gritos agudos, agonia daqueles que se agarram enquanto o inferno os suga como sujeira na direção do ralo.

Ninguém acende uma vela para escondê-la. Isso é Lucas, não eu. Agora a lâmpada irradia luz como se nada tivesse acontecido. Portas e janelas batem por todo lado, mas nada de vento. Corro até a pia e bebo toda água que consigo. Escuto o movimento e me viro com qualquer coisa nas mãos, uma colher suja. É a mulher. Desorientada, ela me olha como quem encara o próprio reflexo na segunda-feira antes de escovar os dentes.

¹ Em tradução livre: *Levantai-Vos, ó Deus, e sejam dispersos os vossos inimigos, e fujam de vossa presença aqueles que Vos odeiam!*

² Em tradução livre: *Desvançam-se como se desvanece o fumo, como se derrete a cera ao calor do fogo, assim pereçam os pecadores diante de Deus.*

— Me associei com demônios, padre... Deitei com vários deles, em formas de animais e possessões humanas. Uma colher não vai nos salvar.

Foi assim que eu conheci Dalila.

•

Cuidado com colheres.

A cicatriz dela ainda me surpreende. Cobre sua bochecha esbelta e quase estraga os contornos do queixo. Quase. Dalila não pode ser feia, de maneira nenhuma. Não importa o que veste, a condição dos cabelos ou as colheres do mundo, nada disso importa, porque tem postura, tem a consciência do corpo a seu favor. Ombros para trás, queixo reto, olhos abertos, mãos no lugar, mansas. Lábios e sobrancelhas marcados como entalhes em madeira de lei.

Dalila abre a boca na medida dos cigarros e pergunta se eu não teria algum. A reação é automática, e logo maço e isqueiro estão sobre a mesa à disposição dela. Tem muita gente que não fica bem fumando. Vi homens decentes parecerem ridículos com tabaco entre os dedos e homens ridículos parecerem decentes. É *coisa* inata, similar ao alcoolismo. Existe o tio que vomita cerveja, estraga a festa e machuca alguém. Existe o tio absorto, que toma um litro de cachaça e não aporrinha ninguém. A carteira cheia não é um desafio, muito menos o *zip*po chinês. Dalila tem sobre si mais fumaça azul do que branca, e vejo a goiaba na goiabeira.

— Lembra de quando nos conhecemos, Raul?

— Lembro.

— Aquele lugar é antigo. O chão é ruim, sabe como é.

— Sei como é.

— Sextas-feiras são perigosas — ela traga, recompondo imagens.

— São.

Não é à toa que temos a Sexta-feira Santa. Enquanto o mundo se embriaga frente às folgas do sábado, bruxas se reúnem nos sabás e encenam seus dogmas. Uma criança desaparece em algum lugar. Cinco pessoas morrem depois de cochilos ao volante. Seu gatinho preto não volta para casa nunca mais. Os bodes do Seu Zé somam menos um — o preto sumiu. Larissa aborta espontaneamente. Bruna mutila partes do próprio corpo. Vinte e cinco universitários praticam orgia num alojamento estudantil e um deles morre com hemorragia no reto. Letícia acorda e não tem certeza se foi estrupada. Fernanda tem certeza de que foi estrupada enquanto remove casquinhas de sangue seco da coxa. Renato tinha quatro anos e é encontrado sem os órgãos numa lata de lixo — a perícia constata sinais de abuso. Um juiz é promovido ao Superior Tribunal Federal. O diretor da maior recuperadora judicial do país é curado após anos de luta contra um câncer raríssimo. Dois deputados ganham na loteria pela décima quinta vez. Celebidades da música pop revelam seus segredos contra o envelhecimento. Juliano é eleito Presidente da República. A mais importante artista performática do mundo anuncia seu mais novo trabalho, intitulado “A Ceia”, no qual será servido, dentre outros pratos, sêmen e catamênio. Chega. Poupe meu tempo das arengas e cace você um dicionário, ou mande mais essa tentativa de enxerto à *casa do caralho* — do latim: *foda-se*.

— *Elas* ainda se encontram no orfanato, Raul. — Dalila respira fundo e coça a cicatriz para reforçar o argumento. — Sei que prometi nunca mais voltar àquele buraco, mas...

— Eu sei.

— Então vai me ajudar?

— Vou.

•

O lugar parece o mesmo, nem mais nem menos podre, apenas mais vazio.

Nas janelas enormes se desgasta o azul morto, como o branco das paredes descascadas e cheias de trepadeiras. Entre a vegetação que se aproveita da estrutura, nascem maracujás e chuchus deformados e doentes. Os frutos exibem suas fraturas expostas como acidentados num cruzamento. Parte do telhado já desabou, e não há mais nada no lugar que possa ser roubado, já levaram tudo, fios, maçanetas, dobradiças, pias, vasos sanitários, portas, corrimãos, tomadas, bocais, parte das telhas, ripas, nem os ralos escaparam ao ímpeto de quem se condena por tão pouco. Tão pouco.

Dalila toma a frente, dobrando as esquinas que conhece, afastando o mato, apontando, mandando *ir por aqui, ir por ali*; é um rato na própria gaiola.

— Vamos esperar anoitecer na enfermaria. — Ela sequer olha para trás; avista um monte de merda e constata que até ar puro os vagabundos são capazes de roubar. — É merda de gente.

— Enfermaria, *ok* — concordo; não sou especialista nesse tipo de merda.

— Fica no segundo andar, de lá a gente consegue ver quando *elas* chegarem.

— E como sabe que não temos a companhia do cu responsável por isso?

— Estamos sozinhos, Raul. Pelo menos por enquanto.

Não vou reproduzir aqui os delírios que preenchem de angústia o esqueleto oco do orfanato. Não conheço a situação da sua casa, muito menos da sua alma.

Pelo menos não demoram a aparecer.

Lá, onde se reúnem as bruxas, há cantoria, peitos e virilhas nuas, fogueira e todos os tons de vermelho que a natureza tem a oferecer. No meio da roda de pés no chão, está uma pequena árvore de galhos secos e tronco escuro. A menina magra, de machado

na mão, caminha até o centro e ataca a madeira com força. Logo seu corpo fica pintado de seiva escarlata. Ela bate uma, duas, três vezes. Parece suar sangue, não cessa o ataque, não cessa o canto. As outras se aproximam, deixando que os respingos pintem suas peles. A terra começa a encharcar, formando poças. Espero um sinal de Dalila para agir, mas ele não vem, no que me responde como se lesse pensamentos.

— Quando o carvalho acordar, nós descemos.

Qualquer homem com o mínimo de bom-senso teria sambado fora, admitindo que existem nudezas que não valem tanto esforço, mesmo antes de o *carvalho acordar*. Quando acontece, uns cinco minutos depois de descoberta a possibilidade de um carvalho acordar, tudo piora. Falos rubros emergem da lama ensanguentada, as pernas vão se orientando, indicando por onde devem invadir os eixos. Entre as palavras brotam gemidos; entre as chamadas, o rosto incompreensível e feio.

— Não olhe nos olhos dele. — Dalila se levanta. — Vamos.

Na volta é sempre mais rápido.

Nós nos aproximamos, entre sombras e luz amarela. Abro a bolsa, pronto para acabar com a festa, mas Dalila me segura com força e suas unhas entram na minha pele.

— Não, Raul.

— Não?

— Vou sozinha.

— Então por que me trouxe aqui?

— Leonardo vai tentar me levar. Se conseguir, preciso que me puxe de volta.

Duvido que seja mesmo Leonardo, grão-mestre dos sabás negros, e não consigo deixar de sorrir em deboche. Duvido que o Grande Treto não pudesse prever o desastre. Duvido de Dalila. Demônios, mesmo os de primeira ordem, não passam, no fim das contas, de demônios, ausências famintas, cheias de maldade,

de *nada*. São Pio X tinha razão quando constatou que o mal não é nada além de burrice.

Dalila se coloca de pé e toma a pequena trilha rumo ao sabá. Caminha devagar e por onde passa faz secar o solo encharcado, do qual brotam rosas do tamanho de mangas por todos os lados. As bruxas rosnam como cães num quintal abandonado e correm para a escuridão. A fogueira se apaga. Há uma conversa entre ela e duas íris brilhantes sob três chifres envergados. Sinto o corpo enfraquecer. O sangue que tenho no braço é meu e é de Dalila também.

Resisto. Começa a me extorquir pelo umbigo. Um cabo de guerra se faz, com Dalila no meio.

Ninguém acredita em Deus, mas todo mundo acredita no diabo.

Pela manhã, Dalila e eu tomamos café na padaria da esquina.

PARALELAS

Apertou a pequena cruz de metal até ferir a palma da mão. Não percebeu o sangue, gota a gota, minar como que descoberto por uma longa exploração. Encarando o rosto cansado no espelho, duvidou. Das olheiras mais escuras do que todo resto, do sol cinza mal enquadrado pela janela. A brisa suspeita com cheiro de óleo queimado e manhã entrando, compondo miragens. Duvidou tantas vezes quanto poderia. O coração: em silêncio, ofegante. *Vivo emagrecendo*, reparou, num minuto de fotografias indo e vindo. Sempre ele, retratado em fótons, espectador involuntário de si mesmo, perpétuo, no metrô, nas vielas repletas de coisas más, nos bares tentando recompor partes que nem sabe onde perdeu. Um viciado, um viciado de verdade, que não come enquanto se entrega à dependência, nem depois. O inferno nunca deixa seus portões fechados.

Raul esticou os braços, expondo as costelas sob a pele como as hastes de um guarda-chuva aberto. Ondas de ossos deslizaram sob o mar negro. Depois os ombros, arqueados para trás, para frente, ensaiando o *levantar voo*. Encarar o dia, distribuir por aí atos irreversíveis e muitas vezes irreparáveis. Andar entre os que tentam reconstruir o passado e aqueles que querem construir o futuro, todos presos no presente. Nada pode ser universal sem ser particular. Destituído de qualquer pena, ergueu-se o padre estalando os joelhos inchados.

No guarda-roupas, o de sempre. Pegou a batina amarrotada e bateu o pé que não estava impregnado ao tecido. Calça *jeans*, meias longas. Jogou tudo sobre o colchão desfeito, ainda com o gabarito da própria bunda lutando contra a pouca maciez da espuma velha. Esteve ali, sentado, perdido em mais uma oração interrompida. Sentiu o sangue pingando sobre os dedos gelados do pé, e o terço enrubescido lhe dava pistas do atentado. Mais um amanhecer de ausências. A solidão, ele sabia, era coisa sadia e desejável, mas não poderia durar para sempre. É um suspiro, uma casa na praia, férias previstas em contrato; ninguém pode morar ou viver nela.

Vestido, aprontou os arranjos necessários para que a cafeteira passasse o café. Antes de começar o esgar habitual do eletrodométrico e de o cheiro do grão indicar aos intestinos a hora de trabalhar, Raul reavaliou a proposta em cima da mesa. Leu as palavras garranchadas sobre o papel sem pauta. Não gostava nada de bilhetes. Da última vez, acordara na Praça Alagoas com o mundo inteiro de cabeça para baixo, e algo lhe dizia que aquele encontro não seria muito diferente. Sublinhou as palavras com caneta. *Copacabana* ganhou duas linhas, e depois mais uma. Em uma hora estaria lá, fazendo aquilo que tinha de fazer.

•

Seu reflexo filtrava-se através do vidro polido na entrada do saguão.

Um molito delineado pelo azul ao fundo; céu e mar indistintos entre si.

O porteiro, com cara de amigo nenhum, resmungou ao telefone e encarou-o por entre a segurança transparente. Raul não se incomodou com o receio, nem com a demora. Logo as cancelas do mausoléu luxuoso se elevariam, do contrário, daria meia-volta com satisfação. Aquele não era um trabalho urgente, nem uma

novidade; outros homenzinhos endinheirados já haviam solicitado a presença do padre. Quem pode comprar quase tudo quer comprar tudo. De repente, não existe mais nada o que comer, nem vestir, nem consumir ou abusar. A fortuna deixa de ser um beijo e começa a engolir.

Com passagem concedida, Raul avançou pelo granito polido. Antes, calor o cercava; agora, uma brisa agradável e cheirosa o envolvia. Cercar não é o mesmo que envolver.

— Quantas vezes eu já falei para não ficar de sandália na portaria? — disse o homem gordo e de sunguinha ao porteiro. — Quando o condomínio te dá a porra de um *Weitzman* é pra você usar, entendeu?

Não houve resposta, apenas um aceno afirmativo com a cabeça.

— Ótimo.

O sujeito passou por Raul e saiu, como se o padre fosse mais uma das palmeirinhas do lugar, plantadas em grandes vasos brancos e quadrados.

— Boa tarde... — começou Raul.

— Cobertura — interrompeu o porteiro. — O elevador de serviço é ali atrás. — Apontou. — O acolchoado foi trocado essa semana, entendido?

— Certo, obrigado.

•

A distância entre a porta escancarada e o elevador era mínima, ridícula.

Nenhum som vinha do corredor estreito, que dava para a sala ampla e vazia como sopa rala num prato raso. Raul avançou, sentindo o ar ganhando vida com os berros do anfitrião. Repetia a letra de Belchior com desleixo, quase um deboche.

— *E no escritório em que eu trabalho e fico rico... Quanto mais eu multiplico, diminui o meu amor...*

Em cima dele, e ainda mais branco do que o sofá reto, o mal-tês emburrado não moveu um músculo sequer quando viu a figura cansada do padre.

— *Copacabana, esta semana o mar sou eu... Sou eu, sou eu! Como é perversa a juventude, do meu coração...*

Ao deparar-se com o cantor, debruçado sobre uma mesa de carteadado, o padre deteve a marcha e observou o semblante quente e inchado do dono daqueles abismos, vendidos a dez mil reais o metro quadrado. Por um longo tempo, nenhum dos dois falou.

Lá fora as ondas batiam mudas e o sol parecia não passar de uma lâmpada fria um pouco maior do que a lua. Toda a vida além das paredes e dos vidros era repelida com indiferença pela cobertura. Ali, não entravam os zumbidos dos aviões, muito menos as buzinas do trânsito. Um sonho que se protegia com unhas e dentes contra a possibilidade de acordar, nem que fosse por um segundo.

— Pode se sentar. — O homem indicou a cadeira oposta à sua. — Vamos. Vai beber o quê? Pode pedir qualquer coisa.

— Café, por favor. — Raul se sentou, apoiando os antebraços na mesa. — Puro.

Sem que nenhuma palavra de comando fosse pronunciada, o tilintar inesperado deu lugar à jovem bonita que serviu o convidado. Cabelos em tom achocolatado lhe cobriam os ombros curtos e parte do decote. Deixou a xícara e sumiu, como mágica.

— Helena é uma coisa linda, não é, padre?

Raul não respondeu, apenas experimentou o café. Um ótimo café, que evitou elogiar.

— Linda, linda de doer. Mas, veja bem, essa é precisamente a razão de você estar aqui, padre: essas porras já não me impressionam. Meu coração nem liga, e meu pau, ah, o meu pau está

pouco se fodendo. — Bebeu o mingau verde que dominava metade do seu copo, limpou os lábios e continuou. — Houve um tempo em que eu me interessei por cu. Fiquei fissurado. Comia todos os cus que via pela frente, todos. Metia a cara neles, enfiava o nariz. Enchi um porta-retratos com as fotos de cada um. Cus famosos, que me custaram caro. Cus que tirava do meio do lixo, por um trocado qualquer. Cus jovens, velhos, limpos, sujos, saudáveis e doentes. Cus à beira da morte, e começando a vida. Cus de todos os gêneros e sem nenhum. Até um cu morto, e vários cus de uma vez. Com alguns poucos, usei garfo e faca, se é que me entende. Fui longe, Raul, muito longe, até cansar. Como cansei dos pratos, das bebidas, dos cigarros, das drogas, do sono, dos carros e da puta que o pariu. — Depois de uma pausa, apon-
tando o indicador na direção do outro. — Espero que entenda essa nossa conversa como uma espécie de confissão, padre. Exijo o meu sigilo sacramental.

Certo, pensou Raul, que terminou o café e assentiu com a cabeça.

— A natureza já não pode me proporcionar nada, padre. Agora eu quero o sobrenatural, quero as *coisas* que dizem que você caça nas madrugadas do Rio. Deus, diabo, demônios, anjos, fantasmas, o que tiver para mim debaixo dessa sua batina. Qualquer porra serve, até uma fada do dente.

Toda aquela conversa e o palco montado para ela de repente pareceram ainda mais estúpidos para o padre. Raul coçou a testa com os dedos apoiados no polegar e respirou fundo. Era como reviver uma certa noite na Lapa, quando ainda tinha 26 anos. Numa das boates de *neon* rosa e cheiro de baunilha velha, viu seus amigos se renderem às misérias do mundo com sorrisos eufóricos, de quem afastou tudo o que é para só então afundar os dois pés em arrotos de cerveja e vagabundas.

O silêncio do padre começou a incomodar o anfitrião, que voltou a falar.

— *Ok*, já sei qual é o problema. — Tomou o resto de musgo no copo. — Meu pai saía de casa no prumo toda sexta-feira por volta das quatro da tarde e só voltava no sábado de manhã. Minha mãe nunca deu um pio sobre isso. Antes de sair, ele dizia: “*A partir de agora não existe puta pobre e nem garçom triste*”. — Pegou quatro maços de notas e jogou na mesa. — Sou filho do meu pai, Raul, comigo não existe padre pobre. São quarenta mil, e isso é só para começar.

O padre considerou que existia um limite para o número de cigarros que poderiam sumir da carteira daquele homem antes que alguém perdesse uma das mãos. De maneira alguma era um tipo raro, mas talvez fosse perigoso. Sofria — e isso também pesou na balança — de três doenças sem cura: o mundo, a vida e a alma. Não havia nada que ele pudesse fazer pelo sujeito, que já caminhava no inferno sem perceber. Provavelmente desconfiava do cheiro de carne queimada vindo da própria bunda, mas não se deu ao trabalho de olhar.

Raul pegou a maior moeda que tinha no bolso.

— Cara — começou —, eu te apresento uma fada. O que ela vai fazer com você é problema seu, não me importa o resultado.

— Ótimo. — Agitou-se o anfitrião, como se uma pedra de gelo de repente rolasse pelas suas costas. — Estamos negociando, excelente.

— Coroa e eu vou embora daqui sem nenhuma confusão na sacola.

Não precisaram apertar as mãos, e também não quiseram.

A moeda fez seu arco dourado, como um primeiro jato de urina que geralmente precisa ser desprezado; depois, alheia aos espectadores, fez o favor de obedecer às leis da gravidade.

Nenhuma palavra sobre o resultado foi pronunciada.

Em algum lugar do Rio de Janeiro, um par de asas batia frenético, ansioso. Dentes finos deslizavam uns sobre os outros como lâminas num barbeador elétrico.

O padre pegou todo o dinheiro sobre a mesa, menos a moeda, e foi embora.

Alguém morreria naquela noite pelas mãos de uma fada que jamais fora devidamente apresentada.

BALADA PARA JÚLIA

É inevitável, em determinado momento, uma supressão de tudo à mera banalidade. Depois, afogados nos costumes e nas imposições alheias, recobrimos de sentido aquele mesmo inútil, num ciclo sem fim. Energia escapa pelos ouvidos, olhos, bocas e narizes. Será que preciso mesmo de café? De cadeira nova? Daquele livro que posso comprar? Não sou rico para me doer dos excessos. Não é isso. Quando falta luz, cai a *internet* ou aberrações demais resolvem aprontar ao mesmo tempo, abate sobre meu peito certa paz inexplicável. Cessam os pensamentos, copos d'água descem como cerveja gelada, perco a vontade de repetir o jantar e consigo dormir.

O bueiro, na esquina com a banca de jornal, me encara de volta. Semana passada, sobre aquela tampa de metal, perdi a cabeça.

Prata é um negócio poderoso. Quando a hipóxia começa, sua mente precisa estar no lugar. Vetalas são ignorantes, não dão sossego, tudo é gritaria, braços, pernas, assas e presas. Atendia por Júlia e morreu ali, numa das portas que levam para o esgoto.

Entro numa banca.

As bancas no centro do Rio não vendem mais nada que só sirva para ser lido, porque ninguém lê. Viraram lanchonetes, tabacarias, lojinhas de tranqueira para *smartphones*, dentre outras

coisas. Mário diz que o Winston aumentou; preço de tabela, sabe como é.

— Sei. Sei como é.

— Trouxe meu livro?

— Qual, Mário?

— Aquele do velho safado.

— Esqueci.

— Porra.

— Manda mensagem me lembrando.

— Mando.

— Até mais então.

— Até, padre. Sua benção.

— Deus te abençoe.

Desço pelos vapores das farras da madrugada. A rua fede, não posso dar descarga.

O beco onde encontrei Júlia já não guarda muito do que aconteceu. Parece alheio, decidido a esquecer certas loucuras para manter a sanidade. O canto gregoriano, desafinado. O latim, porco. O homem estirado e quase sem pescoço. Nada disso; duas latas de lixo, uma moto estacionada, ratos passando, mijo seco e maresia. Isso mesmo: maresia. Todo concreto ao redor é incapaz de esconder o aterro. Deveríamos estar debaixo da água salgada da Baía de Guanabara. Faz calor. Meu peito grita.

Entro em outra banca.

— Uma água, por favor.

O olhar do cidadão pergunta muito sobre o suor no meu rosto e também parece dizer que sou um idiota. Não demora muito.

— De batina num calor destes?

Sento-me nos degraus de ferro da estrutura e a ânsia cresce. Não, não estou infartando. Pego o bloco na bolsa e resolvo as coisas.

O nome é *Balada para Júlia*:

*Quando se acende o farol,
Único,
Sóbrio,
Afastam-se do barco.*

*Sigo só,
Remos nas mãos,
Bolhas ardendo na pele,
No mar.*

O mar.

*Leva meu tamanho,
Soprando velas,
Atirando âncoras.*

*Se estou cansado e triste,
É porque comi demais,
E bebi.*

*Vago que sou,
Efeito do mundo,
Menor;
Culpado.*

*Entre garras e urros,
Sangue;
Finjo inocência,
E depois esqueço.*

Ela está longe das luzes agora.

*Dou ao mundo o que ele nunca implorou,
Apenas quis.*

*Um albergue na encosta íngreme,
Na beira do mar.*

É FODA

O espírito cínico diluía minha alma, impassível.

A tentação de aderir à covardia pulsava como calda quente evaporando numa panela. Ela merecia. Eu merecia. Nós merecíamos. *Quem refresca cu de pato é lagoa, moleque*, meu pai costumava dizer. Ele tinha um trator grande e amarelo, grande a ponto de fazer um caminhão parecer uma miniatura de banca de jornal. *Fé*, dizia em letras grossas o adesivo colado na lataria. *Fé*. Por maior que fosse, duvido que removeria uma montanha daquele tamanho.

Sou um homenzinho, casado, e falhei ao tentar educar o rapaz que se ajoelhava diante de mim, rogando por uma vida que nós concedemos ao desgraçado.

— Não te criei pra isso, seu retardado. Onde estava com a cabeça? — Sentia a saliva fugindo da boca.

— Calma, Elias. Podemos resolver de outra forma.

Ah, Helena, meu amor. Não podíamos não, de jeito nenhum.

O cheiro do óleo invadia minha cabeça. Quando era criança, sempre quis brincar com aquela arma. Ficava guardada no armário do sótão, junto com os quadros inacabados da minha mãe.

— Eu não sabia, pai. Já falei.

O pior de tudo era ter em mente que nada daquilo precisava acontecer. Alertava sobre as porcarias que ele ficava assistindo na

internet. Nada demais, Elias, só uns homens bobos falando bobagens, dizia a mãe, escondendo parte da própria culpa. Queria saber como os homens bobos falando bobagens encheram um nariz do outro lado da tela de cocaína.

Helena não era suficiente, e ter olhado um pouco mais para a minha sogra teria sido um bom parâmetro — ótimo, na verdade. Os sinais estavam todos lá.

Caíamos em queda livre rumo ao inferno, rumo à minha própria casa, rumo a colocar uma arma na testa do meu filho.

•

Amora cagava bem no meio da Av. Rio Branco enquanto João ensinava ao filho, Noé, que libido significa ter vontade de comer alguém.

A cadela zombava de nós e parecia se divertir a cada nova freada ou buzina. *Vou cagar aqui e foda-se!*, era o que diziam aqueles olhos amendoados de vira-lata.

— Olha que filha da mãe! — disse a João, interrompendo o curso básico de *Como ser um Homem com H* que dava ao filho.

João não entendeu muito bem e demorou até perceber — talvez porque esperasse por uma filha da mãe bípede — a cachorra cagando. Quando finalmente se deu conta da cadela, um *puta que pariu* ecoou em alto e bom som pela calçada. *Papai só fala palavrão*, disse Noé, no auge dos seus sete aninhos.

— ... olha só! Sentou, cagou e não está nem aí para os carros!

Naquele momento o trânsito já tinha parado, e o coro de buzinas ganhava cada vez mais volume. Um guarda de repente invadiu a pista em direção à Amora, que não deu a mínima. Raspava as patinhas no asfalto duro como se estivesse enterrando sua recente obra de arte.

Aquilo me fazia lembrar de dona Vera, minha professora de artes no primário, uma mulher do tipo que consegue dobrar

qualquer homem. Amora seria uma aluna estimada por ela, afinal de contas, a cadela não tinha nada na cabeça e sua forma de expressão artística era literalmente uma merda, do jeitinho que a velha gostava.

Não demorou e o guarda tratou de tocar a cadela até a calçada, onde ela se deitou com cara de poucos amigos.

— Viu? Fingiu que não foi com ela! — puxei papo com Noé.
— Cachorrinha esperta!

Ele parecia pensar na esperteza de Amora, enquanto eu me preparava para insistir no assunto, mas as buzinas voltaram a soar, e um rosto conhecido chamou minha atenção.

— Elias, aquele ali não é o seu filho? — perguntou João, confirmando minha suspeita.

O rapaz magro e vestido como um delinquente, que revirava o cocô da Amora no meio da pista — entre possíveis atropelamentos instantâneos da Nissan, Ford, Peugeot etc. —, era o meu filho, meu Eduardo, conhecido na rua, viria a saber depois, como *Dudim*.

— Porra, Amora! Quando que tu vai soltá o bagulho? — gritou para a cachorra. No mesmo instante, vi o guarda fazer uma cara de *isso não é problema meu, sou guarda de trânsito*, e sair de fininho.

Agora não, moleque. Logo agora que vai ganhar um irmãozinho. *Não banque o estúpido!*, foi o primeiro pensamento que me lembro de ter tido.

•

Ela servia o café da manhã como de costume. Morávamos num apartamento modesto em Niterói. Apesar de a gravidez ter renovado seu ânimo, Helena continuava triste e sem aquele sorriso que eu ralei para levar ao altar. Na época pensei que fosse normal, alguma coisa como menopausa ou preocupação com o trabalho

— ela já havia acertado os papéis para sair do emprego. Depois comecei a acreditar que sabia das andanças de Eduardo.

— Nosso filho não dormiu em casa ontem, desde terça-feira que não vejo o moleque — puxei papo enquanto Helena se ajeitava à mesa.

— Deixa ele, Elias. Eduardo já é um homem.

— Desde que você não fique preocupada. Não é bom se estressar na gravidez.

— Não estou estressada, só acho que você podia dar mais crédito para ele, vocês só sabem discutir.

Mas é claro que discutíamos; de três coisas que Eduardo me falava, duas eram gírias.

— Vou dar — respondi sinceramente, querendo mudar de assunto; ainda não conhecia Amora. — Pegou uma gripe?

— Não, meu amor. Peguei um pano de prato velho no armário, um daqueles que tia Beti nos deu de presente de casamento. Devia estar lá desde que nos mudamos. — Eu não me lembrava da tia Beti. — Acho que me deu alergia.

As coisas vinham acontecendo bem debaixo de meu nariz. Não sentia mais que possuía uma família, e minha última esperança de colocar tudo nos trilhos de novo era o bebê. Um segundo filho ajudaria a renovar os ares. Tudo poderia dar certo no fim das contas, estava esperançoso.

•

Noé se assustou quando passei por ele em direção a Eduardo. Até Amora fugiu com o rabo entre as pernas.

Agarrei aquelas porcarias que ele pendurava no pescoço com força o suficiente para me arrepender por um instante. Seus olhos arregalados me encaravam com medo e surpresa, e talvez um toque de desdém, como se eu fosse um mendigo tentando roubar a corrente.

— Mas que porra é... — Sem saber o que fazer com as mãos, arremessei Eduardo contra o meio-fio. — Pai? Que isso, ficou maluco?

João vinha logo atrás, ainda sem entender a velocidade com que tudo acontecia.

— Eu estou maluco? — gritei. — Fala pra mim o que tem dentro do cachorro, depois discutimos sobre quem é o maluco aqui.

— É uma cadela — foi tudo que ele conseguiu dizer.

— Foda-se que é uma cadela! — Tirei meu celular do bolso e joguei para João, que pegou no susto. — Toma, chama a polícia. Temos um *traficantezinho* aqui.

— Calma, Elias, é só um garoto. — Ele se certificou de que Noé ainda estava ali (o menino assistia à cena ao lado do pai). — E é o seu filho!

— Eu não criei traficante, ou usuário, ou sei lá que porra!

— Não é essa parada não. — Eduardo chorava lágrimas que eu não poderia reconhecer na hora. — Eu só pego o bagulho e tomo conta da Amora. Mais nada. É só pra arrumar o do *FDS*.

Dava ao moleque uma mesada gorda o suficiente para almoçar e jantar todos os dias no McDonald's. Com dezessete anos ninguém precisa de muito mais dinheiro que isso. Bastava me contar a verdade.

— Não vou ligar. — João começou a dizer. — Vamos fazer o seguinte: vamos arrumar um lugar pra tomar uma cerveja e decidir o resto com a cabeça fresca. Conheço um bar aqui no Centro. Anda Edu, levanta daí.

Fomos mesmo ao bar, no fim das contas, onde conversamos enquanto Noé tentava comer um pastel maior que a sua cabeça. Amora, amarrada nas grades da entrada, encarava o lanche do menino com ansiedade.

Eduardo contou que conheceu o pessoal por um amigo, e que era dinheiro fácil. Disse que ganhava cinquenta reais por dia

para vigiar a cachorra e coletar as cápsulas que eventualmente apareciam entre uma cagada e outra. Depois me prometeu que não faria mais isso, que só precisava devolver a cadela e a mercadoria que as coisas voltariam ao normal.

— Vou falar com o pai desse seu amigo — disse, drenando aos poucos minha vontade de dar uma lição nele, no amigo, nos traficantes e até no Diabo, se ele aparecesse.

— É melhor mesmo — João bancara o apaziguador durante toda a conversa. — Podemos ir juntos, se quiser.

— Não precisa.

— Pode crer. Tipo, nem precisa, tá ligado? Ele é *brotherzão* meu, pô, eu que dei mole. É *sussa* de resolver.

Na semana seguinte tive uma conversa de resultados previsíveis com o pai do amigo, que obviamente declarou que era Eduardo quem levava seu filho para o mau caminho, e não o oposto. Enquanto isso, nossos filhos davam *um dois* em algum canto do Rio de Janeiro.

•

Estávamos os três na sala bagunçada. Os três.

— Por que não me contou? — perguntei, ajeitando a arma na mão suada. — Sua mãe perdeu o bebê! Perdeu! — Eduardo olhou para Helena, agora imóvel no sofá. — Eu não sei qual de vocês dois é pior! A mãe drogada que usa o filho para comprar droga ou o filho traficante que vende cocaína para a mãe grávida do próprio irmão!

— É foda — disse Eduardo.

— O quê?

Ele riu e me encarou com o rosto estúpido e debochado.

— É foda mesmo, agora que reparei.

Matei Eduardo, padre, com um tiro na testa, e Helena com três disparos no peito.

POTE DE MANTEIGA

O céu estava como a bancada da mamãe em dias de bolo: salpicado de nuvens sobre o fundo liso e homogêneo. Daquela vez, eram todas cor-de-rosa.

— Eu o vejo, padre. Ele fala comigo.

Pedro tirou a própria vida há três meses. Ana, irmã dele, me diz que vê e ouve o irmão todas as madrugadas, perto das três horas da manhã.

— Você sabe o que é a *dor do peito*, padre? — Ana me pergunta. — Sabe como é?

Respondendo que sei. Você acorda às sete e, antes de perceber, já tem uma cerveja na mão. Seu coração corre. O intestino grita e quer vomitar. Olhos se lavam enquanto a pele se arrepia. Eu sei bem o que é a *dor do peito*.

— Não existem almas aqui, não fora de um corpo — explico pela terceira vez. — Almas estão no céu, no inferno ou no purgatório.

Ela faz cara de espanto, revisa os quatro cantos e depois parece encontrar uma solução para o impasse.

— Pedro está no céu, padre, eu sei que está. Ele me contou como é, me descreveu. Meu irmão era um bom menino.

Um bom menino não assombraria alguém.

— Onde ele costuma aparecer?

— Perto da janela da cozinha.
— Já apareceu em algum outro lugar?
— Aonde quer chegar, padre? — ela se levanta, gira e se senta outra vez. — Não estou entendendo.
— Vou visitá-la, Ana. Talvez precise passar uma noite na sua casa.
A boca dela quase cai no chão.
— Eu... Eu não sei, padre.
Queria dizer a ela que não estou pedindo, estou avisando.

•

Passo pela Capela Real, no centro do Rio, um eco quase inaudível do que costumava ser. O Rio de Janeiro vem morrendo aos poucos desde os anos vinte; agora, é um cadáver. Por todos os lados, a sombra do desgaste permeia o cotidiano. É quase dezembro, mas não vejo nenhuma loja enfeitada, não vejo preparativos nem sorrisos a mais; estão todos exaustos. Os bares seguem cheios às dez da manhã; os traficantes lucram; as putas não se reservam às ruas desertas, marcam ponto nas saídas dos bancos, nas praças e nas escolas. É necessário fugir da condição humana e correr por entre as vielas que permitem a fuga. *Bom dia, boa tarde e boa noite* perderam seu espaço para a lógica das coisas práticas: são inúteis, como os ovos de Páscoa e a própria Páscoa, como uma cerimônia de casamento e a ceia de Natal.

No metrô, vejo as estações passando pela janela. Imagino o rosto do sujeito por detrás da voz que anuncia cada parada e pede para que os excitados se dirijam ao vagão vermelho; há preservativos e estimulantes lá, inclusos no preço da passagem. *Próxima parada: Gávea*, diz a voz. Lembro de ter lido em algum lugar que no metrô de Nova York ainda se ouvem gravações do Morgan Freeman.

O painel eletrônico mostra como proceder em caso de gravidez indesejada. A animação deveria parecer divertida. Uma moça sorri com uma agulha na mão e de repente estoura um balão cor-de-rosa, depois um balão azul e, por fim, um balão colorido. Sabe por que tudo tem de ser *engraçadinho*? Porque a pilhéria disfarça a tolice.

Às vezes a vida é só circunstância, e nada de extraordinário deve acontecer. Recuso admitir vinte e quatro horas de quem bate o cartão. Ana mora na Tijuca.

Uma mulher entra e se senta na minha frente, com um gato siamês no colo. Ela sorri, e tento sorrir de volta, até lembrar que gatos siameses são suicidas.

— Merda — deixo escapar, indignado comigo mesmo.

— Não é pecado um padre xingar? — pergunta a mulher, me reconhecendo pela clérigima.

Respondo:

— Porra nenhuma.

•

— Ah, padre. — Ana abre a porta. — Vamos entrando.

A casa é pequena e arrumada, e me lembra a casa da velha Greuza — uma sobrevivente.

Vai aonde, dona Greuza?, perguntei na última vez que nos encontramos.

É domingo, padre. Velho só levanta cedo no domingo para três coisas: ir no culto, na missa ou na macumba.

Bom culto pra senhora.

Sua benção, padre.

Deus te abençoe.

Ana vai até pia, cospe, separa dois copos e enche com chá-mate.

Minha mãe sempre reclamava quando eu lavava o rosto ou cuspi na pia da cozinha. Na cuba, suja, já havia restos de comida o suficiente, saliva, suor, mas de alguma forma o que eu fazia lhe parecia errado. Eis o desgaste de que falei. Chorar não é bom, entope o nariz. O problema é que todo mundo nasce chorando, ninguém nasce rindo.

— Está um pouco quente. — Ana bebe um gole.

— Tá bom.

— Eu não aguento mais dizer para a Letícia não se esquecer de encher as formas do congelador.

Ela esquece o copo, apoia os cotovelos e leva as duas mãos até a cabeça. Bufa, xinga baixinho e range os dentes. Quem reclama da pessoa que usou o gelo e não encheu a forma antes de devolvê-la ao congelador não tem nenhum problema na vida. Nenhum.

— Ela sabe chupar uma *rola* — dispara. — Sabe *dar o cu*. Mas uma porra de gelo... Não consegue assinar o próprio nome direito.

Ei, Raul! Não espanta a mosca do cu dela não, deixa pousar!, é o que me diria Dalila se estivesse aqui. Mas eu não cago, eu deixo cair. Fico quieto. Letícia é filha da Ana.

Um dia, se Deus quiser, Letícia vai descobrir que a massa de empadão não passa de farinha amassada com manteiga, então o mundo todo vai lhe parecer uma mentira, uma peça fora do lugar.

— Me desculpe, padre. — Ela começa a chorar. — Ai, meu Deus, eu não sei o que deu em mim... falando essas besteiras sem pensar. Meu Deus do céu. Desculpa.

— Não tem problema. — Ana começa a feder, e eu, a desconfiar. — É ali, naquela janela? — Aponto para o vidro limpo perto da geladeira.

— O quê?

— É ali que o seu irmão costuma aparecer?

— É.

No batente da janela, um objeto me chama atenção, é prata e reluzente. Gravuras e motivos decorativos em alto-relevo, azuis e amarelos, dão certa *finesse* à coisa. Destoa do resto da cozinha, organizada de maneira comum. Logo abaixo, a *airfryer*, a torradeira e o micro-ondas encaram o intruso com preconceito. O objeto parecer vibrar, mas ainda não sei se foi ele ou a lâmpada.

Levanto.

— O que é aquilo?

Ana não responde, tem a cabeça baixa, com os cabelos ralos cobrindo o rosto. A mão esquerda sobe por dentro da camisa, deslocando o sutiã, onde começa a acariciar os seios que não resistiram à gravidade. A outra mão desabotoa a calça e desce até o meio das pernas. Ela começa tudo ali, geme, sem notar a minha presença.

— Ana! — dou um grito.

— Raul, meu querido. — Sua voz combina com o suor na testa: doente. — Faz tanto tempo que não tenho um homem. Tanto tempo.

É perigosa nesse momento, tenho que tomar cuidado.

— Ana, o que é aquilo em cima da janela?

— Minha bisa morreu, aquela piranha. — Ela não me olha ao falar. — Enfiou o dedo na minha *buceta* uma vez, pra ver se eu era virgem. Vaca.

Ana começa a rir. Seu assento fica úmido, as pernas sofrem espasmos e ela para de repente, cospe nas duas mãos e volta ao serviço.

— Não tinha porra nenhuma de valor naquele lugar. Porra nenhuma. Um monte de livro velho, de quinquilharia. A velha era uma porca, ainda limpava o rabo com sabugo. Peguei isso aí, achei que era de prata. — Ela suga a saliva. — Nada disso. É uma lata, uma lata vagabunda. Um pote de manteiga da época da *puta que pariu*.

Abro a torneira e molho as mãos.

— O que está fazendo? — Ana tira a camisa, junta os dois bicos entre os lábios. — Anda, seu merda, vem me comer!

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ela grita. *Amém.* Pego a urna na bolsa e sujo os dedos com cinza. Depois, vou na direção do pote. Ana avança com as unhas no meu pescoço e tenta me morder. Faço uma alavanca por debaixo dos seus braços, forçando suas costas sobre a mesa, desenho a Santa Cruz na testa dela e aviso que comigo as coisas não serão tão fáceis.

— Ana! — Bato com força, o nariz sangra. Grito: — Ana!

— Vá à merda!

Chamo de novo. E de novo. E de novo. Ela respira fundo e me encara assustada. Solto suas mãos, que logo cobrem o busto. Atrás de mim, o pote voa pela janela, espalhando cacos de vidro pelo chão.

— O que foi isso? — me pergunta, depois de se afastar como se eu fosse um leproso.

O trabalho está apenas começando.

— Tem um demônio no pote de manteiga.

O ESTRANHO SEM NOME

Caminhar me relaxa um pouco.

A cidade oprime, impõe sua imagem fria, esquina após esquina. Uma mulher, cansada às sete da manhã, veste vermelho, me olha e ajeita o cabelo. Entra sem desconfiar na minha lista pessoal de *Helenas*, enquanto vou discriminando as rosas do buquê. O gordo e careca sobe as portas do restaurante, assobiando, e sua cueca encardida é prova de que tão involuntários quanto os ouvidos são os olhos. Menos a boca, onde moscas não deviriam mesmo entrar. Virando de lado em meio ao sono, o mendigo suspira, um outro ri do mundo. Lembro de uma final do carioca, Vasco e Flamengo. O vascaíno reclamava no posto por ter de trabalhar e consequentemente perder a hora do jogo. O flamenguista, estressado, logo aquietou as tensões: *os mendigos da Carioca estão vendo o jogo!* Um vira-lata atravessa na minha frente, se preparando para a cagada matinal. *Tomo suco verde de manhã, me deixa mais leve!*, ouvi de outra *Helena* algum tempo atrás. *Bom, eu faço cocô*, respondeu um sujeito educadamente. Fumaça sai dos bueiros. Sirene de polícia e motores por todos os lados. Todas as coisas estão esquentando, evaporando sereno e sonho. Termina a Rua da Candelária. A Rua Buenos Aires fede à merda; estreita e vazia, abriga a batalha das arquiteturas. De um lado, os técnicos; do outro, os poetas. Frente a frente por toda a extensão da selva de pedra — vence quem não piscar. Um calcula; o outro, recita.

Ninguém fica sozinho no centro do Rio, e nenhum só pensamento resiste ao espetáculo à céu aberto. Andar aqui afasta as lembranças e mantém as obsessões a uma distância que julgo saudável.

Meu destino é o Beco das Cancelas. Quando chego, o gato me olha e sai correndo para avisar algum desavisado. Uma, duas, três. Terceira janela do prédio decrepito. Dou duas batidas no carvalho antigo, português. Espero a magia acontecer, visto que minha presença não é mais uma surpresa. Os gatos são as câmeras deste mundo que se esconde debaixo do mundo. Pobres pombos, dispensados por sua mania de preferir o lixo. Felinos emanam uma certa decência. Meu pai bradava aos quatro cantos, depois de uma cerveja ou outra, que honra, elegância, charme e outros aspectos eram talentos inatos, porém, dignidade e decência todo homem deve ter, faça chuva ou faça sol. Nada acontece. O barrigudo deve estar de sacanagem.

— Senha — Luizim solicita. É muito provável que esteja coçando o barrigão, achando graça da formalidade desnecessária.

— É o padre.

— Senha — insiste o sátiro. Ouço seus cascos estalarem, involuntários frente às imposições do riso.

— *Pudim de leite* — resmungo.

— Adoro!

A estrutura afunda, delineando uma passagem grosseira por onde a luz não parece entrar, mas eu entro. Fica para trás a manhã, e tudo parece madrugada. Luz oleosa e amarelada escapa de velas oleosas e amareladas. Frio. Tons sombrios cobrem o papel de parede decorado e antigo. Tudo ecoa como numa caverna. Aqui, o poeta está ganhando.

Luizim me olha satisfeito e pita o cachimbo. A brasa acende e depois apaga.

— Excelente! Excelente esse fumo que me trouxe, Raul. — Pita outra vez. — É de quê mesmo?

— Chocolate.

— Cho-co-la-te — ele repete mais duas vezes. — Que palavra maravilhosa essa! *Chocolate!* Mas acho que ainda prefiro *chinelos*. Chinelo é ótimo!

— *Mulher* também.

— Mulher! Muuu-lherrr! — Luizim coça o *barbão*, pensativo. — O português é maravilhoso. Nós dizemos *γυναικα!*

— Não duvido.

— Pois não duvide mesmo! — Mete um dedo calejado dentro do forninho e amassa o tabaco. — Em Metéora também falamos bonito. Excluindo, é claro, as gírias criadas pelos faunos.

Melhor interromper antes que ele comece a me explicar, pela centésima vez, a diferença entre sátiros e faunos. *Os faunos fedem e não sabem apreciar um bom tabaco! Uns vagabundos!*

— Os Loucos me convocaram, Luizim.

Ele bufa, depois salta do banquinho resmungando. Sobe uma escadinha até o balcão e estala as costas quando chega ao último degrau. Lambe a pena, mergulha na tinta e abre o livro cheio de adornos, ignorando o pó.

— Claro, claro... — Rabisca alguma coisa. — Pode subir. E me traga mais desse cho-co-la-te da próxima vez!

— Pode deixar.

Entrar aqui, na sede dos Loucos, tem o efeito oposto sobre mim. Não é como a cidade lá fora.

Vou avançando as alas decoradas, passando os olhos pela caligrafia bonita nas portas vitorianas. As placas de metal, centralizadas sobre o vidro liso, sinalizam as curvas sinuosas, os declives e os locais onde não é permitido estacionar. *Objetos malditos. Poções. Sacramentais. Biblioteca.* Sigo em frente.

O salão me recebe vazio e mal-iluminado. As chamas da lareira estão perdendo sua batalha contra a escassez de vida para queimar. O lustre tem duas velas acesas, projetando sombras

gigantescas sobre as escadas em caracol que descem do segundo andar. Procuro pelo café na mesinha e por sorte o bule está cheio. Pego a xícara maior, não coloco açúcar, e me sento no sofá pomposo e desconfortável.

Marlene surge no segundo andar.

Suas asas, translúcidas e brilhantes como uma fantasia de carnaval, preparam o salto leve. Uma fada de um metro e oitenta pousa sobre o mármore polido e decorado. É linda. A pele branca lembra a privada de um hotel cinco estrelas. Cabelos como penas de graúna, seios redondos e seguros de si, olhos que lembram opalas. Usa um vestido justo, *champanhe*, que lhe cobre as canelas. Ela se senta do meu lado, cruza as pernas e se inclina para mim. Tem o rosto apoiado no braço direito, pendurado sobre as costas do sofá. Seu cheiro de *Chanel Nº5* me diz que gosta das nossas velas — gosta muito. Faz visível o vale emoldurado pelo decote, esperando alguma reação.

— Sua cor me atrai de uma forma quase incontrolável, Raul.

— A voz é grave, apesar de gentil e delicada.

— O que os Loucos querem comigo, Marlene?

— Ah — ela se afasta um pouco —, você sabe qual é a nossa tarefa, querido. Estamos em cada esquina, em cada manicômio.

Os Loucos são os sentinelas da noite do mundo.

Num beco às três da manhã ecoa música para afastar os diabretes das sombras por entre as pernas que se prostituem. Outro vadio, na Rua Gonçalves Dias, faz exorcismos nas chamas dentro da lixeira e joga ali objetos que as avós falecidas chamavam de *carregados*. Em rondas noturnas, um vira-lata caramelo impede que animais sejam possuídos por demônios menores, enquanto Sama, siamês e caolho, tenta conter as rebeliões organizadas pelo Rei dos Ratos. A lista de porcarias não para por aí.

— É o que dizem.

A fada faz cara de ofendida, mas logo desiste do disfarce.

— Acha mesmo que daria conta do Centro sem nós?

— Não, não daria.

— Ótimo.

— Qual é a razão de eu estar aqui, Marlene?

— Temos um visitante inesperado na cidade. Convoquei sua presença para alertá-lo.

— Entendo. E de quem, ou *do que*, estamos falando?

— Esse é o ponto, querido: eu não sei.

— Não acredito.

Marlene flutua até o bar, escolhe uma garrafa branca e me encara.

— Aceita um Licor de Dentes? Temos Sete Anos e, deixe-me ver, Doze. Um Quinze raríssimo também. Não? — Recuso, no que ela enche uma taça grande e toma tudo de uma vez. Depois, para, perde seus olhos no nada e sorri.

— Não acredita em fadas?

Agora o sorriso é meu. Mais uma taça inteira e ela continua.

— Ele é um *não ser*, Raul. Uma *força da natureza*. Não é um demônio, e por isso mesmo também não é um anjo; é outra coisa.

— Não sei se estou entendendo.

— Quando entidades assim adentram nossos domínios, nunca sabemos ao certo o que fazer. Guerras eclodem, pragas, sonhos se abalam e catástrofes acontecem. Ou não, pelo contrário, pode ser o início de um período de curas e milagres, boas safras e paz.

— Ainda não entendi.

— Nem eu. Apenas peço que redobre a atenção. Ele parece estar caçando, mas ainda não sabemos qual é a presa.

— Quer que eu tome cuidado, *ok*. Cuidado eu sempre tomo.

— Cuidado, querido. — Ela bebe direto da garrafa. — Cuidado com o estranho sem nome.

•

A Praça Mauá cabe na minha mão.

O dia vai caindo, levando com ele as expectativas, nos salvando da inércia — um *réveillon* em miniatura.

Do terraço, consigo ver as janelas se multiplicarem como almas fugindo do purgatório, acendendo e ascendendo, uma após a outra. O Edifício Joseph Gire, também conhecido como *A Noite* nos tempos em que abrigava o jornal de mesmo nome, esconde sua dignidade entre os obeliscos sem vida e as curvas que não levam a lugar algum. Majestoso e esquecido, lembra meu Opala 72 deslocado entre os sistemas de freio ABS no meio da Avenida Brasil.

Venho aqui para pensar. Nunca vi Marlene beber direto da garrafa antes, é uma dama, e damas não fazem isso. Parece que o resto desandou junto. Uma ária se fez na música dos dias comuns. As súcubos da Vila Mimosa estão alvoroçadas, perdendo serviços. Os Loucos, em alerta. Há um clima de apatia mais acentuado do que o normal nas ruas. Tudo parece esperar, e nada acontece. Nada fora do normal.

Um leve toque no cimento frio.

É Fernando, chupa-cabra em reabilitação, me trazendo as informações que conseguiu reunir. Hoje escolhe roupas elegantes, veste P. Olhos vermelhos, boca pequena, dentes pontudos, mãos deformadas e pelos grossos por todo o corpo. Anda curvado, quase com as mãos no chão. Seus braços são significativamente maiores que as pernas, parece um gorila desnutrido. Para do meu lado e admira a Baía de Guanabara. Suspira, poético:

— Essa é a privada do Rio de Janeiro.

— É — concordo.

— Mal escureceu e já dá pra ouvir os problemas. Nem sei mais se consigo dormir sem as sirenes e os gritos.

— Nem eu.

— Adianta vir aqui vigiar, padre?

— Quer saber se estamos perdendo, é isso?
— Não. Quero saber se já perdemos.
— Ainda não, Fernando. Você é uma prova disso.
— Não sou, padre. — Ele tem um espasmo e se coça, indifferente. — Não fosse o senhor, eu teria passado os últimos anos por aí, sugando a linfa de ratos com toxoplasmose.

A brisa da baía nos atinge e é boa porque é fresca, e só. Carqueiros buzinam alto, iluminados como árvores de natal boiando sobre o manto negro e manso. A decoração também atinge a Ponte Rio-Niterói, acesa como um pisca-pisca estendido na varanda da frente. Pontos coloridos brilham no céu, fazendo seus trajetos Rio/São Paulo, Rio/qualquer lugar e qualquer lugar/Rio.

— Certo. — Eu me viro para olhá-lo. — O que descobriu?

Mais coceira. Por um instante parece nervoso e, por outro, excitado. Junta as garras sobre o rosto, evitando meu semblante. Imita um pêndulo, procurando não encostar em mim.

— Não muito, padre. — Silêncio, suspiro. — Não muito.

— Pouco, então. Vamos, conte.

Fernando me entrega um pedaço de papel amarelo, no qual uma letra ruim tenta informar hora e local.

Não preciso perguntar.

— Ele te deu isso. — Guardo o bilhete. — Não deu?

— É um demônio. — Treme o corpo magro e se encolhe. — Um feiticeiro. Só existe maldade nele. Deboche, tristeza, vazio. Sua presença consome como o frio. Senti fome, sede, medo, angústia.

— *Tentou* você, não foi?

— Ele sussurra. Ordena. Mandou que eu matasse. — Fernando começa a chorar sobre as palmas abertas. — Matei outra vez, padre, matei. Rogo seu perdão.

Outra vez, não preciso perguntar.

— O que você matou, Fernando?

— Você sabe. — Arranha as próprias costelas, destruindo o paletó. — Ele disse que eu precisava experimentar, pelo menos uma vez. *Pelo menos uma.*

— Era criança? Não minta.

— Não.

— Algum Louco te viu?

— Não. Não me vigiam mais, o padre sabe disso.

— Não levanta.

Eu me levanto.

— Vou atrás dele, Fernando.

— Eu sei, senhor, eu sei. Eu me arrependo. Fui *tentado*. Rogo o seu perdão.

— Essa parte não é comigo, Fernando, mas acredito em você.

— Obrigado. — Ele fecha os olhos. — Obrigado, homem de Deus.

Minha bota faz o serviço sobre o calo nas suas costas, sem qualquer resistência. Não escuto o barulho do impacto.

Tenho um encontro marcado.

•

Depois que a Sra. Realidade nos apresenta seus delírios, é inevitável não alimentar dentro de si doses perigosas de cinismo.

As tatuagens das celebridades, as eleições presidenciais, o salário dos jogadores de futebol, dentre outras merdas, nada disso resiste ou tem qualquer importância diante de uma *matinta pereira* anunciando que só não vai matar o bebê porque não quer condená-lo ao céu — o nome do garotinho era Pedro.

Pedro encheu as tardes dos sensacionalistas e as dos profissionais também. Estampou *feeds* por aí, jornais, minutos de silêncio em partidas aleatórias. Não apareceu nas caixas de leite porque não fazemos isso aqui. O único produto com estampas infelizes

são os cigarros, por alguma implicância que me custa entender. As panelas de alumínio carregam os selos dos órgãos reguladores. Refrigerantes esbanjam seus pHs de 2,5. Latinhas de cerveja atiram suas granadas de estrogênio nos peitos desavisados. Não vou falar das salsichas. Irritabilidade, tendinites, lesões e inflamações musculares, insônia, descontrole cardíaco, joelhos estourados, ombros e juntas corrompidas, envelhecimento precoce e alterações hormonais lotam as academias com *gente do bem*. Por favor. Respirar oxida e degenera nossas células.

O tamanho do meu encontro aumenta na medida em que um jornalista dita todas as soluções que a cidade precisa e como implementá-las, mas não se candidata à prefeitura; mora na Barra, nunca pegou um ônibus na vida. Desligo a caixinha.

Reviso local e horário:

Theatro Municipal – 3h.

Olho o relógio; passa um pouco da meia noite. Tenho três horas até pousar os pés na Praça Alagoas. Dá e sobra. O horário é um clichê, deve estar querendo me assustar como a figura da vez. Um olho esbranquiçado e sujo anuncia:

VOCÊ ADOECE

Este produto causa cegueira

Não sou um desses chatos que logo perguntam sobre a fonte das informações.

Acendo o cigarro e decido: vou sozinho, sem Marlene.

•

Ainda tenho sono quando acordo.

A garrafa exibe menos reflexos do que deveria — nenhum sinal de fumaça no cinzeiro. Procuro pelo relógio e acho as horas dentro do celular. Volto a dormir uma, duas vezes...

Estou no *Bar do Presente*, como sugerem as letras azuis que brilham contra a parede desbotada e sem uma cor definida além, é claro, dos tons daquela *sujeira primordial*, enraizada e intransponível, que recobre nossas construções ultrapassadas, e do alaranjado dos tijolos à mostra.

É noite neste lugar. O chão é purpúreo e as estrelas parecem bolhas de sabão sobre um lago negro e pastoso. Tem um homem fumando encostado numa moto. Ele me vê e não fica incomodado; aparentemente não sou uma presença estranha. Notas se espalham por toda parte, oriundas do piano de cauda dentro do bar. Posso vê-lo pelo vidro embaçado e cheio de adesivos. Uma sombra está tocando. Estica as mãos na horizontal, apagando e redesenhando as teclas amareladas.

O balcão vazio parece inútil. Sento no banco perto das torneiras de *chopp*, como sempre.

— *Eu Vi o Que Você Fez?* — me pergunta o homem gasto, enquanto esfrega um copo com o pano mais gasto ainda.

— Viu o quê?

Ele ri, como homens riem quanto zombam uns dos outros.

— Tenho *Não Fui Eu, É A Minha Primeira Vez, A Carne É Fraca, Foi Muito Bom, Onde Aprendeu Isso* e, se estiver a fim de um negócio mais pesado, tenho uma garrafa quase no fim de *Eu Te Amo*; deve ter uma boa dose ainda.

— Cerveja, por favor.

Desconfiado, o homem chega um pouco mais perto.

— *Ser Veja*, é? Quem te falou que eu estou vendendo isso? Foi o estranho? — ele começa a sussurrar, e só neste instante percebo seu bigode sólido. — Sujeitinho esperto.

— Estranho?

— Ele adora se soltar por aí, sabe? Para engrossar a existência que não tem, para chamar a atenção das coisas. Gosta muito de *Ser Veja*. Quanto você tem aí?

Enfio a mão no bolso da calça e sinto o toque frio do metal. Duas pastilhas pequenas passeiam de um lado para o outro entre os meus dedos; me pergunto onde foi parar a minha carteira quando estendo a palma com as duas rodela douradas. O homem olha do brilho para o meu rosto e volta a sussurrar:

— Não tem cobrado pelos seus serviços? — Notas femininas se escondem na sua voz, notas daquela namorada que pergunta: *Você não é homem não?*

— Cobrar? Não, não posso.

— Acho que as duas moedas devem dar. *Ser Veja*, não é?

— Cerveja.

Ele some atrás de uma porta emoldurada por garrafas. Mulheres do tamanho de isqueiros andam pelos vidros coloridos, sorrindo, todas nuas. Suas formas vão aumentando e diminuindo pela refração das bebidas, e parecem gostar disso. Exibem os seios redondos colando-os nas interfaces. As bundas também, dentre outras partes anatomicamente mais difíceis de exibir.

— O que são essas *mulherezinhas*? — pergunto ao homem voltando com uma caneca cheia.

— Ah, não ligue para elas. *Verdades*, você sabe. São a medida da realidade. Toma, sua *Ser Veja*.

— Obrigado.

Reparo no colarinho aparentemente cremoso e bebo sem cerimônia. Um *chopp* comum, mas muito decente. A satisfação do homem ao me observar é tanta que me sinto constrangido.

— Bom *chopp* — digo simplesmente.

Ele acena com a cabeça, sem desconfiar da qualidade do que serviu.

— Quem é o cara no piano? — Isso, como bem sabemos, não pode ser nada além do milagre do álcool.

Escuto passos e um som de aconchegos. No rosto do homem, a dúvida toma todas as vagas que estavam ocupadas.

— Você sabe quem ele é — diz, apontando com o queixo para disfarçar. — Faz trinta e oito anos hoje que ele não para de tocar; já foi melhor. Se ele parar...

— Eu morro — completo sem pensar, como se fosse óbvio.

— É, você morre.

Começa a chuva do lado de fora. O som é de batatas mergulhando em óleo quente. Sob o bigode, o homem não para de sorrir. Sinto cheiro de pia, de manteiga e ovos mexidos.

— Vocês servem comida aqui? — pergunto.

— Ah, fique tranquilo. — Ganho um tapinha no ombro, e o balcão ganha outros dois. — Seu café da manhã está sendo preparado.

A convicção do sujeito me assusta. Ele enfia os indicadores na boca, um de cada lado, inflando as bochechas. Enche o peito e, sem me perder de vista, assobia.

O som aumenta conforme a figura murcha. Minha cabeça dói, meu rosto queima, o piano acelera. Caio do banco e tudo começa a girar. Sou o reflexo no espelho de um banheiro qualquer.

•

A mesa agora ocupa o lugar do chão. Sobre o fogo azul, a chaleira apita.

— Acorda — recebo a ordem.

O estranho opera duas panelas no fogão e esvazia a gritalhona em cima do pó no filtro de papel. Cantando, corta salsichas e alguma outra coisa — talvez queijo. Limpa os dedos no pano de prato.

É magro, alto e branco. Veste uma camisa de flanela azul e calça *jeans* clara e desbotada.

— Sinceramente, Raul. — Ele gira em torno de si com dois pratos nas mãos e coloca um na minha frente. — Não sei o que me impressiona mais, a máquina que esfria ou essa fogueira gorda.

Antes de se sentar, recolhe o café e as xícaras da pia e serve nós dois.

Enquanto come os ovos em garfadas cheias e ataca o café com vontade, anuncia:

— Pode começar.

— Você é quem deveria *começar*.

— Acho que não me entendeu, padre. — Mais café. — *Quem é você? O que você quer? Como entrou aqui?* — Encena com o garfo, como um maestro. — *Que porra é essa? Quem te mandou?* Anda, pode perguntar.

— E adiantaria?

— Ótimo! — Agora o mesmo garfo é uma seta na minha direção. — É claro que não. Não adiantaria absolutamente nada.

Tudo ao redor parece querer convergir para ele, como um buraco negro no meio da minha cozinha. Sinto o mesmo no estômago. Fome além da fome. Uma opção é comer, a outra: fumar. Fico com a segunda. Tiro o cigarro da carteira, mas não encontro fogo.

— Permita-me — diz o estranho.

Antes que eu pudesse agir, o tabaco acende sem se mover do espaço entre os meus dedos.

— Não precisava. — Disfarço a surpresa. — Tinha um isqueiro bem aqui.

— Acha que envenenei a comida?

— Acho.

— Se quisesse te matar, você já estaria morto.

— Eu sei.

— Sabe. — Enche mais uma vez a xícara vazia. — Sabe porque somos parecidos. Fernando explodiu no meio-fio; eu não teria feito melhor.

— Não tenho pena das criaturas que o seu *pai* envia pra cá. Se achou que eu teria, perdeu seu tempo.

— Pai? Não acredito que o meu pai, um humilde criador de porcos, tenha alguma coisa a ver com as aberrações deste lugar. Aliás, está morto há muito tempo.

Ele abafa um riso e passa os dedos pela fumaça que sai do meu cigarro, onde imagens começam a se formar como *slides* numa apresentação.

Vejo um homem recolher merda com uma pá, cercado por porcos grandes e sujos.

— Meu pai. — Aponta o estranho.

Depois, vejo o semblante assustado de Fernando. Encara com horror o estrago que fez no abdômen da mulher morta sobre o paralelepípedo. O beco é deserto e escuro como muitos no Centro.

Não digo nada.

O estranho acena com a cabeça e a projeção muda.

É a porta do meu apartamento. Ela abre, alguém entra, olha ao redor, sala, corredor, cozinha. Estou dormindo sentado na mesa. Abre a geladeira, tira ovos, manteiga, queijo e salsichas de lá.

— Entendi, mas não vou comer.

— Não, não vai. Tudo bem, já fiz o meu serviço.

— Fez?

— Só estou de passagem, Raul. Digamos que certas *coisas* simplesmente precisam acontecer.

A fumaça aumenta, é dourada agora e está em todo lugar.

— Antes que eu me esqueça. — Ele ergue a xícara de café.

— Um brinde. Um brinde, padre, à grandeza de atos miseráveis e à miséria de atos grandiosos.

•

Acordo na Praça Alagoas. O Theatro Municipal reluz bem na minha frente.

Ainda parece ser manhã. Levanto com dificuldade, desgrudando meus membros da superfície do banco. A cidade está quieta, não vejo carros, não vejo ônibus, não vejo pessoas; é pior do que dia de domingo. Atravesso a escassez, que também lembra um dia após o fim do carnaval, mas sem as montanhas de latas de cerveja. Ser, veja. Ratos atravessam despreocupados. Escuto os meus passos, escuto o vento dobrando a esquina, escuto o jornal esfarelar enquanto rola pelo chão, escuto a primeira página pou-sar sobre os meus pés.

PREFEITO DO RIO PROLONGA LOCKDOWN POR MAIS 15 DIAS

...

Nova variante do vírus pode ser até vinte vezes mais letal...

FERNANDO ERA PESSOA

Você vai ficar onde está e não vai olhar para trás.

Não sou bonito como as suas putas.

Não sussurrei porra nenhuma enquanto fazia suas merdas. Você fez tudo sozinho, fez porque quis. O cobrador é o Outro, é a puta maior, a cafetina. Eu não, eu bato palma, jogo dinheiro no palco.

Tudo aqui é meu. Tudo aqui, abandonado, o puteiro inteiro. Não tenho pressa. Rabos como o seu, como os de todos vocês, queimam há muito tempo. Tudo no alto é fumaça. Nossa sujeira. Toda a historinha dos homens e a minha.

•

Eu nunca sonho, lembro o livro do Mutarelli. Pesadelo não é sonho.

Aquele não era um demônio, era o Demônio.

Queria que pudesse me ouvir suspirar...

O som é frio, fede a cansaço e carrega meus esforços de pouco em pouco interesse. A tristeza não é nada legal. Uma manga precisa perceber que é uma manga, entender seu caroço, ranzinza, agarrado à parcela inaproveitável de polpa. Precisa reconhecer seus fiapos, mesquinhos, impalatáveis para certas bocas, sua casca tão egoísta quanto o caroço, propensa ao desentendimento e à lambança. Não é um morango, não é um pêssego, não é uma

cereja, não é uma pitaia, não é um kiwi. Vai estragar primeiro na salada, logo depois da banana.

A cozinha espanta qualquer possibilidade de café. Pareço, ao que parece, com o pão de forma embolorado às bordas da lixeira como cera de vela, quadrado, de casca amarga e miolo mole. Fechado e bundão. Consumido pelo mofo do mundo, impregnado nele: ele mesmo. O mofo não vem de lugar nenhum, é o lugar, está aqui e ali, esperando um braço a torcer.

A mulher que leu Fernando Pessoa apenas leu Fernando Pessoa. A mulher que leu J. K. Rowling apenas leu J. K. Rowling. Saio por aí todos os dias me distribuindo sem perceber, e ninguém me assopra nada de si ou pensa que assopra. Aquilo que chega diz mais sobre o que comeu do que sobre o fundo, sobre as entranhas, sobre o sangue que deveria pautar certas coisas.

Ontem, uma hora dessas, era o corpo sobre a mesa que me assombrava. Os ganchos contra as costelas abertas, os espasmos e a respiração ofegante. A voz buscando palavras engasgadas, incerta sobre qualquer possibilidade de socorro. Ao fundo, o Sr. Especialista de bunda no chão, encolhido, chiando: *não pode morrer, não pode morrer..., não posso matar, não posso matar*. Vou perdendo tudo isso aos poucos. Não posso. Com muito esforço, passo o café. Ainda tenho pão bom, pão limpo. Coajo as memórias. Ele disse que queira prender o Diabo ali, conversar com Lúcifer. Fiquei com isso preso debaixo do cabelo. Ele disse que o espécime não podia morrer, porque Satã não gosta de perder almas à toa. Explicou que aquele era o sexto. O sexto. O sexto que era pessoa. Antes do rato, do cachorro, da cobra, por causa de Éden; dos seres mais nobres, faltava só gente. Falou os nomes, pedindo desculpa. Disse que se lembrava de todos. *Não pode morrer, não posso matar*. Acabavam morrendo. Helena, Elena, Helena, Helena, Elena. Aquele era o primeiro homem, Fernando. Pediu desculpa outra vez, não conferia os sobrenomes. Perguntei o dele, o nome, só o primeiro, ele disse que era um especialista e apontou para o diploma na parede.

Termino meu desjejum. Comida me faz pensar.

É hora do almoço no centro do Rio.

Caminho entre odores e panfletos que recuam ao vislumbra-rem a batina. Sou um padre e não preciso anunciar. De lá para cá, daqui para lá e de lá para lá vão os sorrisos, os passos lentos devorando o intervalo. Mesmos cabelos, mesmas roupas, mesmas conversas, tons, mesmos cheiros. E amanhã outra vez, e depois, e depois, e depois. A mesma busca redescoberta a cada comercial, a cada bebedeira no fim de semana, a cada compra pela *internet*, a cada pedaço de corpo que nunca se dá por inteiro. Todos nós, economizando dinheiro para comprar a carta de alforria. Antigamente, minha avó dizia, todo mundo tinha guardada em casa uma muda de roupa para o próprio velório. Em outra conversa, me contou sobre um empregado que sempre cheirava o mijó e a merda do patrão, curioso sobre as essências daquele ser potencialmente diferente. Quando morreu, o patrão, ninguém aguentou o cheiro, porque *velório se fazia em casa, meu filho. Velório se fazia em casa.*

Num canto, o mendigo se espreguiça, acabou de acordar. Faz carinho no cachorro e depois os dois se coçam juntos. Não demora e está de pé. Pega uma caneca, que é um pedaço de garrafa PET, enche com água de uma garrafa inteira. Uma escova aparece, e ele começa a escovar os dentes. *Ainda bem que não acordou cedo*, é o pensamento que tenho. Eu não escovaria os dentes se morasse na rua. Às vezes não escovo. A vida banal exerce uma atração estranha em quem não participa dela. *Algo* para agarrar. *Álcool*, para o resto.

Entro no restaurante. É *self-service*. O arroz e o *stroganoff* valem a mesma coisa, apesar de serem pesados na mesma balança. Parece piada, mas não é. Ninguém come só *stroganoff*. Parece burrice, mas não é.

Prato feito, por mim. A noite abre caminho entre uma garfa-da e outra.

Padre, por favor. O Sr. Especialista não olhava por onde andava, derrubando frascos de soluções fedorentas pelo chão. O jaleco um dia foi branco. *Deus nunca me atendeu! Nunca! E o Diabo? Hein? E o Diabo?! Quem saberia sem tentar?*

O Diabo não vem atrás de gente igual a você, respondi. *Não. Você já está fodido.*

As paredes estavam cobertas com livros escritos por gente que se aproveita de uma sociedade doente. Nos potes, coisas fluíam, coisas nadavam, coisas ignoravam e coisas julgavam. Nas bancadas, equipamentos que não sei o nome, nem o preço, nem a serventia. Pendurados, utensílios para cortar, raspar, rasgar, pegar, costurar e matar. Ignorei a mesa, os órgãos expostos trabalhando, os gemidos.

Ele vai fazer outra vez se eu não der um jeito. E de novo, e de novo, e de novo, e de novo.

O Diabo não está certo, mas tem toda razão.

TUM! TUM!

— Essa boneca idiota está atrasando a gente! — disse o menino, afastando duas moitinhas de capim. — Assim não vamos chegar nunca!

Helena fez biquinho e apertou a bonequinha com mais força ainda.

— E se eu deixasse a Nina no quarto e ela sumisse também? — perguntou a menininha, como quem diz a coisa mais óbvia de todas. — Nunca pensei que você fosse tão burro, Raul!

— Vai começar com essa história de matemática outra vez?

— Viu só como você é burro? Eu nem falei nada de matemática!

Em algum canto dentro do mato, um bichinho soltou um ruído muito esquisito, e os dois esqueceram rapidinho do que estavam falando.

— Que é que foi isso? — sussurrou Raul, parando de avançar por um momento.

— E eu sei?

Logo ignoraram o barulho também, porque nenhum dos dois teve coragem de ir ver o que era, nem de ficar imaginando. E se fosse um bicho perigoso? Seguiram para o lugar que Raul havia encontrado pela manhã e queria muito mostrar para Helena.

A tarde não estava quente, e um vento fresquinho soprava por entre as árvores, que faziam sombra sobre cada canto que a

gente olhasse. Passarinhos cantavam pela trilha que os dois iam abrindo enquanto amassavam cada vez mais a relva e as folhinhas pelo chão.

— Estamos chegando? — perguntou Helena, sentindo que Nina, apesar de ser feita de pano, botões e algodão, pesava muito mais agora do que antes.

— Quase.

— Estamos quase chegando ou quase estamos chegando?

— Ah! Por que as meninas complicam tudo?! — Raul afastou um amontoado de palmeirinhas e apontou para a claridade cheia de pedras grandonas. — Chegamos!

— Finalmente. — Helena queria sorrir um pouquinho, mas achou que Raul não estava merecendo. — Vamos ver se é isso tudo mesmo!

E era isso tudo mesmo!

Uma linda clareira, com o chão coberto por graminha fofa e baixinha. Florezinhas coloridas cobriam os cantinhos com sombra e estavam cheias de borboletas, grandes e pequenas. Grandes e pequenas eram também as pedras, um monte delas, que enchiam a maior parte do lugar, e algumas pareciam formar mesas e cadeiras, camas e trampolins.

— Essa toda branca é um quartzo, sabia? — explicou Raul, apontado a pedra onde estava sentado. — E essa cinza com olhinhos é um granito!

Helena nem ligou para os conhecimentos do irmão. Estava encantada por um passarinho todo azul, bem ali pertinho.

— Sabe que passarinho é aquele?

— É um sanhaço — respondeu ele, com um pouquinho de desdém. — Aqui tem um monte.

De repente o passarinho deu um voo rasante, fez duas piruetas no ar e pousou no chão, todo faceiro, bem pertinho de Helena.

A menina ergueu a ponta do nariz como uma rainhazinha faria e apontou o dedinho indicador na direção do sanhaço.

— Anda, Raul — ordenou ela, fazendo pose. — Aproveita essa chance e pega o passarinho pra eu ver!

Raul fez uma cara estranha. Poderia pegar o passarinho se quisesse, ou pelo menos achava que podia, mas será que Helena não conseguia ver de onde estava?

— Não está enxergando ele não? — Raul saltou devagarzinho, para não assustar o sanhaço. — Se você precisa usar óculos, melhor vovó ficar sabendo!

Helena encheu as bochechas de ar e bufou, como se estivesse muito nervosa.

— É só um jeito de falar, seu burro! Pega logo antes que ele fuja!

— Ah... — resmungou ele, sem entender muito bem. — Por que as meninas complicam tudo?!

O menino respirou fundo e se concentrou. Dobrou os joelhos e abriu os braços como se quisesse abraçar alguém de surpresa, chegando por trás, sem fazer barulho.

O passarinho parecia nem notar que estava sendo caçado. Ciscou umas pedrinhas no chão depois de empurrar a grama com as patinhas; fez isso um monte de vezes antes de Raul saltar com tudo e agarrá-lo de um jeito meio desajeitado, escondendo o bichinho entre as mãos e o peito.

— Isso! — gritou Helena e depois deu um sorrisinho (finalmente). — Deixa eu ver!

— Caramba! Você é cegueta mesmo!

— Eu. Quero. Colocar. A. Mão. Nele! — bufou ela outra vez. — Assim. Você. Entende?

Agora quem sorria era Raul, muito satisfeito com a captura.

— Coloca essa boneca no chão antes, vai ter que pegar ele com as duas mãos!

Helena colocou Nina com todo o carinho sentada sobre uma das pedras. Raul, satisfeito, passou o sanhaço com cuidado para a irmã.

— Vê se não aperta ele!

— Como o coraçãozinho bate rápido! — disse Helena, sentindo-se muito corajosa. — Parece o despertador da vovó quando toca! Nina precisa sentir como é!

— Nina? — perguntou Raul, muito confuso. — Ela é uma boneca de pano, sua tonta, não sente nada!

— Não vou explicar para uma porta o que é uma laranja! — Helena adorava decorar as frases da mãe que mais gostava. — Anda, sai da minha frente!

Raul saiu depois de um empurrão meio sem jeito da menina. *Por que alguém tentaria explicar coisas para uma porta?*, questionou-se por um tempinho.

— Queria entender essa sua implicância com a Nina — retomou Helena, aproximando-se da bonequinha de pano. — Por acaso é você que anda sumindo com as minhas bonecas? Hein, Raul?

— Eu?

— É, você! — Helena parecia muito esclarecida. — Só me sobrou a Nina, e está na cara que você não gosta nada dela!

Distraído com o que a irmã pretendia fazer, Raul não se defendeu da acusação, e Helena foi logo conversar com Nina.

— Olha, Nina, o coraçãozinho dele bate muito rápido! — A menina balançou a cabeça e sorriu, como se escutasse a bonequinha falando com ela. — Quer sentir também? Está bem, mas com cuidado para ele não fugir! É um passarinho muito difícil de se encontrar, o nome dele é Sr. Sanhaço!

Raul achou tudo aquilo uma grande bobagem, mas resolveu não atrapalhar. Afinal, ele mesmo não conversava com Amora de vez em quando? *Mas pelo menos Amora é um cachorro, refletiu, um bicho vivo!*

Helena levou o sanhaço até a mãozinha da bonequinha, encostando com cuidado o peito cheio de penas do passarinho no pano branquinho.

— Viu só? Faz: Tum! Tum! Igualzinho o nosso, só que muito mais rápido!

•

Sabe como é quando a gente acorda no meio da noite e o quarto está tão escuro, mas tão escuro, que nem faz diferença se estamos de olhos abertos ou fechados? Era exatamente isso que acontecia com Helena naquele momento.

A menina sentiu um friozinho na altura do pescoço e logo procurou o cobertor. Quando o encontrou, lembrou-se de Nina e tratou de buscar a bonequinha também, tateando a cama no escuro.

— Será que deixei ela cair?

— Deixou, como sempre... — disse uma voz rouca e baixinha, que poderia ser de uma mulher muito velhinha ou de uma garotinha com a garganta inflamada.

— Quem disse isso? — perguntou Helena, com vontade de se esconder debaixo do cobertor.

— Você não sabe? Pensei que éramos amigas!

Helena não sabia direito se estava empolgada ou com muito medo (ou ainda um pouco dos dois).

— Nina? — perguntou ela.

— Na verdade meu nome não é bem esse não, mas tudo bem — respondeu a bonequinha de algum lugar no escuro.

Saindo de trás de uma nuvem, a luz da lua entrou no quarto pela janela, iluminando a cômoda bem ali pertinho. Em cima dela, ao lado de uma caixinha de música, Nina sentava com as perninhas abertas e sua boquinha parecia descosturada (isso assustou Helena um pouquinho).

— Por que você nunca falou comigo antes? — quis saber a menina, achando melhor não comentar sobre a costura.

— Eu tinha que guardar segredo sobre a festa, foi por isso.

— Que festa? — Helena deu um pulo e se sentou, toda animada.

Nina levantou-se meio sem jeito e se equilibrou com vultinhas ao redor de si mesma.

— Para onde você acha que todas as bonequinhas foram? Anda, você precisa se arrumar!

— É claro! — Os olhos da menininha brilharam. — Agora faz sentido elas terem sumido! Uma festa! E onde vai ser?

Apoiando os bracinhos no puxador de cada gaveta, a bonequinha desceu até o chão.

— Na minha casa, onde mais?

Sentindo um arrepio, Helena voltou a puxar o coberto devagarinho.

— Sua casa, é?

— É aqui pertinho, numa caverninha depois do bambuzal!

— Não é perigoso entrar no mato uma hora dessas?

Sem dar ouvidos à pergunta, Nina sumiu por uma das sombras que se espalhavam pelo quarto. Quando voltou, veio arrasando um vestidinho branco, muito maior do que ela, e um lacinho azul. Puxava tudo com muito esforço.

— Anda, veste isso! — disse a bonequinha, e por um momento sua voz pareceu mais grave e mandona. — Agora!

Você deve estar achando tudo isso muito estranho, e provavelmente também acha que alguém tinha de procurar alguém para que alguma coisa fosse feita por alguém capaz de ajudar esse alguém. Mas você nunca viu uma boneca que fala arrastar suas coisas pelo quarto, viu? Não? Sabia!

— Será que não é melhor pegar um casaquinho também? — perguntou-se Helena, levando uma mãozinha até o queixo. — Não, acho que não...

Raul abriu os olhos devagar.

— Para com isso, Amora... — resmungou, ainda dormindo.

A cadelinha pareceu não se incomodar e continuou arranhando a porta enquanto reclamava daquele jeito que os cachorros fazem quando querem muito ir ao banheiro, chorando baixinho.

Um vento gelado subiu pelas costas do menino, chamando sua atenção para a janela aberta.

— Assim não dá... — Ele buscou as sandálias com os pés e se levantou, brigão e desajeitado. — É Amora... É janela... É... Helena?

Pela abertura, Raul viu a menina cruzar o quintal lá embaixo. Ela andava depressa, com as mãos encolhidas perto da barriga, escondendo alguma coisa. *Ah, por que as meninas complicam tudo até nos sonhos?*, pensou ele, voltando para a cama. Enfim, como é bom dormir quando não temos aula no outro dia...

Amora de repente desistiu da porta e encarou o dono com as orelhinhas levantadas. *Você não vai fazer nada?*, perguntaria ela se soubesse falar, mas não sabia. Então deu um latido alto o suficiente para fazer o coração de Raul acelerar, mas não a ponto de acordar a vovó (seria preciso muito mais barulho para despertar a velhinha).

Au-au, insistiu Amora.

— Socorro!! — Assustou-se o rapazinho, olhando ao redor como alguém que não sabe onde foi parar. — Eu não fiz nada! Helena que saiu por aí no meio da madrugada, ela sabe que... espera...

Finalmente acordado de verdade, Raul fez um cafuné na cachorrinha e conferiu a janela outra vez. Helena agora já avançava para além da grama alta e começava a entrar no mato.

— Então não foi um sonho — concluiu o menino, muito satisfeito. — Valeu por me acordar, Amora! Agora me ajuda a encontrar o meu estilingue no meio dessa bagunça!

A passagem estava toda iluminada pelo luar.

Lá no fundo, a luz dentro da caverna já podia ser vista sem qualquer esforço. Nina ficou em pé nas mãozinhas de Helena e apontou para o lugar.

— É bem ali — disse a bonequinha. — Eu moro naquela caverninha ali.

Não demorou e um teto todo feito de rocha cobria as duas, muito alto e escuro. A iluminação vinha de velas grossas e amareladas que pareciam muito mais velhas do que era possível imaginar, espalhadas pelo chão e penduradas nas paredes. Fazia frio e, para piorar, gotinhas de água gelada caíam por toda parte.

Depois de caminharem mais um pouquinho, desceram uma escadinha escorregadia, cercada de montinhos pontudos e pedrinhas soltas. *São estalagmites!*, lembrou-se Helena.

No fim da descida, encontraram um espaço limpo, como uma grande sala arredondada. No meio dela, uma fogueira soltava estalinhos e projetava sombras enormes pelo lugar. *Pelo menos aqui está quentinho*, constatou a menininha, aliviada.

— Excelente — disse Nina, saltando dos bracinhos de Helena. — Senta pertinho da fogueira, vou chamar as outras!

A bonequinha sumiu outra vez na escuridão, como havia feito no quarto da menina. Porém, quando retornou, não trouxe um vestidinho, mas outras quatro bonecas.

— Bebel! Juju! Karina e Luiza! — A menina abriu um sorriso, mas ele logo desapareceu. — Por que vocês estão tão sujas?

Sem mais nem menos, elas cercaram Helena em silêncio. Suas cabecinhas giravam em órbitas desorientadas, como se estivessem hipnotizadas.

— Amarrem ela! — ordenou Nina. — Não aguento mais esperar!

Helena deu um grito e tentou fugir, mas era tarde demais. Karina e Juju esticaram uma corda no meio do caminho, derrubando a menina no chão com um tropeço. Ela então se remexeu, mas não foi o suficiente. Bebel e Luiza trataram de amarrar seus braços e pernas.

— Socorro! — choramingou Helena, sentindo o sangue escorrer de um raladinho no queixo. — Por que vocês estão me machucando? Eu não fiz nada!

Devidamente amarrada, ela foi colocada de barriga para cima. Nina subiu no seu peito, acompanhada das outras bonequinhas. Entre os bracinhos de pano, carregava uma faca grande e pontuda.

— Matei uns dez passarinhos essa semana — disse a bonequinha com um ar sombrio; as outras permaneciam caladas. — Queria ver o que fazia *tum tum* dentro deles, mas assim que eu abria os bichinhos, parava de fazer *tum tum*. Estranho, né? Eu também não faço *tum tum*. Nem Karina, nem Juju, nem Luiza, nem Bebel. — Nina descosturou a lateral do seu corpinho e tirou dois tufos de algodão de dentro dele. — Viu só? Mas aí reparei que você também faz *tum tum*. Sabe como é, né? Curiosidade mata!



O latido de Amora ecoou pela caverna inteira.

Raul avistou a irmã amarrada no chão, com as cinco bonecas em cima dela. Sem pensar muito no que fazia, ele deu meia volta e saiu correndo o mais rápido que conseguiu. *Eu é que não vou me meter nisso*, disse para si mesmo, baixinho e ofegante. *Vou salvar minha vida!*

Esse era um bom jeito de o menino salvar a própria vida, é verdade. Mas, às vezes, o jeito bom não é o melhor jeito, por mais que o jeito bom seja fácil e o melhor jeito seja difícil. O jeito bom pode não ser o jeito do bem também, nem o jeito dos corajosos.

Pensando nisso, Raul deu meia volta outra vez. *Espera aí!*, refletiu, tirando o estilingue de um dos bolsos e uma bolinha de gude do outro. *Posso ser ruim em matemática, mas não sou covarde!* Amora não esperou nem um pouquinho, atacou quatro bonequinhos de uma só vez, espalhando seus pedaços por todo lado.

Raul avistou Nina tentando fugir e fez mira no estilingue.

Boing!

A bolinha acertou a cabeça da boneca, que mesmo assim não parou de correr.

— Ela é feita de pano, seu burro! — gritou Helena, avistando o irmão. — Não adianta nada fazer isso!

— Ah! Por que as meninas complicam tudo?!

Raul correu até Nina todo irritado, resmungando sobre como as meninas são mal-agraçadas. Quando chegou perto, chutou-a com toda a força na direção da fogueira. Assim que caiu no fogo, a bonequinha soltou um berro e virou cinzas rapidinho.

— Viu só? — reclamou Helena. — Todo mundo sabe que essas coisas amaldiçoadas só morrem quando pegam fogo!

O menino fez cara de ofendido.

— Vai começar com essa história de matemática outra vez?!

BÍTER

Reviso algumas anotações:

* *Entidade que me atacou em Caxias. Tinha cabeça de espelho e disse que seu nome era Fim.*

* *Esses joelhos da natureza..., eles têm pés gigantes — sonho esquisito.*

* *Ivan desmembrando o corpo de Fernanda e falando com a filha no celular.*

Dentre outras. Histórias que ainda tenho que contar, porque preciso me livrar delas, do contrário ficam ali, no criado-mudo, gritando aos quatro cantos, atormentando uma cabeça que merece o devido descanso. Mas hoje não. O que tenho para hoje nem entrou no caderno, não deu tempo. Nem toda massa precisa de repouso. Algumas, se você não for rápido, perdem o ponto, viram pedra ou meleca entre os dedos. A mesma dignidade que o fermento dá à broa, desanda o *brownie*.

Da janela do ônibus vejo a senhora empurrar o garoto magrinho. Aquele, que deve ser seu neto, leva nas mãos uma coxinha maior que a sua fome. O salgado murcho brilha como um fisiculturista no palco de guardanapos. Gordura escorre por entres os dedos e braços da criança. A velha empurra outra vez e o moleque anda. A coisa se repete até tudo ir para o chão: óleo, massa, frango e papel. Imediatamente as mãozinhas chegam perto do chão para recolher a bagunça, mas a vovó é mais rápida. Mete a

mão na cara do menino e ordena que deixe toda a porcaria bem ali, onde caiu — quem dera fosse uma cortesia aos pombos. Lembro uma tia reclamando dos filhos que criou. Lembro minha geração reclamando da geração que criou.

Deço no meu ponto.

O chamado foi urgente, desesperado. A esposa do cara havia aberto a janela, trepado no batente e saído voando, literalmente.

— Tínhamos um trato. — O marido, trêmulo, bebe mais Campari e tenta se acalmar. — Todo sábado ela se trancava no quarto, e nem eu nem ninguém podia entrar.

O homem está perto de ter um faniquito.

Existe uma lei gravada na natureza das coisas: todo mundo sabe a verdade. Todas as pessoas sobre a terra reconhecem o que é bom e o que é ruim. O resto é conversa fiada.

— Como eram as assas? — pergunto. — Lembravam as de borboleta ou as de morcego?

Ele arregala os olhos. Mais Campari. Parece surpreso e ao mesmo tempo feliz com a pergunta. Alívio. Descobre que não é um louco no fim das contas, mas a resposta demora. Olho a sala arrumada: fotos, livros, eletrônicos com validade de sete anos, enfeites para espaços vazios... tudo parece *sugerir*, mas nada assume. Nem o sujeito, perdido agora no *drink* vermelho e muito menos amargo que a situação.

— Borboleta. — Esconde o rosto entre os dedos, satisfeito com o ar alcoólico que exala pelo nariz.

— Fada — me escapa.

— O que disse?

— Nada.

Não é uma vampira ou coisa parecida. Filhos seriam inconcebíveis em outras circunstâncias.

— Olha. — Ele bagunça ainda mais o cabelo e fios grisalhos dão as caras. — Eu ouvi. Foda-se. Sei que eu não devia ter entrado na porra do quarto. Mas...

— É.

— ... ela, meu Deus. Tivemos filhos, padre! — A mesinha ganha um soco gratuito; a garrafa se salva. — Como isso é possível?

— Não sei.

Minha ignorância ofende o sujeito, agora caminhado ao redor da poltrona como um leão de circo.

— Quem vai saber de uma merda dessas, não é, padre?

Sempre *tem gente* que sabe de *uma merda dessas*; ou *coisa*.

— Eu conheço alguém.



A noite parece feita de chão. Asfalto, meio-fio, calçada. Meus pés, meu umbigo. Lixo.

De repente, olho para o céu.

As Três Marias ainda lá, o Cruzeiro do Sul, a Lua, tudo redescoberto. É inevitável não se sentir único, aquele que resolveu erguer os olhos. Todo mundo tem certeza de que é especial.

O gato sai correndo como de costume. Persa, dessa vez.

Na sacolinha, o fumo para o sátiro. No peito, a esperança de que Marlene possa ajudar e não peça muito em troca. Temo pelas crianças e pelo sujeito afogado na receita secreta de Gaspare.

São sempre dois toques na terceira janela. Não existe outro beco igual no mundo inteiro.

— Pudim de leite — quase grito a senha, antes que ele pergunte. — Pudim de leite, Luizim. Anda, estou com pressa!

— Pressssssaaaa! — O sátiro saboreia as letras, e imagino o barbão subindo e descendo. — Maravilha de palavra! Incrível!

Tijolos dobram, giram ao redor de si mesmos. O côncavo se forma onde habitara a parede reta e encardida. Um por um. Na viela unidimensional há agora o vácuo do portal escuro, por onde vejo os cascos pularem do banquinho e as sacudidelas do

barrigão mole de Luizim. Ele coça os chifres encaracolados e prepara a pergunta.

— Trouxe meu *cho-co-la-te*? — Esfrega as mãos pequenas, me olhando nos olhos. É provável que já tenha sentido o cheiro.

Arremesso o presente e ele o agarra como uma pelúcia.

— *Ευχαριστώ!* Muito obrigado! Vou pegar meu cachimbo — Luizim suspira. — Pode entrar, Marlene está tomando banho de lua na cobertura. Queria um banho de sol. Dois meses no pátio, longe da minha solitária cheia de aberrações.

— Helena — Marlene desliza pelo divã e não faz nenhuma questão de cobrir o corpo nu.

Sempre *Helena*.

A fada é mais alta do que eu. As asas acompanham as costas largas, em harmonia sobre as curvas da pele branca e lisa. Cabe-los pretos, algo longe do castanho escuro que impera no Rio de Janeiro. Marlene, à luz da lua, faz qualquer um engolir tudo o que tiver e esfregar os olhos.

— Não é uma fada qualquer — continua, passando o indicador pelos meus ombros. Tem cheiro de *cestrum nocturnum*, ou, se preferir, *dama-da-noite*. Dispara meu coração. — É uma melusina. Melusinas não compartilham da minha sorte, como seu peito reconhece. São metade serpente; revelam-se aos sábados. É certo que fez um acordo com o homem e ele não respeitou os termos, como é comum à sua estirpe.

Sem qualquer defesa da minha parte, ganho um beijo delicado no pescoço.

— Marlene... — advirto. — Agradeço o esclarecimento, mas o que posso fazer para ajudar o sujeito?

Ela para atrás de mim e massageia meus ombros.

— Pouco, é isso que pode fazer.

— Como?

— Barganha, Raul. Sabe muito bem o quanto sua cor me atrai.

— Não.

— Então quero a criança que sobrar, caso o homem poupe uma das duas.

Minhas mãos começam a suar.

— Do que está falando?

— Ora, Raul, fadas são sempre honestas, por favor. Ela contou ao homem em que circunstâncias retornaria, não há dúvida.

— Estamos perdendo tempo, Marlene.

— Temos um acordo?

— Que opções eu tenho?

— Nenhuma. Helena só vai reaparecer quando um de seus filhos morrer.

Putá que pariu.

— Ele não seria capaz.

— Ah, não? Paixão, Raul. Paixão.

— E Helena vai matá-lo por isso.

— Esse é o jogo. Melusinas levam anos preparando uma refeição.

Escapo dos braços de Marlene, desesperado. Escuto a voz da fada enquanto desço as escadas:

— Não se esqueça, querido, de que a criança me pertence!

Foda-se.

•

Certas coisas deixam de nos pertencer com o passar do tempo. Eu já não posso comer pimenta, nem feijão, ou correr.

Chego ofegante ao umbral da porta aberta.

Há corrupção por todos os lados. Cadeiras pelo chão, restos de tudo que pode ser rasgado. As cortinas sobem e descem, delatando as janelas escancaradas. O resto é silêncio, com cheiro de gordura e ferrugem. As cores, todas elas, têm tons de vermelho.

— Você é o homem de Deus. — Sua voz é doce, feminina e triste. — O homem de Deus que veio me pegar.

A melusina move o membro único e cheio de escamas, ficando de frente para mim. O rosto leitoso e bonito está cheio de lágrimas. Nos seus braços, a garotinha pálida descansa dentro do vestidinho encharcado com o próprio sangue. Num canto, o corpo do homem parece intacto, morto, mas intacto. Nada nem ninguém se alimentou dele. Marlene mentiu.

— Olha o que ele fez com a nossa garotinha. — Helena não me encara, seus olhos estão o tempo todo sobre a criança. — Diga-me, homem de Deus, por que as coisas precisam ser assim?

Não sei.

O amor precisa muito mais de silêncio do que de palavras. Ela expõe o cadáver inocente como um traficante de órgãos que alegasse estar dentro da lei e esfregasse na minha cara a nota fiscal de dois rins, com preço tabelado e impostos deduzidos.

— Não sei, Helena. Não sei.

— Tínhamos um acordo. Matá-lo era direito meu.

— Não sei.

— Vou me defender.

— Não de mim.

Helena abre as asas e se afasta, derrubando o que não pode ver. De repente, para na porta de um dos quartos.

— Como está o garoto? — pergunto, diminuindo o espaço entre nós.

— Dormindo. — Ela me encara pela primeira vez. Tem duas violetas entre os cílios negros e grossos. — Estamos negociando?

— Não, Helena.

— É um bom menino.

— Não duvido.

Cada estação tem um cheiro, eu não sei a razão, mas é verdade. A melusina flutua pela brisa de outono e deixo que leve a

filha. Nada para Marlene dessa vez. Sou um homem morto, cercado de moscas por todos os lados. O garoto vai ficar aos cuidados da abadia.

Antes de voar pela janela, vejo mais uma vez as íris que chamam por aí de *azul mediterrâneo*.

— Obrigada, homem de Deus.

BODAS DE OURO

*Mesmo sabendo que
"O fumo causa
infarto do coração",
acendemos nossos
cigarros.*

O Natimorto, Lourenço Mutarelli.

•

Natasha ficou arrepiada quando o frio invadiu o espaço entre suas pernas.

Sentiu uma pedra de gelo subir até o útero, ignorando a calcinha inútil e quase imperceptível. Tremia enquanto fazia frente à noite nublada com determinação. Precisava trabalhar, já que Dr. Ricardo era averso a descontos e não aceitava programa. Coisinhas rápidas seriam prontamente dispensadas naquela noite; noite do oitenta, não do oito.

O ponto, como era de se esperar, não tinha nenhuma concorrência. As habituais companheiras de profissão provavelmente não apareceriam para trabalhar. O maldito padre, o filho da puta, estava rondando a região outra vez, afastando a clientela, enchendo as cabeças de besteira e superstição. Ela sabia das meninas, sabia que era tudo normal. Você faz uma merda com um

cliente, fica marcada, depois compra um bilhete qualquer na rodoviária e foda-se, pronto.

Encostada num poste, pediu baixinho para a calçada vazia que um carro aparecesse logo, o quanto antes. Antes que a chuva anunciada no céu sem brilho caísse sobre a sua cabeça.

Não fossem as roupas curtas e a maquiagem carregada, Natasha não teria nada de vulgar em sua aparência. Era charmosa como quem prefere o preferível, elegante como quem quer *menos*.

A proposta, *graças a Deus*, se aproximou num carrão antigo, talvez da década de sessenta, que cambiou seta para direita até parar, assombrando o meio-fio.

Nati era como se chamaria a partir daquele momento, segundos antes de o vidro descer. Uma folha, caso fosse uma borboleta; graveto, outrora nascesse bicho-pau, mas de puta, sim, e vadia, sempre que o serviço começasse. Uma sabiá, uma onça frente ao mico prestes a roubar os ovos no ninho.

— Muito boa noite — disse Rodolfo, abafando a tosse seca com as mãos.

Um senhor era tudo que eu queria, pensou, satisfeita. Por fora, Nati caminhou em direção ao carro, o maxilar parecendo subitamente deslocado como que para ressaltar a sensualidade da boca, a cada movimento mais ilusoriamente carnuda. Debruçou-se na porta e, no mesmo movimento, seu quadril se ergueu, surgindo, na visão do velho, atrás dos ombros da mulher.

— Que vai ser? — disse Nati, enquanto Natasha se calava.

Longe, privado do mundo sujo, quente no ninho de onde sua mãe apenas saía e retornava com sacolas esticadas de supermercado, o filho da prostituta, Júlio, pediu gelatina.

— Bom, minha jovem, não sei muito bem. Gostaria de tê-la por esta noite, basta dizer-me quanto custará. — A voz do velho era rouca, doentia; a tosse, constante, excessiva.

— Duzentos e sou toda sua. Mas nada de maluquices, ouviu? Nada de bater, nada de bicho nem criança. Nati, e só Nati.

— É suficiente o básico. — Apesar de dispor de uma aparência austera e experiente, o senhor parecia totalmente desconfortável com a situação, como se não soubesse, por exemplo, onde pôr suas mãos enquanto falava. — Espero que o fato de minha mulher participar não seja um impedimento.

— Não, adoro buceta! Trezentos resolve. — Bravo. Aplausos, querida, bela atuação.

— Certo, certo. Pode entrar então. Muito obrigado.

A prostituta contornou rebolando a traseira do carro, enquanto Natasha, desconfiada, avaliava a situação. Nunca ouvira um *muito obrigado* nas janelas do Rio de Janeiro. Junto da necessidade, previu o desejo pelo incerto; curiosidade profissional. *Muito obrigado, é? Tá maluco?* Como seria para um pintor aquele novo e inesperado tipo de tinta, mesmo que, como uma consequência do desconhecido, fosse pego pelas propriedades tóxicas do produto, pela inércia do corpo habituado, pulando cada vez mais alto até machucar os joelhos no pouso.

A personagem entrou no carro e cruzou as pernas na altura dos olhos do motorista. O esperado olhar de excitação não veio, muito menos o calor da mão na coxa. A dona do que era para ser o primeiro embuste ligou o motor, pulou da ignição para o câmbio, onde engatou a primeira marcha, fazendo o carro sair.

Alguns minutos de indevida mudez seguiram-se enquanto os faróis iluminavam estradas cada vez mais escuras e desertas. Os prédios aos poucos deram lugar às árvores, aumentando o silêncio junto com as incertezas de Natasha, que perdia coragem enquanto o asfalto ganhava terra e buracos. Uma luta suspeita contra a vagabunda. O juiz do combate, *Sr. Remédio Caro Pra Caralho*, marcava menos pontos para o zelo. Afinal, o velho fora tão educado, tão tranquilo...

— Você parece apreensiva — começou Rodolfo, sem tirar os olhos da estrada.

— Longe esse teu barraco, hein? — disse Nati, despertando Natasha do devaneio.

— Estamos quase chegando. Moro num sitiozinho bem modesto, eu e minha mulher gostamos muito de tranquilidade. Desde namorados, Helena sempre dizia: *Vamos comprar um sítio assim que nos casarmos!*

O velho moveu as engrenagens do rosto nas medidas da lembrança, tomando Natasha de volta à força. A prostituta imaginou o casal de velhinhos no campo, morando no lugar que sempre sonharam. Viu um balanço pendurado numa árvore, um cachorro marrom e xícaras de café.

— Logo depois da nossa lua de mel, compramos o *Rancho das Hortênsias*. — Rodolfo ameaçou suspirar, mas a tosse voltou a rasgar seu pescoço vermelho. — Desculpe, esse tempo não ajuda muito. Minha mulher diz que é o cigarro, mas tenho certeza de que não passa de uma alergia. Não me dou muito bem com mudanças no clima... Aliás, se importa se eu fumar?

— Não. Eu quero fazer uma fumacinha também.

O velho acendeu um cigarro, depois outro, que Nati pegou nas pontas dos dedos. Trabalho rápido, tão natural quanto a chuva, que começou a cair em gotas grossas sobre o para-brisa.

Nathasha lembrou-se do som, lembrou-se da primeira cafetina, lembrou-se da mãe, do jeito como a mulher esvaziava o saco de arroz dentro do pote grande enquanto a garotinha admirava o fruto do seu trabalho escorrer em branco, leve, com a promessa de saciar a fome, de esquentar o estômago puro. *Até que foi rápido*, pensava aos doze, achando muito justa a coisa toda.

— O senhor tem filhos?

As palavras soaram num tom que ela só admitia dentro de sua própria casa. Mais nua do que jamais poderia ficar na frente de um cliente, viu Rodolfo tirar os olhos da estrada pela primeira vez.

— Não, não tivemos filhos. — A resposta foi natural, aliviando as entranhas de Nati.

— ...

Depois, quando as guimbas voaram em porquice mútua, Rodolfo pegou algumas balinhas que descansavam perto do câmbio.

— Aceita uma bala de café?

•

A dor de cabeça era pior do que qualquer ressaca que conseguia lembrar.

O chão úmido melava suas pernas torneadas junto com o suor frio evaporando de cada poro da pele. Levou a mão aos olhos e sentiu que estava fraca. Os braços pesavam. Cheiro de ferro oxidado invadia os pulmões. *Sou um animal*, pensou. O barulho era inconfundível; havia correntes ali, que iam dos seus braços até algum lugar que não poderia supor. Os sentidos, confusos, indicavam a certeza do sonho. *Pesadelo*, a palavra se ascendeu nos seus olhos. *Um pesadelo*.

O tempo escorria por entre os dedos. Difícil de segurar, de sentir, escapando de todas as suas tentativas de agarrá-lo. Viagens aconteciam entre idas e vindas de uma razão absurda, incoerente.

Café, outro cheiro inconfundível.

Dor.

Dói ter um turbilhão de imagens invadindo sua insanidade. Os hospitais. Arroz. Velhinhos. O padre. O padre perguntando sobre as meninas. O padre pedindo para tomar cuidado. O entorpecente. O entorpecente reagia com vigor ao remédio da memória, uma batalha pela realidade, travada nos espaços que Nati e Natasha costumavam habitar. Júlio com caixas de remédio espalhadas sobre o lençol velho da cama, saudável, dando saltos cada vez mais altos sobre o colchão desgastado, jogando beijos para a mãe por entre as mãozinhas que ela tantas vezes segurou pelos corredores das emergências.

Não...

Lutava para despertar.

Não!

Alcançou algum discernimento com muito esforço. E ouviu, ouviu bem, um choro rouco por entre as grades. O cheiro de carne podre agora se debatia contra um nariz vivo.

Luz. Um *click* e a escuridão deixou de ser um problema. Logo em seguida, o palco apresentou-se claro como o dinheiro que precisava ganhar. Abrem-se as cortinas no teatro, revelando o cenário para o próximo ato da peça.

Viu o quarto por inteiro. Móveis requintados de madeira maciça preenchiam os cantos que a enorme cama de casal não dava conta de ocupar. Moscas zuniam por todo canto, especialmente sobre o volume verde-musgo estirado em cima da cama. Rodolfo estava bem ao lado dele, chorando entre a tosse rouca que abafava com uma flanela.

— Ah, minha querida, me perdoe. — Suas lágrimas eram tão grandes que refletiam a luz da lâmpada. — Helena me manda fazer. Ela me manda fazer.

Natasha não conseguiu emitir som algum, como se tivesse esquecido a língua dentro da boca.

— Helena disse que você seria a última. Falta o coração, só isso. Um coração e ela estará inteira outra vez. Um coração e o maldito padre não vai poder fazer nada. — Os olhos do velho de repente se encheram de brilho, parecendo presenciar um milagre enquanto encarava o cadáver putrefato sobre a cama. — Meu presente de Bodas de Ouro.

Lá fora, relâmpagos pintavam os vidros das janelas de azul.

Um movimento fez as pernas de Natasha derrubarem a pilha de ossos que, para o espanto dela, estava ali o tempo todo. O grito finalmente veio, trazendo de volta as coordenadas necessárias para o uso da sua própria língua.

— Por favor. — Nati não existia mais, só Natasha tentando se livrar das correntes concretadas na parede grossa. — Eu tenho um filho doente. Um filho pequeno.

— Não vai doer, minha querida. Perdoe-me. — Suas mãos tremiam como as de um condenado na cadeira elétrica. Balançava uma marreta grande e pesada de um lado para o outro.

As grades rangeram quando Rodolfo puxou o trinco com dificuldade, posicionando-se em frente à mulher, tomando a posição ideal para o abate. Ergueu então a marreta acima dos ombros, entre lágrimas e gargalhadas que violavam os ouvidos de Natasha.

— Vamos logo, seu inútil! Mata ela! — Rodolfo ordenava a si mesmo.

O maciço de ferro zuniu no ar.

Sangue quente e fresco pontilhou o carrasco dos pés à cabeça. Seu dever estava cumprido, a última peça de que precisava finalmente seria posta no seu lugar. Seu presente de Bodas de Ouro. Talvez até, quem sabe, dormiria um pouco. Helena enfim iria compensá-lo por todo seu esforço, por todos os seus pecados.

Sons de passos ecoaram pelo chão de madeira.

Natasha cedera as próprias mãos ao golpe certo, o que lhe custou uma mão inteira, mas garantiu que fosse libertada das correntes. Fugiu pelos cômodos da casa, abrindo as portas com a boca, enquanto Rodolfo alucinava sozinho dentro da jaula.

— Ainda não acabou, Rodolfo! — Helena rosnou usando a boca do marido. — Como vai lidar com o padre se mal consegue matar a galinhazinha?

Quando seus olhos retornaram à realidade, Rodolfo se deu conta de que na sua frente só havia os restos esfarelados das correntes e dedos que um dia pertenceram a Natasha. Loucura tomou conta do seu corpo. Ele não merecia isso, não aguentava mais. Exausto, injustiçado, um lutador nocauteado que ainda

precisava lutar outro *round*. Quando encontrasse a galinhazinha, esmagaria cada membro da sua estrutura.

Baques surdos vieram da cozinha.

Natasha tentou agarrar a maçaneta da porta entre os dentes enquanto seu corpo fraco batia contra a madeira sólida, fazendo as paredes vibrarem. Os braços quebrados da mulher balançavam como cipós secos numa árvore morta. Quase morta. Entre gemidos e gritos de desespero, viu-se a cada segundo mais longe de completar a fuga. Suas forças diziam adeus lentamente.

Rodolfo aproximava-se ao som do atrito da marreta contra o chão.

— Você não entendeu! — gritou ele, entre lágrimas e soluços. — Eu estou sofrendo!

Natasha não tinha mais forças para se levantar. Atirou-se para debaixo da mesa no meio da cozinha. Suas costelas logo reclamaram do movimento, trituradas por dentro. Olhou em volta até encontrar os pés de Rodolfo, que já se preparavam para o golpe.

A marreta atingiu com força o tampo da mesa, fazendo a madeira trincar.

— Ande com isso, Rodolfo! — berrou Helena. — Estou perdendo a paciência!

Mais uma pancada e a mesa se partiu em duas, revelando o corpo encolhido e coberto de sangue da mulher.

Vou morrer.

Natasha encarou Rodolfo. Viu seus braços trêmulos erguerem a marreta no ar, enquanto seu semblante era constantemente clareado pelos relâmpagos do lado de fora da casa. Por instantes, esteve consciente de cada som, de cada detalhe, de cada componente do seu destino grosseiro. Sentiu o ranger das tábuas no chão, o vento assobiando suave entre as frestas da janela e cada gota de chuva batendo no telhado, com o cheiro de terra molhada tomando, aos poucos, o lugar do terrível fedor de morte que assombrava a casa. Seu coração entregando os pontos, relaxando,

fazendo o suor sobre sua pele começar a secar, levando o calor para longe numa evaporação lenta, mas constante. Não podia fazer mais nada. Lutara por toda a vida até o fim e se orgulhava disso.

Adeus.

Natasha fechou os olhos e enviou os últimos pensamentos ao filho.

Rodolfo fechou os olhos e colocou as mãos no lado esquerdo do peito.

O velho caiu junto com a marreta, movendo as pernas como quem pedala uma bicicleta invisível. Depois parou e voltou a chorar. A resposta óbvia esteve sempre ali, torcendo. Torcendo porque descobrira numa matéria de jornal o fato. A coisa não batia, nem pulsava; torcia. Esse era sem dúvida um presente muito melhor, inesperado. O seu próprio coração. Melhor que o da puta. Purificaria as outras partes, as partes das outras putas. Por que não? Abriu os braços e deixou o infarto agir como bem entendesse.

Natasha não ouviu mais Helena.

Nati morreu junto com Rodolfo.

O padre arrombou a porta.

FOGO

Fogo.

O inferno é frio.

Fogo.

Purifica, expulsa. Mata imortais teimosos em eternidades de cinzas.

Queimo tudo antes de ir.

Vozes pegando fogo. Vultos ardendo em chamas. Assombrações flamejando.

Fogo.

Jogo o Zippo de mentira no meio da pilha de coisas. Coisas de verdade. Coisas em que quase ninguém acredita.

O par de olhos na fumaça acredita neles, nos descrentes. Acredita em mim. Os dentes de fuligem não podem morder, nem sorrir. Podem sumir. Sumir da minha frente. Vão sumindo, de volta ao frio, ao nada, ao inferno.

O inferno é frio.

A noite é fria.

Tudo piora quando chega a noite.

A maré enche. Os ventos mudam.

O prazer da primeira cerveja, que não volta enquanto se vai engolindo as estrelas e a lua inteira, achando que está sorrindo como quem acha que dormiu depois dos remédios.

Não dormiu.

A primeira cerveja, e só. Única. Nada antes, nada depois.

Quem me dera fôssemos mesmo racionais. Somos, todos nós, emocionais.

Nada antes, nada agora rio abaixo. Rio de gente. Nada depois, sem sair do lugar, rio acima. Rio de almas.

Um gosto de boemia ainda maltrata, carícia apertada. Um arranhão de costas no abraço. Como quem chama de puta com amor no peito, lágrimas nos olhos, e recebe depois o par de pernas abertas como um sinal de desistência, de autoproteção, de cansaço distante, longe de misérias e das sacanagens obscenas. Excesso de prazer é sempre um desprazer. São dois, juntos, sem esperanças por qualquer novidade.

•

Deixo uma mão cair sobre o seu seio. Mão que depois levanta, erguida pelos dedos dela como uma aranha morta. Ela se afasta, vira para o outro lado. É agora uma cordilheira; montanhas entre silhuetas e fios de cabelo no horizonte do outro lado da cama. No outro lado de quase tudo e, ainda assim, aqui.

O sono e o cio.

Sentir, tinha razão o poeta, é estar distraído.

Vejo o teto deformado entre lágrimas meio estranhas, meio forçadas, meio autênticas.

O inferno de hoje não ronda lá fora. Hoje eu deveria me exorcizar, rezar por mim, orar de joelhos pelo padre Raul.

Intermitente é a luz de uma ilusão com cara de ideia. Maquia de esperança o ruído seco, grosso e amargo das experiências que sei; e doem, porque sei.

Sem as certezas de Pessoa, vão se enchendo sozinhas nos cantos do meu quintal as certezas, todas que tenho. Quinta que sou,

nós, atados às arestas. Enquanto canto de algum lugar, daqui, Deus ri. Um ruído de gotas quietas, um segundo, na raia com as outras tempestades que já não estão lá fora, não estão em mim, mas nela, dela, em nós.

Seus movimentos agora, todos fora de escala, tiram o sono. Um tremor de ombros entre as eras da madrugada. Outro suspiro, daqui dois milênios. Aroma renovado no espaço de segundos.

Um vulcão que adormece e acorda ao sinal dos pássaros. Araras de coisas normais. Pardais de lugares comuns. Urubus de rotina. Pombas de beijo e abraço. Garças de nada demais. Andorinhas de todas as outras mulheres. De bico apontado, despejando depois da quietude suas cortinas de fumaça e maledicência, suas mentiras, descontroles e ofensas cristalizadas nas águas da vida enquanto me mantenho calado, calado e triste, triste de uma tristeza que cansa, enjoa e projeta a sujeira do mundo como última salvação. O frescor dos pés na lama, corrompido. Lama que não cobra, não dá. Lama que suja, mas goza. Poça que mata a sede por enquanto e aumenta a boca seca, os bicos secos, de todos os pássaros. Os pés pontudos, as esporas, pisando em ovos, nos próprios ovos. Desfazendo o ninho de retalhos buscados a cada dia mais longe, com mais dificuldades, mais rarefeito o ar nos pulmões de quem ofega por uma respiração, um boca a boca. A lembrança de um beijo dado na cozinha. A certeza de que não, não é mau o meu beijo, mas às vezes é pouco, muito pouco, os esforços dos pássaros, os esforços dela.

Da janela entra a luz que ilumina seus dentes pontudos e o meu sêmen escorrendo entre eles.

Os olhos de piche não refletem nada.

— Não terá nenhum poder sobre ele, padre — diz a voz pegajosa, estriada e grotesca. — Nosso pequeno demônio, sangue do seu sangue.

Corro até a cozinha ao som dos cascos batendo atrás de mim.

A súcubo salta sobre a mesa, espalha as facas pelo chão frio.

— Não, querido. — Ela se apoia sobre a pia e empina a bunda nua na minha direção. — Com violência, mas bem aqui.

Suas asas se acomodam entre os armários e vejo espatifar sobre a fruteira minha última garrafa de suco integral de uva.

— Um cigarro. — Pego a carteira intacta no meio da bagunça, o Zippo falso, acendo, ofereço.

Ela pega um.

Fumaça dança devagar pelos seus chifres.

Fuma com a língua, fazendo o ponto aceso flutuar como um vagalume rondando o seu rosto.

Rosto lindo.

Frio na barriga.

Penso na única solução: fogo.

O inferno é frio.

A COISA E O ÍMPETO

Olho a folha em branco: agora não.

Agora, e tudo seria igual.

Agora, e outro menino ergue um copo.

Talvez pudesse, ou devesse, esperar ainda mais, até qualquer outra molécula excitada deixar de rebolar entre as minhas orelhas. Não posso. Esperar demais nessa vida pode encerrar a espera. É assim. Depois do tempo, tempo de menos, a coisa acontece. Uma professora de português me disse que *coisa* não existe. Perguntou o que era *coisa*. Qualquer. Qualquer coisa. É isso, isso aí. Essa coisa.

O lado de cá de um suspiro. Há, por entre os meios do nariz, o ar frustrado, de olhos de areia, de peito murcho. Há, por entre os meios de algum canto, o alívio dos ombros esquecidos. De qualquer lugar, completamente novo, como uma porta em que de repente se vê os dois lados ao mesmo tempo. Assim. A chave, sempre no bolso.

Vão se fazendo outra vez meus pontos de tecido, furos ligando aqui e ali. Inconsciente e desafeito ao último nó. A certeza de quem conhece apenas a dobra presa do início. Caça de vida. Minha *coisa* que só começa.

Olho seus olhos perdidos, seus dentes amarelados, as pequenas crateras nas bochechas, os flocos de caspa dos seus cabelos. Talvez. Talvez um dia eu decida te amar a partir de algum outro

dia. Talvez tomar partido de você, sinalizando que tua vida agora passa por mim. De todas as mulheres do mundo, não, eu não sinto nada. Sinto tudo, de longe agora. Você não é parte dessas reações que não sei de onde vêm nem para onde vão. É meu movimento, de pernas, de braços, de boca, de peito, ainda bem longe da alma. Ainda possível. Sem volta. Quem sabe um dia levantar e compro as suas passagens. As nossas.

Toda a experiência do mundo. Todos esses corações, bem aqui. Ninguém fala do mesmo lugar, eu sei. É para entender, pegar com as mãos.

— Você é maluco.

A voz é ruim. Ouvir voluntário das minhas orelhas sem pálpebras.

— Não sou.

— Cara, você está bêbado.

— E não foi pra isso que viemos aqui? Não foi pra isso que alugamos a chopeira? Não foi pra isso que temos uma mesa cheia de garrafas?

— Você está bêbado.

Podíamos nos abraçar, todos nós. Cantar para a lua. Sentir os cheiros uns dos outros. Esquecer as datas e as faturas. Esquecer os horários e as diferenças. Baixar a guarda. Sentir o frescor da bebida sair pelas nossas ventas cansadas desse oxigênio que nos mata um pouco a cada dia. Podíamos sorrir por sorrir, correr por correr, cantar por cantar. Vencer a vaidade desses pudores bobalhões de quem só faz quando está escondido. Vamos fazer agora, com todo mundo olhando. Soprando. A alegria do respeito mais humano e menos burocrático. Não é o amor que vence o espaço entre as bocas, mas o ímpeto de amar. O braço a torcer.

— O que é *ímpeto*? — ela pergunta e meus olhos bêbados ardem bem no fundo.

— É o Demônio.

Deus sabe a dor de ter dois ou três neurônios. Um pouco menos de bebida e eu não aguentaria. Correria dali.

— Você está bêbado.

Graças a Deus.

Minha cara é de subúrbio, não tenho jeito. Não demora e estou com o gordão da churrasqueira. Não somos do mesmo tamanho, mas do mesmo lugar. Ele não tem segredos, não é complexo. Eu também não. Nossos cus não estão salpicados de açúcar.

— Esquece, padre. Essas mulherzinhas daqui nunca lavaram um prato.

É seu modo de dizer que a vida segue em frente. Calma. Depois, os anos passam, as coisas se acalmam. Esse ímpeto passa. Passa devagar, mas passa. O tempo cura a porra toda.

Há, como de súbito, meu retorno de camisa trocada. Está tudo escuro. Pego um suco que sobrou no gelo, alguém me pediu. As garrafas estão todas vazias. O silêncio outra vez. Mais uma vez. O silêncio público que esconde o falatório pelas costas. Meu silêncio pelas costas que esconde meu falatório público.

Chego derrotado entre os meus. Cadeiras de plástico na calçada imunda. Danielle senta do outro lado, zonza. Trocou seus remédios mais uma vez. Conheço Danielle há cinco anos. Júnior puxa uma cadeira. Olha na cara dela com pena. Danielle ama o Júnior e vice-versa. Eu adoro os dois. Adoro porque são simples, feitos da mesma matéria que eu.

— Cara, você está triste. — Nos olhos de Danielle estão todas as *coisas*. As *coisas* que supostamente não existem.

— Estou bêbado.

— Não, não está não. Tá triste.

Júnior tira o boné e coça a careca enrugada.

— Calma, padre. O que é do homem o bicho não come.

— O bicho tá comendo a porra toda, Júnior.

Ganho uns sorrisos. Não podem fazer nada por mim, nem eu por eles. Nosso planetinha é o meio-fio do universo. Quente sob o sol. Frio sob a lua. Cruel sob as nuvens carregadas.

— Deus é um menininho mijando na gente. Trouxe guarda-chuva?

— Adianta? Ninguém fica seco. É só a sua cabeça que escapa. Isso não serve pra porra nenhuma.

Danielle pergunta se Júnior fechou as janelas. Diz que vai molhar tudo outra vez. Toda hora isso. Júnior não sabe fazer nada, caraca. Ai meu Deus. Puta que pariu.

Dou risada.

De pés enrugados vejo correr a água cinza que vem de nós. Os banheiros químicos longe da festa, como sempre. Confiro as duas camisinhas na carteira. Estão lá. Não bebi tanto no fim das contas. O plástico transparente que vai durar *o resto da vida*. De tantas vidas que valem muito mais que o resto.

Danielle vai morrer hoje.

Simples assim.

Júnior vai fazer a coisa toda, tirar o boné e coçar a careca enrugada depois, perdido. A coisa existe sim. Ímpeto. Vai agarrar o pescoço dela enquanto a mulher grita por causa de uma janela aberta. Júnior vai apertar, apertar até quebrar os dentes de trás. Rezo por eles com a pouca cognição que me resta antes do apagão. Não podem fazer nada por mim, nem eu por eles.

O NATAL DOS PERDEDORES

— Ao Natal dos campeões!

Ele coloca a dose na minha frente e pisca.

Bebida limpa.

Deve os favores de sempre, sabe que não pode me sacanear.

Movo o queixo para o sujeito de vermelho no canto, velho e gordo. Saiu de algum *shopping*. Final do expediente de crianças e fotos. Vai ganhar bebida limpa também. É Natal, não podemos sacanear o Papai Noel.

O bom velhinho agradece o gesto, levantando o copo.

Junto ao cansaço, o primeiro gole me enche a cabeça com as linhas inúteis de sempre. Minha ceia solitária, posta bem antes da meia-noite. Meus presentes debaixo da árvore seca dos meus galhos de braços e pernas.

— Nem o demônio verde... — sussurra o Noel — enche a cara o dia inteiro.

Não faço muitas piadas, mas é Natal. A cabeça borbulha.

— O *Grinch* andou enchendo a cara também?

Papai Noel me olha. Sou um menino malvado. Fiz malcriações o ano inteiro. Não vou ganhar presentes.

— Não, Raul. Krampus. Ele é quem já não aguenta mais.

— Nos conhecemos?

— Eu conheço todos vocês.

- Padres? Conhece os padres do Santa Dimpna?
- Humanos. Conheço todos vocês.
- Entendi. Estou na presença do Papai Noel, ótimo. Temos muita coisa pra conversar...
- Se dependesse de Damon, Dimpna não ganharia nada nunca.
- O quê?
- Eu não consigo criar. Não sou o Pai, nem o *outro*. Eu sugiro, sussurro. Como os demônios, como os anjos. Seu pai, Raul, nunca deu ouvidos...
- ... e minha mãe era louca.
- Não. Sua mãe via demais.
- Sei. Gosta de brincar. Entendi. Você não deveria estar por aí, sussurrando nos ouvidos alheios?
- Já não recebemos tanta atenção, padre. Você e eu.
- Não.
- Você não deveria estar por aí, rezando a Missa do Galo?
- Nossa capela fica sempre vazia.
- Hoje não vai estar.
- Ah, não?
- Não.

Tem um casal sentado na escada da capela, são miniaturas dentro de uma das garrafas nas prateleiras. Papai Noel desaparece. Há um presente debaixo da árvore seca dos meus galhos de braços e pernas.

O PADRE NO XADREZ

— *Muchas gracias, señor. Muchas gracias.*

O bafo da cidade: quente como a vontade de trair.

É difícil descrever uma lata de lixo, porque ela guarda lixo. Essa é a sua função, sua natureza. Posso dizer o mesmo do que o centro do Rio de Janeiro se tornou. Há quem encontre beleza no voo das moscas, nos relevos das tampas, nas poças de chorume, nos moribundos que reviram sacos plásticos abarrotados de sobras e coisas mortas. Tudo pode morrer. Um copo, que levou todo tipo de bebida até gargantas desocupadas, hoje abriga as larvas de sanguessugas doentes; está morto. A televisão que ninava a vida moderna, agora quebrada, serve ao propósito dos ratos; morta.

Tenho dois dentes de mentira.

— Quantos anos ela tem, senhora?

— Anos? *Años! Quince, señor, quince!*

Poderia dobrá-la do avesso, enquanto lhe dou um esporro que jamais entenderia. Não tenho pena dela. Aquela não era a primeira vez, nem seria a última. Poupo a agressão e conservo o direito de permanecer calado. Tenho um fardo, que é só meu; ou o encaro, ou condeno outros, como essa garotinha com uma ausência no ventre e um intruso na alma. Deus pode perdoar a mãe, a filha e o demônio que se aproveita da miséria; eu não, eu não perdoo ninguém, apenas cumpro o meu dever.

— Você não tem poder aqui, padre. — Demônios são burros e ordinários. É claro que não tenho poder nenhum.

— Certo, como quiser. Apenas cale a boca, está bem?

A mulher segura a porta, pronta para fechá-la se as coisas ficarem muito piores. A garota, deitada na cama, me encara com seus olhos distantes, agora em posse de um *qualquer* que resolveu dar umas voltas longe do inferno. Quem, neste quarto quente e podre, é o pior de nós? A boliviana mentirosa, que usou sua língua pontuda para aliciar a filha? O demônio, que veio tentar abocanhar as delícias do plano material? Ou eu, um padre incapaz de perdoar?

Não adianta bater, queimar nem matar o possuído numa situação dessas. Para um idiota que não sente nada há séculos, qualquer coisa é bem-vinda.

— Preciso que coloque uma bacia com água debaixo da cama. — A mulher me ignora e prega os olhos na coisa se remexendo no colchão. — *Una cuenca*, com água, *con agua*!

— *Sí, sí. Agua!*

Com a bacia no lugar e uma mordaca que evita tagarelices, pressiono minha mão contra a barriga gelada da coitada. Assopro seu rosto, que se contorce ainda mais. Oro devagar, sem me deixar confundir pelas malícias que o desgraçado lança sobre meu sangue. Eu não sou o ato; não tenho poder algum. Eu sou um meio.

— Seu pai deveria cuidar melhor das crianças dele, demônio.

O cheiro de morte diminui até desaparecer e sobrar apenas a ferrugem do sangue nos lençóis. A menina me olha assustada, depois dorme.

— *Gracias, señor! Muchas gracias!*

É, *muchas gracias*. Muitas mesmo.

•

Pela manhã, a rua Gonçalves Dias é uma mentirosa. Esconde os horrores da noite nas conversas dos mendigos, entre os becos escuros onde ainda ecoam, inaudíveis, as vozes das violações, das angústias, e os rugidos das criaturas que caem pelas minhas mãos, misturados aos gritos de medo e fome.

A Confeitaria Colombo parece um floco de neve no meio da lama. Um floco visto de perto, com suas estruturas engenhosas e cheias de harmonia, repletas de civilização.

Uma casa cheia de areia. Uma casa no deserto. Duas xícaras de chá cheias de exposição ao estímulo, duas colheres de reflexo condicionado e pronto: você está comprando areia no deserto.

Peço o de sempre: um pedaço de torta de limão e uma *média*. Sento à mesa de costume, de onde tenho uma visão quase completa da arquitetura, dos clientes e dos funcionários. Venho salvar minha alma, dizer para as memórias que a vida é um pouco mais do que os odores que acompanham a madrugada.

— Bom dia, padre Raul. — Luana ainda tem cheiro de sabonete e cara de sono. — Sua benção — emenda baixinho, para ninguém notar.

— Deus te abençoe.

— A torta acabou de sair.

Depois de um jejum de dezoito horas, minha vontade é pegar tudo com as mãos e engolir de uma só vez, mas esse não sou eu, é a ressonância da madrugada. Tomo o café devagar e mastigo com cuidado.

— Com licença.

Uma jovem de sobrancelhas arqueadas, tão negras quanto as ondas do cabelo, estica seu braço cheio de pintinhas na direção da cadeira ao lado da minha e senta.

— É o padre Raul, não é?

Helena cruza as mãos em cima da mesa. Pede um café, sem tirar os olhos da minha torta.

— Devia pedir uma fatia disso também.

Ela faz cara de boba, como as pessoas fazem quando estão lutando contra uma dieta sem carboidratos.

— E o que é?

— Torta de limão.

Luana chega com a xícara e a fatia de Helena e sorri. Em algum lugar dentro dela as engrenagens lhe dizem que não há nada de mau, que eu mereço. *Ela é bonita e aparenta ter a idade dele, tudo bem.*

— Eu queria conversar sobre...

Interrompo.

— Prova antes. Não vai querer que o meu trabalho estrague esse belo pedaço de torta, vai? — Helena leva o garfo pequeno até a boca como uma garotinha e mal consegue esconder a surpresa que o rosado das bochechas escancara. — Bom, não é? O café também é muito bom.

Ela come rápido. Depois limpa o canto dos lábios com um guardanapo que não faz justiça à sua pele, e me encara pedindo aprovação.

— Certo. — A boca está ainda mais vermelha. — Preciso da ajuda do senhor.

— Eu sei. Precisa expulsar um demônio do seu porão, ou um fetulho, ou *fetulhos*? Seu marido é um lobisomem e você uma vampira com pena de si mesma, cansada de beber sangue do Hemorio? Existem *encostos* assombrando seu banheiro, ou canibais invocando anjos malignos num terreno baldio do lado da sua casa? Estranhos atraindo aparições e má sorte? Possessões? Unhudos? Chupacabras? Secos? Sacis? Invocações? Pisadeiras? Matintas?

— Eu... eu já não sei o que está acontecendo. Que tipo de homem é você?

— Do tipo que de vez em quando vomita escovando a língua. Em que posso ajudá-la?

— No fim, ele me disse: *Ou você se casa com ela, ou eu envio o demônio pra sua casa.* Tive que inventar um CEP na hora!

Olho para Helena buscando um sorriso, mas não sou uma torta de limão.

Já havíamos deixado a ponte Rio-Niterói para trás, em direção à região oceânica. Ela permanecia em silêncio, olhando nossa sociedade passar pela janela como quem aplicou dinheiro demais no *safari* e não gostou muito do que viu.

— Itaipu, certo?

— Isso, eu tenho uma casa na praia. — Ela abre a janela e tira seu veneno da bolsa. — Algum problema se eu fumar?

Não, querida, problema nenhum, e você sabe muito bem disso. Sentiu o tabaco queimado que impregna cada centímetro de plástico e camurça do interior deste *meio velho* Opala 72. Viu as guimbas acumuladas nos cantos e as queimaduras imitando buracos de mofo ou tiros de calibre vinte e dois. É uma mulher acostumada, que conhece bem as artimanhas das situações resumidas — tudo entre homens e mulheres. O resto fica para pessoas como eu. Os demônios, as maldições e os fantasmas.

— Sabe? — começa Helena, por entre a dança da fumaça. Fuma um mentolado qualquer, desses baratos. — Meu marido e eu tentamos de tudo. Psicólogos, psiquiatras, neurologistas, tratamentos alternativos, terapias... Ela simplesmente não melhora.

— Algum outro padre a viu?

— Pedro não gosta dessas coisas. Meu marido não pode saber que entrei em contato com você de jeito nenhum, entendeu?

— *De jeito nenhum?*

— Ele não suporta *essas coisas*.

— *Essas coisas?*

— Levei o avô de um amigo para rezá-la uma vez. Ele era *meio-índio* e disse que, se não melhorasse o quadro, mal não faria. Roberto, o nome dele. Quando Pedro chegou em casa, Roberto estava rezando ela com um buquê de alguma erva nas mãos; mergulhava aquilo na água para depois jogar as gotas na nossa filha.

— Seu marido não gostou muito disso, imagino.

— Roberto levou oito pontos no supercílio e fez uma ocorrência que ainda me toma tempo de vez em quando.

— Não quero levar pontos, Helena.

— Pedro trabalha embarcado, só volta para casa dia oito.

O cigarro dela acaba. Eu não pedi nenhum, como ela esperava que eu fizesse. Ganho um olhar estranho, que tenta disfarçar certo desapontamento. Começa a chover, e Helena fica satisfeita outra vez. Fumou no tempo certo, tudo estava sob controle.

•

É incrível como as tempestades podem destruir a exuberância de uma praia.

Aquele não era o *mar alto da paixão*, cantado por *Djavan*, mas, com certeza, *dava pra ver o tempo ruir*.

Tudo parece débil e cinza como em um filme *noir* de qualidade duvidosa. A água negra contrasta com o branco frio da areia. No céu, as nuvens parecem manchas de grafite sobre o papel gasto e remexido.

— Pronto, pode entrar. — Helena guarda o controle na bolsa e observa o portão luxuoso abrindo devagar.

Paro o carro num canto perto da garagem e corremos juntos para o abrigo da varanda. Faz frio, muito frio. Sei que irão me oferecer um café em algum momento, espero que não demore muito.

Vamos direto para a cozinha, onde uma senhora em um avental branco me encara e ergue as sobrancelhas do mesmo jeito que a filha fez na confeitaria.

— Mãe, este é o padre Raul. Padre, esta é minha mãe, dona Aurora.

— É um prazer, dona Aurora.

— Sua benção, padre. — Ela tem os olhos cansados; parece seguir um protocolo a contragosto.

— Deus te abençoe.

— O senhor quer um café? — me pergunta Helena, finalmente. Antes que eu responda, ela se vira para Aurora. — Onde está a Bia, mãe?

A senhora me olha assustada e fica ainda mais branca. Gagueja uma ou duas coisas indiscerníveis e começa a secar as mãos no pano de prato, visivelmente nervosa.

— Be... atriz? É... bem, ela deve estar... No quarto?

O *desconforto* não é um sentimento, é um lugar, uma dimensão etérea que substitui as medidas do mundo por instantes, dias, horas, anos e às vezes uma vida inteira. Todos reconhecem seus jardins quando entram nele subitamente, isso porque existe um número infinito de chaves possíveis: medo, vergonha, culpa, ansiedade, dor, luxúria, paixão, doença, inveja, raiva, frio, calor, fome, cansaço etc. Basta um clique na fechadura da urina, por exemplo, e o mundo inteiro se transforma num enorme banheiro que só você não pode usar.

— Seu café, padre. — Helena permanecia indiferente ao novo cenário, ao *desconforto*. — Espera lá na sala que eu vou buscá-la.

— Com a sua licença, padre — interrompe Aurora, saindo do avental. — Eu já tomei meu remédio e preciso deitar um pouquinho.

Mãe e filha trocam olhares complicados, que eu ignoro em razão do café. Está bom, quente e forte.

Não demora muito e o café passa a ter poucas funções na sua vida, e nenhuma delas está relacionada aos efeitos populares da cafeína. Deixa de ser um estimulante e vira um hábito, um *esquentar de estômagos*, um acompanhamento que contrasta o açúcar ou a simples cura da dor de cabeça que a falta dele causa. Por essa razão, somada às causas e efeitos da noite anterior, deixo o sofá branco coberto de plástico. Escapo do calor seco e cheiroso que cobre a sala de estar daquela casa grande como um átomo e seus espaços vazios entre os elétrons. Não sou de ferro, mas de carne, osso e assunto.

Quando abro os olhos, Helena suspira aliviada.

Ao lado dela, sentada no sofá, uma garotinha tão magra quanto a mãe me analisa com pupilas grandes e curiosas. É uma criança bonita, limpa e simpática, perfeita para comerciais e reuniões de família.

— Tudo bom, mocinha? — é tudo que consigo dizer. — Sabe que dia é hoje?

Helena leva uma das mãos até a boca e começa um choro contido, de alívio. Depois, responde pela filha com a boca trêmula:

— Hoje é dia vinte e três.

— É quarta-feira — completa a garotinha.

Hoje é meu aniversário. Deveria comemorar o fato de ter sobrevivido ao mundo por mais um ano inteiro. Dias como este fazem parecer que tudo entre o céu e a terra lhe deve alguma coisa, sem qualquer justificativa interessante. Trabalhar pode transfigurar-se num grande insulto, afinal, aquela é a data do seu nascimento. *Não sofri o suficiente?* Claro que sofreu, sofreu muito, simples assim. O pensamento basta para a vida em qualquer condição.

Ali, com uma almofada no colo, está alguém cujo pequeno fardo eu posso amenizar, enquanto me benefício na mesma moeda.

— Vinte e três, certo. — Não importa. — Então, Beatriz, tudo bem com você?

— *Hum hum* — é o único som que ela produz, intimidada pela atenção repentina que lhe coloquei sobre os ombros.

— E quantos anos você tem?

Beatriz começa a mover o pequeno indicador, deslizando-o pela outra mão numa contagem séria e concentrada.

— Ela tem seis anos — responde Helena, controlando as lágrimas. — Não é lindo esse vestidinho azul? Consegue ver as borboletinhas, padre?

— Vejo, é um vestido muito bonito. — E é realmente. — Acho melhor eu e Beatriz conversarmos um pouco.

— Eu já ia sair. — A mulher abraça a filha e beija suas bochechas com cuidado. — Mamãe te ama, viu? Muito.

— *Hum hum* — repete a criança ainda perdida entre os cálculos.

— Muito obrigada, padre. Vou subir.

— Eu e a Beatriz ficaremos bem, não é? — Faço uma cara simpática enquanto Helena sobe as escadas, parando um momento para ver a cena do alto mais uma vez.

Beatriz abre um sorriso e fala com a voz pastosa e infantil:

— Ela só queria ter certeza, sabe? É vaidosa. Não gosta de pensar que ficou doente e maluca. Mulheres bonitas são assim.

Tenho a sensação de estar esquecendo algum ponto importante. Apesar do pressentimento, não constato nenhuma possessão. Seus olhos estão no lugar, a pele não vibra e ela não cheira mal. Encara meu crucifixo com naturalidade, e a espuma do sofá não parece muito distorcida — sinal de que tem o peso de uma garotinha de seis anos. Beatriz talvez possua algum dom mediúnico ou coisas do tipo. Ver pouco pode ser um grande problema, mas enxergar demais é uma armadilha ainda maior.

— Certeza do que, exatamente?

— Você não me ouviu? Ela só precisava ter certeza de que não é maluca. Sem isso, não poderia...

Ela fica em silêncio e balança os pezinhos como se quisesse fazer o tempo passar.

— *Não poderia* o quê? — Melhor colocar as cartas na mesa de uma vez. — Escuta, eu conheço outras crianças como você, Beatriz.

Bruum!!

O estrondo no andar de cima me faz pular e ficar de pé num segundo. Beatriz olha para o lado sem parecer surpresa e diz:

— *Ela já partiu, não tem mais jeito.*

Subo as escadas correndo e abro a primeira porta que encontro. Em cima da cama, Aurora ronca alto com uma das mãos ainda sobre o criado-mudo, onde uma caixa com tarja preta se mantém equilibrada no meio das outras.

Tento a próxima porta: um banheiro.

A terceira parece emperrada.

— HELENA!! — grito e soco a madeira com força. — HELENAAAA!!

Consigo uma pequena abertura, por onde empurro a cômoda grande e pesada que escora a porta.

O quarto está escuro, mas é possível ver o buraco deixado no teto. Ali ficava um ventilador velho, que agora esmaga as entranhas da mulher. Helena tem uma corda no pescoço e sangue escorrendo pelas pernas.

•

— Você está liberado, padre — diz o policial, como uma secretária marcando a próxima consulta por telefone.

— E a dona Aurora?

— Continua apagada, tomou uma dose extra de *seja lá o que for*. O socorrista disse que ela está bem.

— Preciso acompanhar a menina, é importante.

Ele me pesa na sua balança acostumada ao ofício e não consegue conter o leve erguer de lábios. Sinaliza que sabe das coisas e gosta disso. Um homem sensato, que conhece muito bem qual é o melhor a se fazer numa hora como essa.

— O senhor passou por uma situação difícil, padre. Vá descansar.

Beatriz segue imutável, observando tudo acontecer. Ignora a compaixão do policial e vou até ela.

— Eu não disse? — Beatriz repete o seu sorriso. — Sabemos para onde ela foi, não é?

— Toma. — Coloco um cartão em suas mãos, mas ela o deixa cair, então o ponho sobre a almofada. — Não deve precisar disso, como você e eu sabemos, mas peça para o seu pai ou a sua avó me ligar, entendeu? Você não tem problema nenhum, baixinha.

— *Hum hum.*

•

A manhã é uma coisa sólida.

Quase consigo sentir a pia. Não falo de simplesmente tocá-la, mas de reconhecer sua presença, notar o empenho dos blocos de concreto que sustentam aquele granito fragilizado pelo buraco que foi aberto para encaixar a cuba. Perceber o que conta a organização precária da louça suja. As razões de ter deixado uma garrafa maior do que a lixeira dentro da lixeira. Eu sou tudo isso, mascarado entre o que comi, bebi, fumei, limpei ou deixei de limpar. Quais são meus garfos preferidos, minha caneca e meu copo?

Ainda estou mareado, com a cabeça longe, sujo de sonho e sono. A vida está lá fora: longe e dentro da televisão.

Penso na garotinha. Deve fazer uma semana e meia que não tenho notícias de Beatriz.

Minha campainha toca.

Pelo olho mágico vejo o mesmo vestidinho e suas borboletas — *falando no diabo*. Por um momento, me pergunto como ela conseguiu entrar no prédio e fazer todas as outras coisas necessárias para estar ali. *É uma criança especial, deu um jeito*. Claro que deu.

— Oi. — Beatriz ergue as sobrancelhas, como fazia a mãe.

— Bom dia, Beatriz. Você veio sozinha?

— *Hum hum*.

Parada no corredor, ela parece esperar pelo meu erro.

— Vamos, entra. — Aí está a caixinha onde eu deveria ter lido aquela única palavra: *desnatado*. Meu pudim já era. — Estou fazendo café.

— Obrigada pelo convite!

Poderia ter sentido o problema, mas não coloquei o pé no corredor. Anjos protegem certas casas, o que facilita meu trabalho; porém, o anfitrião sempre tem seu livre-arbítrio respeitado.

A menina vai entrando devagar, saltitando de um jeito quase imperceptível. Depois dá meia-volta, cobrindo-se com sombra e frio.

— É impressionante o poder de um convite. Fazem verdadeiros milagres. — Beatriz agora é um cão negro do tamanho do meu fogão. Cheira a leite azedo e tem os olhos da cor de miolo.

— *Merda*. — Antes de continuar a lamentação, sinto o empurrão nas costas e vou parar na parede oposta, derrubando as cortinas.

— Obrigado por deixar a porta aberta, padre. — Pedro agradece e avança para terminar o serviço enquanto faz seu discurso. — Desgraçado! Não tem vergonha de abusar de uma família em luto?! Ah, Deus, não bastou a minha filha?

Ele me chuta na costela com a bota grossa, alheio à aberração que me dirige a palavra.

— É um dos protegidos do *Inimigo*, Raul. — O cão lambe uma ferida na pata, saboreando a vitória. Sua voz é rouca, duplicada. —

Foi muito difícil pensar num plano para tirar você do centro do Rio; *muito difícil*.

Pedro não para de bater e gritar.

— Beatriz morreu há dois anos! Está morta, entendeu?! Morta! Até um filho da puta resolver dar corda à imaginação de uma mulher fragilizada! Satisfeito? — Ele para subitamente, constatando o estado precário da figura murcha e ensanguentada no chão: eu.

A faca grande e polida é tudo que Pedro consegue ver na minha cozinha. Ele encaixa a base entre os dedos e respira fundo.

— Você morre hoje.

Contenho a facada, mas Pedro me estrangula com a mão livre. É muito mais forte do que eu. O rosto do homem começa a perder seus contornos. Sei que vou apagar em breve, talvez morrer.

— *Morrer?* — pergunta o cão, lendo minha mente. — Não, isso não. Não lhe daria esse presente. Não enquanto seu destino for o *andar de cima*. Vai sair do nosso caminho um pouquinho, só isso.

Enquanto Pedro vê a faca saltar, flutuar na atmosfera quente e afundar no seu pescoço grosso, eu acompanho ao mesmo tempo a língua grande e esverdeada do demônio forçar o cabo e girar a lâmina com malícia até encontrar uma artéria.

— Faço minhas as suas palavras, padre: *Seu pai deveria cuidar melhor das crianças dele* — ele zomba. É o demônio que despachei na Rua Uruguaiana. Ainda me lembro da boliviana segurando a porta, pronta para correr.

É óbvio que a faca tem as minhas impressões digitais. É óbvio que eu e Pedro estamos sozinhos.

•

Ela pede que eu escreva socorro no desenho que fez. São cinco pessoas de grafite sendo enforcadas e que precisam gritar.

Estou sonhando, logo vou acordar.

Não adianta o típico.

Filosofias do óbvio.

Que alimentem as histerias por aí. A minha não.

Espero o toque da manhã.

Hipnopompia é o nome chique.

A garota geme. Aquilo que aos poucos escapa do seu corpo mal influencia o peso nos meus braços. Eu perdi. Vinte e um gramas. O mundo perdeu. O mundo sempre perdendo e querendo perder. Se sexo fosse o núcleo do homem, teria uma categoria só sua no Prêmio Nobel. Barrabás arrotando todas as sextas-feiras sem saber que foi salvo, não pela gritaria, não pelo barulho. A garota para de gemer. Salvação é a puta que pariu. O fogo lambe as minhas costas, cospe três vezes em todas as direções. Seca as minhas lágrimas antes que eu as tenha para chorar. Sou espectador de mim mesmo. Todo mundo é espectador de si mesmo. Lágrimas caem do meu rosto quando engasgo com um pedaço de pão, quando escovo a língua ou tenho um ataque de riso. O processo é o mesmo, as glândulas lacrimais funcionando. Chorar é diferente. Chorar é outra coisa.

A última vez que eu chorei foi ontem. Chorei ouvindo música. *A face do mal. Um grito de horror. Um fato normal. Um êxtase de dor.* Foi dia de visita íntima. Entra outra garota, sai outra garota. *Um corte exposto. Em seu rosto, amor.* Chorei, e não foi o pão nem a escova de dentes.

Agarro o terço. Vejo partes de um rosto na pouca luz. Luís tem um hálito horrível de fome, de suor.

Coloco o terço para dentro da camisa. Falar dormindo incomoda as pessoas, mais ainda se for um padre sonhando. Um padre preso por esfaquear um homem. Esfaquear o pai de uma criança morta, o marido de uma mulher que se suicidou. Tião é supersticioso e bate o cassete nas grades. Tião come o cu de outra Helena toda terça-feira e chupa o pau dela. Superstição é

heresia. Sou uma coruja piando no telhado às três da manhã. Um urutau cantando depois da meia-noite. Um chinelo de ponta-cabeça. Uma linha no chão. Um café de calcinha. Jung disse que a superstição e o acaso manifestam a vontade de Deus. Só rindo.

Sorrindo, Luís não parece ofendido.

É um terço bonito e parece de prata. Não seria má ideia. Luís precisa de ideias, raramente tem as suas.

Tião acende um cigarro. Uma criança provocando as outras, comendo sozinha o seu pacote inteiro de biscoitos.

— Ei, padre — chama Luís na cama de cima. — Tá fazendo o que aí?

— Escrevendo.

— Daqui a pouco vão apagar as luzes das celas, vai ficar tudo escuro.

— Sério? E no mesmo horário de ontem, Luís! Que coincidência!

— Relaxa, padre. Posso arrumar uma lanterninha pra você, uma dessas que cabe na boca *e no...* — Ele pensa em completar, pelo que diz o riso.

— E quanto isso vai me custar, Luís?

— Bom, aí depende. Tem um cara aí, na ala onze, que mordeu o Marquinhos ontem e comeu a orelha dele. Isso é coisa do capeta, padre, sabe como é.

— Sei, sei como é.

CONTEÚDO EXTRA



VERTICALIZAÇÃO

Basílio Kaliel Baran

Élio tem um segredo.

— ... deve ser algo difícil de lidar. Quantos anos eram?

— Dez, quase onze. Mas acontece...

— Acontece, né? Se for pra ser, tem que ser. É melhor do que deixar do jeito que tá, né?

— É, acho que... depende, né?

— Depende, depende. — O colega escapuliu pela conversa fiada. — Mas nunca te vi aqui, sempre pego este ônibus.

— Eu tinha que resolver umas coisas antes do trabalho, daí peguei ele mais cedo que o normal. — Um calafrio rastejava por sua espinha.

Mergulharam em comentários esparsos sobre o gerente. A boca de Élio mexia-se por conta própria enquanto seus olhos procuravam uma saída. O ônibus fez uma curva em alta velocidade. Seguraram com força o corrimão. Élio saiu do chão por um instante. O espaço comprimiu-se, as luzes piscaram e, quando percebeu, já estava no ponto.

— Não vai descer? Ah, as coisas pra resolver, né?

Élio assentiu, quase ofegante. As nuvens cinzentas prometiam fresco na semana de verão, mas a ausência de sol discordava do calor abafado que contorcia-se nas fibras de seu paletó. Seu

colega disse qualquer coisa. As portas fecharam-se. O ônibus percorreu toda a linha até voltar ao mesmo ponto. Élio, imóvel, o braço esticado para cima empurrando o corrimão, entoava mentalmente *elefante, baleia, rinoceronte. Elefante...*

— Bom dia, bom dia — ecoou na recepção do prédio comercial. Passou o cartão no elevador automático. Facilita as coisas, pensou, previne assaltos e, o mais importante, informa o horário de chegada do funcionário. Vão deixar passar, tem que deixar. O elevador disparou, deixando Élio arrepiado com a falta de peso. Nonagésimo segundo andar. Plim.

Passos abafados no carpete cinza. Esgueirou-se pelos cubículos. Lavou o rosto no banheiro claustrofóbico, cubista. Trabalhou, durante as três horas seguintes, em um relatório sobre prejuízos causados por processos acusando negligência com a saúde mental dos funcionários da empresa (conclusão: pagar os processos é menos custoso do que uma reforma organizacional. Recomenda-se uma ação integrativa por parte do RH, como uma sessão semanal de *yoga*). Depois, um breve relatório sobre o aumento de vendas de limpadores de janelas magnéticos desde a implantação do projeto verticalizador da cidade. Almoçou na cantina. À tarde, começou uma avaliação sobre a estratégia da empresa de segmentar a marca mais popular de molho de tomate em duas, mas, no meio da parte sobre publicidade rivalizante, foi chamado para uma reunião emergencial sobre uma desvalorização repentina nas ações depois da repercussão *online* do vídeo do funcionário se atirando da janela.

Élio saía exausto da sala de reuniões quando sentiu uma mão em seu ombro.

— Preciso dar uma palavra com você, só espera um segundo antes — disse o gerente, que em seguida virou-se em direção ao banheiro.

Élio encostou-se na parede do corredor e observou os colegas passarem. Depois que o último desapareceu na esquina, a vertigem preencheu seus sentidos. Pensava nos advogados, no apartamento, nas rugas em sua testa, mas interrompeu sua mente. *Elefante, baleia, rinoceronte. Elefante...*

A porta do banheiro rangeu. O gerente saiu, pomposo e gorducho.

— Élio, eu gostaria de te falar isso de maneira casual. Não é uma repreensão, senão estaríamos em meu escritório. Gostaria que você visse isso como o conselho de um amigo no corredor, entende?

Élio assentiu, tentando não pensar, mas seu corpo já se preparava.

— Eu entendo que você está passando por uma situação domiciliar complicada. Você e a...

— Renata.

— Renata... depois de tantos anos, é realmente uma pena. Mas, Élio, você tem que entender... — Um arrepio subiu por sua espinha, ramificando-se por todas as vértebras, induzindo-o ao desespero. — ... que cada funcionário é um empreendedor de si mesmo. Cada um escala seu próprio caminho. E não é cabível uma empresa retribuir a alguém que não está colaborando. A empresa quebraria, concorda?

Élio murmurou algo, mas não discerniu as próprias palavras. Examinava com as pupilas o corredor. Liso, sem reentrâncias, alças, mesas ou cadeiras, apenas portas e maçanetas. Seu coração preparava-se para decolar.

— E, por isso, espero que você se recupere logo, porque, senão, eu não poderei evitar que seus atrasos sejam descontados. E acho que esse seria um péssimo momento para ter uma redução no salário...

O cartão do elevador. As nuvens pesadas. O funcionário caindo. A propaganda de molho de tomate. *Elefante, baleia, rinoceronte...*

— Desculpe, senhor. — Teve de repetir algumas vezes até que a intromissão fosse aceita. — Eu entendo perfeitamente, mas é que eu preciso urgentemente usar o banheiro. Por favor, me desculpe, um instantinho apenas, por favor... — falava levantando o indicador e já sumindo pela porta.

— É, claro, claro — murmurou o atônito gerente, a testa franzida, desaparecendo pela fresta. — Sinta-se em casa.

Élio trancou a porta e começou a flutuar.

Elefante, baleia, rinoceronte. Elefante, baleia, rinoceronte. Elefante, baleia, rinoceronte, caminhão, bigorna, prédio, transatlântico...

Não adianta, concluiu. Com as mãos no teto, empurrava-se para o chão tentando se manter na vertical, mas percebeu que não seria um episódio curto. Sentia o centímetro cúbico no centro do seu peito ficar mais leve a cada segundo, leve o suficiente para levar consigo todo o resto do corpo esguio, exponencialmente leve. Suava. Desabotoou o paletó, os pensamentos disparados. Deixou-se levitar até seu peito encostar no teto. Boiando deitado, fechou os olhos.

Elefante, baleia, rinoceronte. Elefante, baleia, rinoceronte. Elefante, baleia, rinoceronte, caminhão, bigorna, prédio, transatlântico, meteoro, irídio, rênio, ósmio, platina, ouro. Elefante, baleia...

— Élio, está tudo bem aí? — a voz do gerente perfurou a porta.

Mordeu o lábio. Sequer tinha parado de perder peso, não parecia que ia pousar tão cedo. Devia ter voltado para casa depois do incidente no ônibus, pensou, era um sinal. Mas a ideia de passar mais tempo lá era tão insuportável quanto esta situação.

Empurrou o teto até conseguir colocar os pés no piso e aproximou a boca da fechadura.

— Senhor, eu acho que... — Apertou os olhos, convencendo-se de que era necessário. — Se você não se importar, senhor, podemos ter essa conversa mais tarde? É meio que uma emergência.

Silêncio.

— Senhor, você...

— Estou, Élio. Tudo bem, é você quem sabe. Passa mais tarde no meu escritório então. Você é quem sabe...

— Obrigado, senhor, mil desculpas...

Continuou desculpando-se até os passos se afastarem. Estava piorando. Mordeu a mão com força e voltou a se concentrar... *irídio, rênio, ósmio, platina, ouro. Elefante, baleia, rinoceronte...*

Que merda, pensou, não tinha um episódio desses há muito tempo. Normalmente conseguia aguentar até a hora de dormir e sonhar suspenso no ar. Renata só reclamava de ele puxar a coberta. Como achar outra pessoa que entendesse? Que mantivesse em segredo? Tudo que as pessoas querem é exibir, postar, monetizar. A ideia já lhe ocorrera, mas sempre se lembrava do pai falando que, se isso viesse a público, em três horas ele estaria em uma cela subterrânea da CIA, dopado pela eternidade enquanto injetavam seringas enormes em seus olhos e eletrocutavam seus testículos.

O barulho esguio da maçaneta girando e da porta sendo empurrada. O clique da tranca. Élio ouviu alguém encostar-se na parede do corredor, esperando-o sair. Isso não era bom. Ia demorar, provavelmente achariam que passava mal, ou que se masturbava. Seja qual fosse, era matar serviço, então dariam um jeito de tirá-lo dali. Mas não podia andar — ou empurar o teto com as mãos — até sua cadeira e continuar o relatório. Pensava em outro

lugar para se esconder, mas os banheiros eram os únicos cômodos sem câmeras. Íris, a fabricante escrita em cinza-claro na lateral do aparelho e marcada a ferro em sua mente: mesmo nome de sua mãe.

O mantra sumiu de sua mente. Não podia ficar ali. Olhou para a janela estreita do banheiro. É loucura, pensou. O episódio parecia longo, mas ele não teria como descer suavemente. Tentava lembrar-se de como era o exterior do edifício. Novas batidas soaram.

— Oi, tudo bem aí?

Mordeu os lábios. Desabotoou o bolso e pegou o celular, segurando-o firme para que não flutuasse sozinho como as bolas de chumbo que tentou levar no uniforme de escola. Em uma apressada pesquisa no google, teve um fragmento de ideia. Os passos abafados contra o carpete do corredor desenhavam círculos em sua mente. Mais batidas na porta. A maçaneta girou. Élio guardou o celular e virou o corpo na direção da janela. Ao mover-se, bateu o joelho contra a lâmpada, que soltou-se e espantou-se num estalo agudo.

— O que está acontecendo aí? Tá tudo bem?

A maçaneta foi girada com força. O trinco frágil tilintou. Élio agarrou com duas mãos a trava da janela e, com esforço, conseguiu abri-la. Engolindo em seco, puxou-se para o mundo.

Apenas a cabeça para fora, contemplava os noventa e dois andares até o oceano cinza. O vento cortava suas bochechas. Seu peito ficou vertiginosamente mais leve e chocou-se na borda da janela. Élio esforçou-se para não gemer.

— Tem alguém aí? Está tudo bem? Tá passando mal? Quer que arrombe?

Élio pensou em voltar e dar uma resposta apenas para ganhar tempo, mas seu ombro direito entalara na minúscula janela.

Rastejou a mão esquerda até o lado de fora e, apoiando-a contra o exterior do prédio, empurrou-se. O metal da moldura da janela rasgou sua camisa e tirou sangue. Élio lançou-se para fora.

O sirênico cântico do trânsito noventa e dois andares abaixo.

Tentou girar o corpo para segurar-se em alguma reentrância do prédio, mas estava subindo rápido demais, como se Deus houvesse fisgado-o pelo coração. Viu os andares passarem. Uma mulher sentada de costas para a janela virou-se um segundo depois que ultrapassou seu andar. Concluído o giro, apontava os pés para o prédio. Desbalanceado, subia pendendo para o lado em que as pernas estavam. Tateava o ar, procurando algum apoio. Aproximava-se cada vez mais do prédio, que por sua vez afinava-se quanto mais se elevava. Cento e um, cento e dois, cento e três. As últimas janelas passaram a centímetros de seus dedos. Bateu o joelho no para-raios, sem conseguir agarrá-lo com as pernas, e gemeu de dor enquanto afastava-se do prédio, astronauta à deriva.

Cada vez mais leve, subia.

As nuvens cinzentas aproximavam-se velozes. Penetrou-as, perdeu a visão e rezou para ainda estar subindo quando as deixasse. Saiu molhado e com cheiro de poluição.

Teria que ser do jeito mais difícil. Lembrou-se do cálculo do pai, quinhentos metros, um pouco mais de cento e cinquenta andares. Era um cara engraçado, agricultor, pés descalços. Naquela época, o prédio mais alto do mundo tinha cento e sessenta andares, oitocentos e vinte e oito metros. Com certeza o pé-direito não era de três metros, como no cálculo do pai. Apesar disso, ele teria uma solução muito mais fácil para essa situação. Na primeira vez, o pensamento rápido dele foi seu salvador.

Fechou os olhos.

Voltava do funeral da mãe para a casa ainda cheia de balões, no dia em que devia ter sido seu aniversário de dez anos. Sentou-se nos degraus em frente ao pórtico, chorando a plenos pulmões, rejeitando qualquer toque do pai. A raiva tinha que ir para algum lugar, então olhou para cima. Subiu. Entre gritos confusos, seu pai viu-o cada vez mais longe e, de imediato, correu de volta para dentro. Élio chorava, gritando por socorro para a plantação de soja, pensando ter sido abandonado. O pai voltou, amarrava um fio de *nylon* para pesca nos balões em forma de um e zero. Balões resistentes, que iam alto. O pequeno Élio subiu, se debatendo, até estagnar. Os balões o alcançaram logo depois, junto do fio de *nylon* pelo qual seu pai pescou-o para baixo.

Quinhentos metros, o mesmo comprimento do fio, uma daquelas coincidências que ninguém explica.

E ali estava Élio mais uma vez, suspenso acima das nuvens, o vento arranhando sua pele, o suor empapando suas roupas, o pequeno ponto em seu peito recusando-se a subir mais, encostado no teto do mundo como há pouco encostava no do banheiro.

Os prédios eram estalactites. Dez metros por segundo ao quadrado. Cairia primeiro como uma folha de papel, o ar desacelerando-o. Um segundo depois, seriam vinte metros por segundo. Depois trinta. A cinquenta, o vento cortaria sua pele e olhos. Trezentos metros antes do impacto, seu corpo provavelmente desistiria e os excrementos tomariam a roupa. Antecipara a situação tantas vezes que talvez não tivesse a sorte de desmaiar. Em dez segundos seria uma mancha no asfalto.

Tirou o celular do bolso com cuidado. Girou as pernas para a direção desejada e começou a seguir em linha reta, usando o corpo como leme.

Pensava sobre o gerente, sobre o banheiro que descobririam vazio e com uma lâmpada quebrada, sobre o funcionário que

desaparecera. Procurariam na calçada. Deveria aparecer no dia seguinte? Com qual desculpa? Seria justa causa, atrasos demais, fugira do serviço. Talvez fosse melhor demitir-se, poupar-se do transtorno, da dúvida.

Suas veias foram tomadas por melancolia. O rosto de Renata abriu-se em uma flor de lótus, distanciando-se.

Seu peito começou a pesar e, antes que percebesse, caía. Primeiro como uma folha, mas logo como um elefante.

O vento arranhava seus tímpanos e seus braços se debatiam, como asas atrofiadas. Sentia o ar cada vez mais denso. As nuvens cinzentas aproximavam-se como concreto. Élio, exausto, não tinha mais medo, fechou os olhos e tentou morrer sem sofrer. Pensou no vento rasgante como uma brisa marinha soprando de um oceano que no horizonte se fundia ao céu. Pensou nos olhos azuis do pai enquanto comiam o bolo de aniversário, o pé amarrado com o fio de *nylon* na cadeira; na vez em que andavam de bicicleta e as rodinhas descolaram do chão. Por um momento, pedalou no ar; na roda murcha que o pai inflava com o sorriso brincalhão; na sensação de dormir nas nuvens; na imensidão de pessoas que se aproximavam.

Mergulhou cego nas nuvens cinzentas. Em um fragmento de segundo, não havia mais nada. Quando abandonou-as, viu-se flutuando mais uma vez. O gosto acre de poluição impregnado na língua. Checou o celular e girou o corpo, ajustando o curso.

Por longos minutos povoados de incertezas, percorreu a cidade até avistar o prédio mal arquitetado. A verticalização urbana ignorara o peso da poluição condensada. O relógio que coroava a torre comercial impunha-se como uma fortaleza sobre as nuvens, inútil para o pedestre quinhentos metros abaixo que desejasse saber as horas. Aliás, quem usa relógio?

Élio preparou-se para o impacto. A esclera branca cortada por dois enormes ponteiros marcando três e meia. Colidiu, agarrou-se no ponteiro menor com braços e pernas. Desatou a tremer ao sentir, no mesmo instante, seu peito ganhar todo o peso novamente. As mãos ardiam com a força do agarrão. Examinou o relógio até distinguir a silhueta de uma portinhola à distância de um chute, um longo chute. Esticou, muito devagar, uma perna. Em três tentativas, abriu a portinhola em um ranger sofrido. Depois de vinte e cinco minutos de horror, o ponteiro das horas desceu o suficiente para que pudesse, em um contorcionismo suado, entrar na torre do relógio.

Élio beijou o chão empoeirado. Conjuntos de engrenagens estendiam-se em um labirinto estalante, aprisionando o enorme minotauro metálico, adormecido.

Élio aproximou-se e encostou no sino que nem sabia existir. A lingueta, úvula inflamada, coçando-se para gritar. Pensou que, embora o badalar não pudesse ser ouvido por causa da poluição sonora da cidade, a construção inteira na verdade servia àquele sino, cuja vibração silenciosa só podia ser deduzida pelas caretas do relógio executivo preto e branco, raramente vistas. E, mesmo que não houvesse qualquer resposta às suas chamadas, o sino continuaria a badalar para si mesmo, pois era isso que estava destinado a fazer, em bronzil desprezo pelo vento, pelo tempo e pelas dezenas e dezenas de andares corporativos. E quando as nuvens ácidas corroessem todas as pinturas, fios e vigas, haveria um tempo (infinito e nulo, pois o relógio já teria desaparecido) em que o sino, até então protegido das intempéries, resistiria até ao tempo. E talvez seu gerente, o colega no ônibus, o funcionário que se atirou, ele próprio e todos na cidade trabalhassem apenas para que o sino soasse em silêncio sua última badalada.

Então o sino berrou quatro vezes.

A vibração correu pela ponta dos dedos de Élio até seu peito. Seus pés descolaram do chão. Ele fechou os olhos e suspirou. Eu devia fazer algo sobre isso, pensou.



MINNA

Editora Minna

www.minnaeditora.com.br

contato@minnaeditora.com.br

TIPOLOGIA: Adobe Garamond Pro
Lacquer

PAPEL: Pólen 80 g/m² (miolo)
Cartão 250 m/m³ (capa)

IMPRESSÃO: Fábrica do livro
1ª EDIÇÃO: Abril de 2026

